



COLETIVO DOMINGOS DE ANGOLA: A CAPOEIRA TERESINENSE ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

CHILDER NATANIEL PEREIRA SILVA





COLETIVO DOMINGOS DE ANGOLA: A CAPOEIRA TERESINENSE ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

CHILDER NATANIEL PEREIRA SILVA



FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

S586c Silva, Childer Nataniel Pereira
Coletivo Domingos de Angola: a capoeira teresinense entre o
público e o privado / Childer Nataniel Pereira Silva – Teresina: Edufpi,
2021.
204 p.

1. Capoeira Angola. 2. Espaço Privado. 3. Espaço Público. 4.
Musicalidade. I. Título.

CDD 796.812



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ**

Reitor

Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Viriato Campelo

Superintendente de Comunicação

Fenelon Martins da Rocha Neto

Editor

Cleber de Deus Pereira da Silva

EDUFPI – Conselho Editorial

Cleber de Deus Pereira da Silva (Presidente)

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Gustavo Fortes Said

Nelson Juliano Cardoso Matos

Nelson Nery Costa

Viriato Campelo

Wilson Seraine da Silva Filho

Ilustração e capa

David dos Santos Ribeiro

Diagramação

Childer Nataniel

Revisão

Monique Izoton

Foto da capa

Felipe Esdras

Sumário

PREFÁCIO.....	9
APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO 1	27
Entrada na comunidade da Capoeira teresinense ...	27
Reflexões iniciais sobre o “coletivo” Domingos de Angola.....	27
A Capoeira em Teresina	42
“Grupo de Capoeira” x “Coletivo de Capoeira”	64
CAPÍTULO 2	81
O “coletivo” Domingos de Angola e as oficinas de musicalidade	81
Felipe Esdras e a prática nos parques	81
Roda de carnaval.....	108
Contramestre Sabiá e o “coletivo” de musicalidade no Parque da Cidade	121
CAPÍTULO 3	145
O “coletivo” de capoeira terapêutica	145
Agentes, relações e significados atribuídos à prática na Viva Clínica	145

O Método FB/FBC.....	.160
Treinos/sessões de Capoeira Angola.....	.173
Alimentação182
Relações pessoais e sociais188
CONSIDERAÇÕES FINAIS190
REFERÊNCIAS197

PREFÁCIO

“Coletivo” de capoeira: a versão fluida dos tradicionais “grupos” e “núcleos”

No livro “Coletivo Domingos de Angola: a capoeira teresinense entre o público e o privado”, Childer Silva nos apresenta uma etnografia sensível, cujo resultado foram conceitos e conclusões importantes para a compreensão das relações sociais entre capoeiristas no interior do universo da capoeira, assim como da relação entre a capoeira e as instâncias da sociedade mais ampla, o que torna a leitura interessante tanto aos pesquisadores do tema quanto aos próprios membros da comunidade ou apreciadores da capoeira. Importante salientar que o trabalho do autor é marcado por um contexto repleto de emoções e superações, como o falecimento precoce de seu principal interlocutor, o camarada Felipe Esdras, uma figura querida e interessante por seus gostos aparentemente destoantes, o trabalho voluntário com capoeira e a criação de um método de terapia corporal a ser implementado em clínicas de fisioterapia particulares.

Inicialmente, a pesquisa se baseou nos treinos e nas rodas do Coletivo Domingos de Angola realizadas por Felipe Esdras nos parques da cidade de Teresina, onde Childer Silva identifica uma fluidez nas relações de pertencimentos muito peculiares e problematiza os limites do “sistema de linhagem” (BRITO, 2017), estruturado através de conjuntos de “fundamentos” definidores de pertencimento duradouro,

articulados em unidades sociais definidas (núcleo, grupo e linhagem). Considerando a categoria nativa, o autor desenvolve a noção de “coletivo” em complementação aos termos do sistema de linhagem: coletivo é “um tipo de pertencimento provisório e contextual no qual não há a necessidade de se escolher, naquele momento, apenas um em detrimento de outros. Um pertencimento que se faz, se desfaz e se refaz constantemente, uma vez que os sujeitos envolvidos nas relações gozam de autonomia para exhibir outros vínculos e outros valores dependendo da situação e do contexto” (SILVA, 2021, p. 77).

Após o falecimento de Felipe, Childer Silva passou a analisar dois outros trabalhos junto a pessoas que participavam do coletivo de Felipe Esdras. O intuito era saber se haveria continuidade dos valores estruturantes do Coletivo Domingos de Angola após o falecimento de seu idealizador, uma vez que o vínculo de pertencimento entre quem ensinava e quem aprendia era mais tênue do que as modalidades de pertencimento, mais facilmente encontradas no sistema de linhagem e que garantiam a transmissão e a continuidade da tradição.

No decorrer da análise vemos duas formas parciais de continuidade e muito distintas entre si: um “coletivo” vinculado à musicalidade desenvolvida nos espaços públicos, junto à comunidade de Felipe, e outro “coletivo” em um espaço privado, restrito a clientes ou capoeiristas próximos, e sendo fortemente marcado por objetivos comerciais. Essas novas

formas instauram novas relações de poder em torno de legitimidade e de lealdade entre diferentes agentes e segmentos do universo capoeirístico da cidade de Teresina.

Dessa forma, através de uma etnografia de considerável fôlego, o autor nos mostra a complexa tessitura envolvendo uma arte afro-brasileira, tradicionalmente agregada a um conjunto definido como “saberes tradicionais e/ou marginais”, ambientado e performatizado tradicionalmente na “rua” (espaços públicos), e um “saber biomédico” majoritariamente dominado por sujeitos de classes mais abastadas e praticado em clínicas (no caso tratado aqui, em espaços privados).

Podemos assim entender a capoeira como um “fato social total” (MAUSS, 2003), articulado às esferas cultural, social, política e econômica da sociedade mais ampla. O público e o privado, o marginal e o hegemônico, a coletividade e o individualismo, o pertencimento e o mercado aparecem como pares de relações ora de oposição ora de complementaridade. Assim, o livro “Coletivo Domingos de Angola: a capoeira teresinense entre o público e o privado” trata de uma das questões caras à Antropologia: a formação de “tradições” mediante processos que envolvem continuidades e rupturas históricas e suas conseqüentes relações de poder.

A escrita fluida de Childer Silva faz dessa obra inaugural dos estudos sobre capoeira Angola na cidade de Teresina uma leitura agradável e informativa, tanto aos capoeiristas quanto aos amantes desta arte afro-brasileira, assim como

as análises críticas e ponderadas nela contidas a tornam incontornável aos pesquisadores do tema. Sem dúvida, trata-se de uma grande contribuição para o campo de estudos sobre cultura e capoeira no Brasil, bem como para a história afro-piauiense.

Celso de Brito

Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí-UFPI.

Referências

BRITO, C. de. **A roda do mundo: a capoeira angola em tempos de globalização.** Curitiba: Appris, 2017.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-294.

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto de uma pesquisa de mestrado, voltada para o entendimento dos aspectos políticos e culturais da Capoeira na cidade de Teresina, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí (PPGAnt/UFPI) sob a orientação do Professor Celso de Brito no grupo de pesquisa Antropologia e Política (GAP). A obra tem como escopo de estudo a constituição de duas práticas originadas da desarticulação de um “coletivo” de Capoeira na capital piauiense após o falecimento de Felipe Esdras¹. Veremos que a relação entre diferentes valores e entre capoeiristas de distintos “grupos” desta cidade é de suma importância na formulação e na dinâmica de ambas as práticas. Elas são legitimadas perante a comunidade local

1 Capoeirista e fisioterapeuta, 26 anos. Mentor e principal articulador das ações realizadas por um “coletivo” de Capoeira Angola (CA) nos parques públicos de Teresina entre 2010 e 2018. Felipe possuía quase vinte anos de vivência na Capoeira e foi também um dos responsáveis pela criação de um método que articula movimentos da CA e técnicas de Fisioterapia no espaço privado de uma clínica, em 2014. Devido a sua relação com a Fisioterapia, o termo doutor foi utilizado para identificá-lo no contexto da Capoeira em algumas ocasiões, por exemplo, no espaço privado, após sua morte, e, em vida, no evento 24h de Capoeira (organizado por Contramestre Buscapé) no qual ele palestrou, enquanto fisioterapeuta, sobre a importância do corpo para o capoeirista. Felipe faleceu em agosto de 2018 durante a realização do trabalho de campo; sua morte me abalou de tal modo que pensei em desistir não apenas da pesquisa, mas também do curso de mestrado em Antropologia. Como veremos, trata-se de um interlocutor de suma importância no processo de reconhecimento e legitimação de uma vertente de CA genuinamente teresinense.

através do uso de dois saberes específicos, capoeirístico e biomédico, respectivamente, no espaço público de um parque e no espaço privado de uma clínica. O propósito é compreender como tais relações se desenvolvem e se sobrepõem, ao longo do tempo, à relação entre a Capoeira e a Fisioterapia; quais os sentidos atribuídos à prática no Parque da Cidade e no espaço Viva Clínica (VC)²; e como elas se relacionam entre si e com os demais segmentos da Capoeira teresinense, bem como com outros agentes políticos, entre eles, o Estado e o mercado terapêutico local.

Ao longo desta obra farei uso da categoria “coletivo” com o intuito de entender o contexto de relações que deu origem à prática denominada por Felipe como Domingos de Angola³. Esse termo é o que melhor representa as relações estabelecidas se comparado à utilização de outras definições recorrentes no estudo antropológico da Capoeira, como a

2 Clínica de Fisioterapia, Osteopatia, Pilates e RPG. A prática da CA nesse local opõe-se naturalmente à prática nos parques, ao mesmo tempo em que é por ela complementada, ou seja: uma se desenvolve em espaço privado a partir do saber biomédico da Fisioterapia, e a outra, em espaço público a partir do saber de antigos Mestres de Capoeira, sobretudo no quesito musicalidade. Um deles trata-se, nitidamente, de um ambiente privilegiado e ocupado por pessoas de classe social abastada, enquanto o outro engloba pessoas de classes populares.

3 “Coletivo” de capoeiristas da cidade de Teresina, articulado por Felipe. Uma das características desse “coletivo” é a ocupação dos Parques da Cidade, Potycabana e Cidadania para a prática de Capoeira Angola. O termo Domingos de Angola refere-se também a uma categoria nativa utilizada pelos próprios integrantes do “coletivo”, pois a prática em um desses locais (o Parque da Cidade, primeiro espaço de ocupação) ocorria sempre aos domingos.

noção de “grupo”. Tal categoria é utilizada aqui analiticamente como algo flexível e relacional, uma vez que a relação entre os sujeitos se constrói em diferentes contextos e a partir de distintos pertencimentos e motivações. Deve-se ter em mente que o termo “coletivo” servirá para auxiliar na distinção entre a prática desenvolvida nos encontros do Domingos de Angola e a que se desenvolve em outros segmentos da Capoeira local. Servirá, ainda, para representar as relações sociais estabelecidas na Clínica de Fisioterapia e no Parque da Cidade após sua desarticulação.

O “coletivo” Domingos de Angola articulava sua prática em torno de valores considerados tradicionais, como a retomada de treinos e rodas nas ruas⁴, e da ênfase na musicalidade da CA, através dos encontros organizados por Felipe nos Parques da Cidade (2010), Potycabana (2012) e Cidadania (2017). Veremos que a morte do capoeirista provocou mudanças drásticas nas relações entre pessoas próximas ao “coletivo”, como Conramestre Sabiá⁵ e Fernando

4 Rodas realizadas em espaços públicos, como a rua, os parques, as praças, as feiras, os mercados, entre outros locais, porém, organizadas entre os próprios capoeiristas de forma independente, sem a interferência dos “grupos”.

5 Capoeirista e segurança. Sua trajetória na Capoeira teve início em 1996 na Associação Cultural Oscapoeira (ACO). Conramestre Sabiá frequentava com regularidade os treinos promovidos por Felipe nos espaços públicos, em suma, transitava entre a estrutura do “coletivo” Domingos de Angola e a estrutura de seu “grupo”. No entanto, nunca abriu mão do pertencimento formal à ACO como Felipe fez no fim da década de 2000. Ambos iniciaram juntos nesse “grupo” e após o falecimento de Felipe, Conramestre Sabiá distanciou-se bruscamente do universo da Capoeira,

Boaventura⁶. A principal mudança foi a constituição de outros dois “coletivos”, um pautado na relação entre a Capoeira Angola (CA) e a Fisioterapia, proposto por Fernando⁷ no espaço privado, e outro formulado a partir da relação entre musicalidade e Capoeira, entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional (CR) ou “Anglo-Regional”⁸, instaurado pelo Contramestre Sabiá no espaço público.

Fernando estreita os laços com capoeiristas próximos a Felipe e reforça o uso de terapias associadas à movimentação da CA como principal característica de sua prática

uma vez que se viu abalado com a perda prematura do amigo. Porém, vem retomando gradualmente o trabalho com essa manifestação. Recebeu o título de Contramestre de Capoeira de Mestre Oscar no final de 2019, contudo, devo ressaltar que quando passei a acompanhar suas atividades, ele ainda era considerado instrutor ou professor de Capoeira na ACO.

6 Fisioterapeuta, capoeirista e proprietário do espaço Viva Clínica Fisioterapia. Após o falecimento de Felipe, Fernando optou por manter o trabalho que era desenvolvido em parceria desde 2014. Os treinos/sessões promovidos por ele nesse espaço contam com a presença de capoeiristas, funcionários, amigos do proprietário e, em alguns casos, pacientes/clientes. São gratuitos e realizados diariamente no horário de almoço dos funcionários da empresa (entre 12h e 14h).

7 Denominado cotidianamente de Dr. Fernando, porém, fazemos a opção de evitar o uso de tal termo por acreditar que se trata de um valor ou ideologia questionada nesta obra acerca da hierarquia e da posição hegemônica que as disciplinas biomédicas alcançaram no Brasil.

8 Como veremos no capítulo dois, o uso desse termo se faz pertinente porque tanto Mestre Oscar quanto Contramestre Sabiá definem nominalmente esse como o estilo e/ou vertente de Capoeira que caracteriza a prática do “grupo” Oscapoeira. Além disso, trata-se de recurso utilizado por eles para estabelecer uma distinção com outras categorias como a Capoeira Regional, a Capoeira Angola e a Capoeira Contemporânea.

durante os treinos/sessões promovidos na Clínica de Fisioterapia, espaço no qual são atribuídos outros valores à CA. Uma das especificidades da prática desenvolvida nesse espaço diz respeito à sessão de alongamentos realizada antes de cada treino de Capoeira. Durante os encontros, capoeiristas, funcionários, amigos de Fernando e, em alguns casos, pacientes/clientes são acompanhados por uma profissional fisioterapeuta que orienta as séries de exercícios e a utilização dos aparelhos de Pilates (uma das técnicas utilizadas no espaço), cujo intuito é complementar e articular os treinos/sessões.

Contramestre Sabiá, por sua vez, decidiu manter os encontros no Parque da Cidade. Sua intenção era dar continuidade ao que Felipe havia iniciado e, de certa forma, isso acabou acontecendo, pois ele promoveu duas oficinas no parque, preservando alguns valores estabelecidos pela prática instaurada no “coletivo” Domingos de Angola, como o interesse pela musicalidade da CA. No entanto, veremos que a forma estabelecida por ele no Parque da Cidade não seguiu à risca todos os valores eleitos por Felipe, uma vez que Contramestre Sabiá nunca escondeu sua relação de pertencimento com o “grupo” de Capoeira “Anglo-Regional” Oscapoeira, tampouco demonstrou o desejo de desvincular-se dos valores de tal “grupo”. Nesse sentido, podemos dizer que a prática de musicalidade articulada por ele apresenta simultaneamente semelhanças e distinções com a prática do “coletivo” Domingos de Angola.

Este livro está estruturado em três capítulos, além desta apresentação. No primeiro capítulo, serão abordadas questões referentes à entrada na comunidade da Capoeira teresinense e reflexões iniciais sobre o “coletivo” Domingos de Angola. Além disso, será realizada uma análise histórico-antropológica do desenvolvimento da Capoeira na cidade de Teresina com o intuito de compreender as referências de Felipe em âmbito local e nacional e verificar quais delas contribuíram com o processo de formação do supracitado “coletivo” e também com as práticas mantidas por Fernando e Contramestre Sabiá após seu falecimento. Faz-se necessário, ainda, proceder à discussão de duas categorias conceituais (“grupo” x “coletivo”) essenciais para a compreensão do fenômeno estudado. Nos capítulos dois e três, aprofundarei as discussões sobre o trabalho de campo, trazendo dados acerca da dinâmica dos dois “coletivos” difundidos no Parque da Cidade e na Clínica de Fisioterapia.

A primeira subseção do capítulo um remonta à minha relação com Felipe devido à sua relevância para a delimitação do tema aqui estudado. A intenção é descrever como se dá minha entrada em campo e como ocorre o recorte final do problema de pesquisa (ou seja, os “coletivos” de musicalidade e de Capoeira terapêutica), procurando evidenciar os percalços encontrados durante esse caminho e as estratégias articuladas no intuito de contorná-los. Na segunda subseção analiso o desenvolvimento da Capoeira em Teresina entre as décadas de 1970-1980 até os dias atuais, bem como sua

relação com o “coletivo” Domingos de Angola e com as duas práticas constituídas posteriormente à sua desarticulação. Há indícios de que a Capoeira foi difundida inicialmente nessa cidade por segmentos sociais estereotipados pela sociedade e pelo Estado, o que corrobora a definição aqui utilizada da prática como uma forma de saber localizada, em suas origens, à margem. Nesse sentido, serão apresentadas algumas versões sobre as origens da Capoeira teresinense, os primeiros capoeiristas da cidade, os primeiros “grupos”, as influências externas, assim como as controvérsias acerca da prática em âmbito local. O intuito deste tópico é municiar o leitor de informações sobre as influências que operam na articulação entre um saber considerado tradicional e outro biomédico, os quais conferem legitimidade à prática dos dois “coletivos” quando comparadas à prática de outros arranjos existentes no universo da Capoeira local.

No último tópico do primeiro capítulo busco realizar uma breve discussão acerca do uso empregado neste trabalho das categorias “Grupo de Capoeira” e “Coletivo de Capoeira”. A intenção é proporcionar ao leitor melhor entendimento do que seja o “coletivo” Domingos de Angola para, em seguida, compreender o que é definido como “coletivo” de musicalidade e “coletivo” de Capoeira terapêutica. Isso se faz necessário devido à insuficiência analítica do termo “grupo” para representar as relações estabelecidas pelos sujeitos na construção dos “coletivos” e para estabelecer distinção quanto ao uso e aos sentidos atribuídos aos termos ao longo desta obra.

No segundo capítulo, apresentarei dados oriundos do trabalho de campo realizado durante as atividades organizadas pelo “coletivo” Domingos de Angola no espaço público⁹ dos três parques entre agosto de 2017 e julho de 2018, bem como os dados do trabalho realizado com Contramestre Sabiá entre 2019 e 2020 no Parque da Cidade. A intenção é mostrar

9 Deve-se distinguir os termos espaço urbano e espaço público com o propósito de evitar a sobreposição conceitual dessas categorias, já que, muitas vezes, se confunde o espaço público com o espaço urbano. A noção do termo espaço público numa dimensão sociológica é compreendida em função dos usos e das ações que conferem sentido ao espaço físico, ou seja, somente quando as ações atribuem significado e sentimento de pertencimento a certos locais e tal espacialidade tem incidência sobre a construção de sentidos para ação é que se pode falar em espaço público. Na concepção de Leite (2002), o espaço público deve ser entendido como uma categoria formulada em virtude da mediação entre o conceito de esfera pública, no qual a ideia de ação é fundante, e o espaço urbano, que faz referência à categoria espacial. Ainda que todo espaço público seja construído no meio urbano, ele deve ser compreendido para além da noção de rua, ou seja, como uma categoria socioespacial da vida que pode ser identificada com as ações que instituem sentido a determinados locais da cidade e que são por eles influenciados. Para Monteiro Silva e Nascimento, a rua é considerada simultaneamente espaço privilegiado de ações políticas e artísticas e ambiente de violência, exclusão e desigualdades. Os autores entendem a rua “como um componente das cidades que deve ser pensado de forma sempre relacional [...] Ou seja, ela é o lugar de inscrição de um vasto repertório de práticas sociais que nos permite no limite, ultrapassá-lo para refletir – inclusive – acerca das cidades em sentido mais geral” (MONTEIRO SILVA; NASCIMENTO, 2017, p. 56). O uso do termo espaço público neste livro servirá para identificar as práticas instauradas nos três parques por Felipe e no Parque da Cidade por Contramestre Sabiá, além de estar de acordo com a concepção dos autores indicados, uma vez que os espaços ocupados são produtos das ações de capoeiristas de diferentes “grupos” que atribuíram sentido a espaços antes vistos apenas pela sua dimensão geográfica ou urbana, isto é, vazios de significado.

ao leitor que a prática da Capoeira nesses espaços configura-se como um tipo de saber articulado à retomada de alguns valores tradicionais, entre eles, treinos e rodas realizadas na rua cuja ênfase recai, sobretudo, sobre a musicalidade da CA, no caso de Felipe, e da Capoeira “Anglo-Regional”, no caso de Contramestre Sabiá. Devido à relevância de Felipe para afirmação de uma vertente¹⁰ local da CA será apresentada, no primeiro tópico deste capítulo, sua trajetória como forma de entendermos as origens e a base de constituição do “coletivo” Domingos de Angola em um universo constituído, até 2010, apenas por “grupos” vinculados às vertentes de Capoeira Regional (CR) e de Capoeira Contemporânea (CC). Buscar-se-á compreender também quais são as referências articuladas por ele durante o processo de ocupação do espaço público para a prática da CA (treinos, rodas e conversas).

Na segunda subseção do capítulo dois, apresento a etnografia produzida em uma roda de Capoeira organizada em homenagem a Felipe, em março de 2019, no canteiro central da Avenida Frei Serafim. A descrição desse evento é necessária por representar um momento crucial para a continuidade do estudo, haja vista que, após o falecimento do capoeirista, essa foi uma das poucas ocasiões que reuniu Fernando e Contramestre Sabiá à frente de uma vivência (treino e roda) realizada no espaço público. A roda contou

10 Quando os termos estilo e/ou vertente forem utilizados nesta obra servirão para orientar o leitor quanto às ramificações possíveis presente no interior da comunidade capoeirística em geral.

com a participação de vários capoeiristas de distintas vertentes e “grupos” de Teresina e representou a continuidade do trabalho de campo, ainda que sob uma nova perspectiva. No último tópico deste capítulo, descreverei as estratégias utilizadas pelo Contramestre Sabiá que visam dar continuidade ao legado de Felipe e inserir a musicalidade da Capoeira “Anglo-Regional” através de oficinas gratuitas organizadas no Parque da Cidade.

O intuito do capítulo três é apresentar ao leitor como a prática do “coletivo” instaurado na Viva Clínica articula a CA e a Fisioterapia através da iniciativa de Fernando. Sabe-se que nesse espaço os treinos/sessões são influenciados, em especial, pela sobreposição do saber biomédico de técnicas terapêuticas, como RPG, Osteopatia e Pilates, à movimentação específica da CA. O primeiro tópico explica a relação entre agentes de relevância para a constituição do “coletivo” de Capoeira terapêutica na VC, entre eles, Fernando, funcionários, capoeiristas e alguns pacientes/clientes, bem como os usos e sentidos atribuídos à prática nesse espaço. No tópico dois, discutirei os pilares do método terapêutico FB/FBC, criado por Felipe e desenvolvido desde 2014 em parceria com Fernando na Clínica de Fisioterapia, o qual foi assim renomeado após a morte de Felipe¹¹. Essa parte está

11 Essa sigla representa as letras iniciais do nome do interlocutor (Fernando Boaventura Costa). Sobre o Método FB/FBC basta dizer, por enquanto, que se trata de um tipo de terapia cujo propósito é o alcance de “qualidade de vida”, desempenho e, sobretudo, da cura em alguns casos. Como veremos no capítulo três, tal método articula três dimensões

organizada em introdução e três subtópicos para facilitar a compreensão do leitor, haja vista que o referido método é composto de três pilares. Na introdução, discuto a atribuição da sigla FB/FBC e a relação entre o mercado terapêutico e a cura na perspectiva de alguns autores; no subtópico Treinos/sessões de Capoeira Angola descrevo a dinâmica das sessões de alongamentos e dos treinos de movimentação dessa vertente; no subtópico Alimentação abordo a implementação de dietas específicas como parte do método; e, por fim, no item Relações pessoais e sociais explico a fragilidade desse pilar do ponto de vista científico.

Concluo refletindo acerca de como a desarticulação do “coletivo” Domingos de Angola, após o falecimento de Felipe, promoveu um rearranjo nas relações entre capoeiristas e outros agentes próximos ao angoleiro, entre eles, Contramestre Sabiá, Fernando e o Professor Sílio¹², que resultou na constituição de novos arranjos sociais no universo da Capoeira teresinense. Buscarei proceder a análises comparativas

distintas e complementares segundo um de seus idealizadores: parte física, que envolve a prática da CA regular alinhada a técnicas de Fisioterapia, dieta alimentar e relações pessoais e sociais.

12 Graduado em História, Professor de Capoeira na Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos (ACCEB) e policial militar no Batalhão de Operações Especiais – BOPE. Professor Sílio mantém um projeto social denominado Força Jovem Mirim (FJM), que é patrocinado pela Polícia Militar do Piauí. Ao que parece, ele reproduz os valores dessa instituição em tal projeto como mecanismo de inclusão social de crianças e jovens desassistidos pelo Estado. Além disso, também é responsável pelas atividades desenvolvidas na sede da ACCEB, que fica localizada na Vila Coronel Carlos Falcão, região Sudeste de Teresina.

a fim de mostrar que os dois “coletivos” aproximam-se pela flexibilização dos pertencimentos de seus integrantes durante os encontros promovidos no Parque da Cidade e na Clínica de Fisioterapia, ao mesmo tempo em que se distanciam com relação a outros aspectos, por exemplo, no uso de saberes distintos para legitimar ambas as práticas.

Antes de passarmos à discussão dos capítulos, devo deixar claro que utilizarei o vocábulo Mestre com letra maiúscula para se referir a uma pessoa concreta (isto é, um Mestre de carne e osso ligado a um “grupo” de Capoeira), ao passo que o uso da palavra mestre com letra minúscula servirá para se referir à posição ou título referente ao termo no universo da Capoeira em geral.



CAPÍTULO 1

Entrada na comunidade da Capoeira teresinense

Reflexões iniciais sobre o “coletivo” Domingos de Angola

Gostaria de iniciar esse tópico explicitando ao leitor que pratiquei Capoeira¹³ durante minha adolescência, portanto, pode-se dizer que a prática de tal manifestação não me é estranha. Minha relação com Felipe Esdras e meu objeto de estudo teve início a partir dos encontros articulados pelo “núcleo” do Grupo de Capoeira Angola Zimba (GCAZ) em Teresina, em agosto de 2017, no campus da Universidade Federal do Piauí (UFPI) sob a coordenação do professor e angoleiro Celso de Brito. Foi a partir das vivências nesse “núcleo” que passei a me interessar cada vez mais pela

13 Para Lima e Lima (1991), a definição da prática depende da perspectiva de quem a elabora, do contexto histórico em que está inserida e da dimensão sociopolítica em que é constituída, em suma, está relacionada aos valores vigentes no local e no tempo em que é produzida. Ferreira (2013) define-a como uma atividade em função de seus múltiplos aspectos (dança, luta, atividade física) ou como um jogo entre duas pessoas, que é regido pelo som de instrumentos musicais, como berimbau, atabaque e pandeiro. A Capoeira pode ser entendida ainda como um valioso modo de expressão artístico afro-brasileiro que mescla os pares luta/dança, jogo/música, ritual/encenação (FRIGERIO, 1989). No entanto, pode-se dizer que a prática será entendida, neste livro, como uma forma de saber localizada à margem nas suas origens, no sentido de que foi perseguida historicamente e é produto da diáspora da população afro-brasileira.

CA, não somente como um capoeirista, mas, sobretudo, como pesquisador. Foi aí que a minha trajetória, a trajetória de Felipe, a prática da Capoeira e o espaço público acabaram se entrecruzando.

A princípio, minha intenção era estudar a prática nos parques sob a coordenação de Felipe, averiguando a validade da hipótese de que a ocupação dos espaços públicos pelos capoeiristas do “coletivo” Domingos de Angola seria uma marca decisiva na sua constituição e nas relações deste com os outros segmentos da Capoeira da cidade. Tais segmentos são os pertencentes à “linhagem” da Associação Cultural de Capoeira Escravos Brancos (ACCEB)¹⁴, como também os ligados a outras vertentes, como os “grupos” Muzenza de Capoeira (GMC), Associação Sociocultural Gingado Brasileiro de Capoeira (GBC) e Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC). Contudo, entre o final de 2017 e início de 2018, Felipe foi acometido por um grave problema de saúde, o que me obrigou a repensar o trabalho. Optei então por inserir as ações de Fernando, no espaço Viva Clínica Fisioterapia, em meu escopo de análise.

14 De acordo com o Professor Sílio, trata-se do primeiro “grupo” de Capoeira de Teresina, fundado por Mestre Albino em 1979. Segundo ele, a ACCEB faz uso, em seus rituais, dos toques de Angola, São Bento Grande de Angola e Regional, mas nunca pratica a Benguela (criação de Mestre Camisa/CC), a qual a maioria dos “grupos” da cidade está vinculada, de acordo com o citado capoeirista. Para Sílio, a prática do “grupo” Escravos Brancos define-se como: “um estilo de Capoeira muito parecido com a Capoeira da Praça da República de Mestre Ananias”.

O primeiro contato com Fernando também se deu através dos treinos realizados no “núcleo” do GCAZ – Teresina, portanto, nas mesmas circunstâncias em que ocorreu o contato com Felipe. Na verdade, é importante que se diga que Felipe passou a frequentar os espaços de treino dos angoleiros do “núcleo” Zimba a convite do Professor Celso de Brito, quem havia conhecido recentemente em uma de suas aulas no Parque da Cidade¹⁵. Por outro lado, foi o próprio Felipe quem apresentou o espaço de treino do referido “núcleo” para Fernando, que passou a treinar, esporadicamente, com os angoleiros do GCAZ – Teresina.



Agachados a esquerda Felipe, Andrea, Professor Celso e Childer. A direita Fernando, Osvaldo e Anna Raquel. Em pé da esquerda para direita DJ Lolo, Wanderson e Vinicius. Treino no “núcleo” do GCAZ – Teresina (2017). Fotografia de Felipe Esdras.

¹⁵ Ao que parece, tal aproximação diz sobre o interesse em constituir uma rede de capoeiristas e seu fluxo, assim como em inserir o “núcleo” Zimba – Teresina, recém chegado à cidade, para seu meio. Contudo, tal inserção não ocorreu de fato porque este se trata de um “núcleo” inserido em um “grupo ortodoxo”. O leitor entenderá melhor essa discussão no último tópico deste capítulo, destinado à discussão conceitual entre os termos “Grupo de Capoeira” e “Coletivo de Capoeira”.

Foi nesse período que tomei conhecimento do trabalho desenvolvido com a CA e a Fisioterapia na VC, através dos encontros promovidos, na época, pela parceria entre Felipe e Fernando. Minha aproximação com outro de meus interlocutores, Contramestre Sabiá, ocorreu de fato somente após a imersão diária nos treinos realizados na Clínica, uma vez que ele frequenta as aulas nesse espaço com certa assiduidade. Além disso, pude acompanhar também algumas oficinas de musicalidade (três ao todo) ministradas pelo capoeirista no Parque da Cidade e na sede do “grupo” Escravos Brancos coordenada pelo Professor Sílio.

No intuito de articular os dados que possuo sobre a CA no espaço público, coletado antes do falecimento de Felipe, e registrados em diário de campo entre agosto de 2017 e julho de 2018, optei por dar seguimento à minha etnografia na Clínica de Fisioterapia, acompanhando os treinos/sessões realizados por Fernando, além de estar atento às oficinas de musicalidade organizadas pelo Contramestre Sabiá no Parque da Cidade. O propósito disso foi tentar integrar à minha discussão a referência às ideias foucaultianas sobre o conhecimento como uma relação de poder, na tentativa de adquirir uma visão mais ampla dos arranjos sociais que se encontram relacionados às práticas dos dois “coletivos”, no espaço público e no espaço privado. Busco compreender, ainda, a relação dessas práticas com outros agentes e instituições no contexto sociopolítico local e regional, sobretudo entre eles e outros “grupos” de Capoeira da cidade e de outras localidades do estado.

Iniciei uma aproximação mais sistemática com Fernando e o espaço VC apenas no final de janeiro de 2019, cinco meses após o falecimento de Felipe. Na ocasião, ele mostrou-se bastante aberto e empolgado com meu interesse em acompanhar os treinos de Capoeira nesse espaço, convidando-me a participar da movimentação que é realizada diariamente no local, o que foi iniciado no dia 17 de fevereiro de 2019 com minha primeira visita *in loco*.

A fim de iluminar a relação entre Felipe e Fernando e sua relevância para o desenvolvimento deste livro, faço uso do relato do segundo em uma de nossas conversas durante um dos treinos/sessões realizados na Clínica, no dia 6 de março de 2019. Conforme Fernando, a proximidade com seu irmão Osvaldo¹⁶ foi um dos vetores de conexão entre seu desejo de unir o saber capoeirístico a técnicas de Fisioterapia, como RPG, Pilates e Osteopatia¹⁷ (a relação construída com Felipe foi outro vetor, como se verá adiante). Ele relata que Osvaldo sempre trouxe questões práticas de

16 Arquiteto e capoeirista. Osvaldo relata que ajudou a fundar o “Grupo” de Capoeira Angola Guaribas (GCAG) na cidade de Picos-PI, na década de 2000. Porém, anos mais tarde, foi morar em Teresina e interessou-se pela prática da CA na capital. Conheceu Felipe em 2013 através de um amigo, também capoeirista, que havia lhe dito que conhecia apenas um angoleiro na cidade naquela época, referindo-se a Felipe.

17 Abordarei a relação dos treinos/sessões do “coletivo” de Capoeira terapêutica no espaço privado com algumas dessas técnicas no segundo tópico do capítulo três. Por enquanto, devemos ter em mente apenas que se tratam de três serviços oferecidos ao mercado terapêutico da cidade de Teresina através da empresa de Fernando.

sua vivência com a CA para as dependências da VC, o que, por conseguinte lhe estimulou. Por entender que existe similaridade entre a movimentação da CA e o uso das três técnicas mencionadas, Fernando havia comentado com o irmão que necessitava de um funcionário apto a exercer não somente o conhecimento biomédico da Fisioterapia, mas, sobretudo, que dominasse o saber capoeirístico (ou que ao menos tivesse familiaridade com este).

Tudo indica que é a partir da mediação de Osvaldo que ele e Felipe se conhecem e dão início ao trabalho com a CA e a Fisioterapia na Clínica, no ano de 2014. Embora Felipe estivesse subordinado hierarquicamente a Fernando como um de seus funcionários, foi ele quem conduziu os treinos nesse espaço desde o início, principalmente por sua destreza e domínio do saber capoeirístico. Durante o trabalho de campo, Fernando contou que o próprio Felipe lhe provocava a conduzir os treinos de CA na Clínica em algumas ocasiões. Porém, sua intervenção sempre ocorria a partir do conhecimento técnico, isto é, a partir de um discurso biomédico¹⁸ associado à Fisioterapia. Fernando passou a conduzir os treinos de Capoeira na Clínica de

18 Tipo de conhecimento associado à produção de “verdades”. O saber biomédico é exercido em função do controle que a medicina legal possui sobre o corpo humano (“biopoder”), poder este baseado no discurso da ciência hierarquizante que o define como um saber tido como oficial em relação a outros saberes situados à margem do centro de irradiação do poder, ou, como diria Foucault (2009), “saberes desqualificados”, entre eles a Capoeira.

Fisioterapia apenas no início de 2018, em virtude do agravamento do estado de saúde de Felipe.

A parceria entre eles nas dependências da Viva Clínica considera a sobreposição/fusão do saber da Fisioterapia e do saber da CA na criação de um método terapêutico utilizado com o propósito do alcance de qualidade vida, desempenho e, sobretudo, cura. Como veremos no capítulo três, a atribuição da sigla FB/FBC¹⁹ para se referir a esse método gerou conflitos entre alguns capoeiristas que participam ou participaram em algum momento dos treinos/sessões promovidos no espaço privado por Fernando.

Ao final de um dos treinos/sessões realizados na Clínica de Fisioterapia, tive a oportunidade de presenciar uma conversa entre Contramestre Sabiá, Fernando e Professor Sílio, que dá indícios de uma maior aproximação entre eles após o falecimento de Felipe. Durante sua fala, Contramestre Sabiá convidou Fernando para participar de um evento que seria organizado por ele e supervisionado por Mestre Oscar em um dos espaços do “grupo” Oscapoeira (na Associação Amigos dos Autistas – AMA). Comportamento similar foi observado em outras ocasiões em que o Professor Sílio convidou Fernando para participar de eventos organizados por ele na sede da ACCEB.

Como vimos, o intuito do trabalho sofreu modificações ao longo de todo o processo, contudo, em nenhum

¹⁹ Ver nota 11.

momento a ideia de considerar o Domingos de Angola a partir da categoria “coletivo” foi descartada, uma vez que as particularidades desse campo oferecem possibilidades de questionar esquemas já definidos em estudos anteriores sobre a CA, sobretudo no que diz respeito às “linhagens”²⁰. O propósito deste estudo consiste, portanto, em compreender como a desarticulação de tal “coletivo” contribuiu para a constituição de duas práticas distintas, entendidas aqui também como “coletivos”, um pautado na articulação entre o saber biomédico da Fisioterapia e o saber da CA, e outro pautado na musicalidade da Capoeira “Anglo-Regional”. Para tentar compreender as nuances do fenômeno estudado, procurarei responder às seguintes questões: Como tais práticas articulam um saber biomédico e tradicional? Como são legitimadas em torno da ocupação do Parque da Cidade e do espaço Viva Clínica? Quais usos e sentidos são atribuídos a elas em ambos os espaços? E como elas se relacionam com os outros segmentos da Capoeira da cidade?

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas, antes e após o falecimento de Felipe. A primeira etapa da etnografia foi iniciada na segunda metade de agosto de 2017 por meio do acompanhamento dos treinos organizados pelo referido capoeirista no Parque da Cidade aos domingos

20 Segundo Brito (2017), a partir da disputa pela hegemonia daquilo que é considerado tradicional desenvolve-se uma organização social no universo da CA, que é constituída por unidades sociais (são as “linhagens”, “grupos” e “núcleos”), cada uma com seu mestre e conjunto de regras denominadas pelos praticantes de fundamentos.

(durante o dia inteiro), no Parque Potycabana aos sábados (entre 17h e 22h), no Parque da Cidadania às terças e quintas-feiras (entre 19h e 22h) e nas demais interações de Felipe e seus alunos no interior do universo capoeirístico da cidade de Teresina (por exemplo, em eventos de Capoeira realizados por outros “grupos”). Essa etapa do trabalho de campo durou cerca de um ano²¹.

Já a segunda etapa foi iniciada em janeiro de 2019, quando me aproximei de Fernando e passei a acompanhar os treinos/sessões realizados por ele na Clínica de Fisioterapia (nesse local, os encontros são realizados quase que diariamente). Nesta etapa ocorreu também maior estreitamento dos laços com Contramestre Sabiá, uma vez que ele é um dos participantes da prática instaurada por Fernando no espaço privado. Diante de tal aproximação, abriu-se a possibilidade de incluir as oficinas de musicalidade organizadas pelo capoeirista no espaço público e em outros contextos (por exemplo, em eventos realizados na sede da ACCEB) como parte do trabalho de campo. Procurei estar atento a todas as possibilidades de diálogo e interação com meus interlocutores, não somente nos horários e locais especificados, mas também em conversas informais antes, durante e após cada treino/sessão ou oficina em que estive presente. Busquei também acompanhar postagens e conversas entre

21 Diria que se tratou de uma “etnografia em movimento” (GOLDMAN, 2003), uma vez que durante esse período fiz poucas visitas ao espaço dos parques devido aos percalços mencionados anteriormente.

eles em grupos de *WhatsApp* e perfis no *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, relacionadas às suas contas pessoais, ao Método FB/FBC e à Viva Clínica Fisioterapia.

Fiz uso de gravações de conversas realizadas tanto nas oficinas de musicalidade organizadas pelo Contramestre Sabiá no Parque da Cidade quanto em alguns treinos/sessões promovidos por Fernando na Clínica de Fisioterapia²². Além disso, ao final de cada encontro fiz anotações em um diário de campo sobre os fatos que mais me chamaram atenção durante a observação *in loco*. A intenção foi confrontar os dados coletados em entrevistas com o comportamento e o discurso dos atores no dia a dia, uma vez que a literatura antropológica nos ensina que há incongruências entre o que é dito e o que é feito em algumas ocasiões. Foram realizadas entrevistas com capoeiristas e funcionários da VC e coletadas informações e falas nas redes sociais dos interlocutores.

O trabalho de campo e a etnografia não são aqui concebidos apenas enquanto processos ou modelos ideais, simples formas de conversão (assumir a alteridade) ou apenas como forma de transformação (tornar-se um “nativo” literalmente) (GOLDMAN, 2001), mas a partir da ideia de “devir” (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Ou seja, trata-se

22 É preciso deixar claro que as gravações realizadas nesse espaço foram pouco aproveitadas haja vista que a presença de uma caixa de som utilizada para tocar as músicas de Capoeira durante os treinos/sessões prejudicou a captação das conversas, diferentemente das gravações obtidas durante a realização das oficinas no Parque da Cidade, que me proporcionaram a coleta de um vasto material etnográfico.

de um empreendimento em que o antropólogo deve sair de sua condição hegemônica (como pesquisador) através de uma relação de afetos (ou afecções) que consegue desenvolver com outras condições, no meu caso, com a condição de aprendiz de capoeirista.

Goldman compara técnicas de trabalho de campo caras à Antropologia a uma categoria nativa no candomblé denominada de “catar folha”. Segundo ele:

Alguém que deseja aprender os meandros do culto deve logo perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunindo (“catando”) pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali (as “folhas”) com a esperança de que, em algum momento, uma síntese plausível se realizará (GOLDMAN, 2003, p. 455).

Isso significa que da mesma forma que o aprendiz no candomblé (ou de CA), o antropólogo deve estar atento às nuances do fenômeno estudado e ir colhendo pacientemente os detalhes que o campo lhe oferece ao longo do tempo. Segundo Malinowski (1976), o antropólogo deve manter-se atento àquilo que é denominado por ele de “fatos imponderáveis da vida real”. Estou me referindo aos fatos que passam despercebidos e não são visíveis a olho nu pelo olhar destreinado do leigo, e que são alcançados somente através da convivência regular com o grupo estudado, do recorte de pesquisa feita mediante a leitura prévia de etnografias

especializadas, da escrita regular de um diário de campo e mesmo da escrita do texto final (OLIVEIRA, 1996). Tal convivência desperta afetos e modalidades de participação inesperadas ao pesquisador.

Fravet-Saada (2005) buscou reformular o entendimento da categoria “afeto”, considerada por muitos antropólogos uma dimensão central no trabalho de campo. Para ela, o termo não deve ser entendido como o produto de uma construção cultural ou psicologizante típica da psicanálise, nem tampouco como um simples registro da representação estrutural (perspectiva originária da escola de sociologia francesa). Trata-se de perceber o campo como um processo, logo, em vez de falar em “afeto”, a autora se refere ao “ser afetado”, fazendo da participação um instrumento de conhecimento para a análise. A aceitação do antropólogo em participar da pesquisa pela experiência “nativa” não tem qualquer relação com aquilo que se pode denominar de processo de conhecimento por empatia (ver também OLIVEIRA, 2006; GEERTZ, 1997).

O termo empatia é utilizado equivocadamente por muitos autores: primeiro pela definição de que consiste em experimentar, de forma indireta, pensamentos, sensações e percepções da alteridade, fato que de acordo com Fravet-Saada, distancia o antropólogo dos seus interlocutores. Segundo, porque o termo é traduzido muitas vezes como uma comunhão afetiva entre ele e o “nativo”, ou seja, consiste em converter o primeiro no segundo através de sua identificação

com ele. Portanto, ocupar o lugar do “nativo” durante a realização do trabalho de campo não diz nada sobre os afetos vivenciados por ele, mas tão somente sobre os afetos criados pelo próprio antropólogo durante seu fazer científico. Faz-se necessário, sobretudo, “ser afetado” pela experiência alheia, o que irá produzir um tipo de comunicação peculiar entre o antropólogo e o “nativo” que se caracteriza como uma comunicação “involuntária, desprovida de intencionalidade e que pode ser verbal ou não” (FRAVET-SAADA, 2005, p. 159).

Fui a campo com o propósito não apenas de participar ou observar os encontros e entrevistar meus interlocutores; dirigi-me a ele no intuito de estabelecer um elo de comunicação com os praticantes em ação para acessar suas representações. Ferreira (2013) entende que praticar Capoeira simultaneamente ao desenvolvimento do trabalho de campo consiste num recurso essencial para acessar as representações dos capoeiristas sobre seu mundo, ou seja, consiste numa ferramenta de aproximação com os sujeitos estudados e possibilita conhecer suas formas simbólicas e interações sociais significativas. Participar de maneira direta das atividades (como capoeirista) e não apenas observá-las de fora (como antropólogo/pesquisador) contribuiu sensivelmente para minha inserção e para uma aceitação mais rápida no campo pelos “nativos”, para quem o pertencimento à comunidade é importante e, em função disso, meus interlocutores buscavam sempre me situar nela.

Em dada situação fui questionado pelo Professor Sílio (o historiador do “coletivo”) se de fato era realmente capoeirista. Optei por responder que sim, afinal de contas, fui conduzido à prática, em função de meu estudo, fazia mais de um ano. Ao confirmar que sim e depois de passar por alguns “testes” durante os treinos/sessões, senti que havia acessado um espaço entre eles que me possibilitaria reconhecer suas representações sobre aquele universo. Entre outras coisas menos relevantes para o trabalho de campo, esses acontecimentos me fizeram refletir acerca do lugar de fala do saber capoeirístico. Pareceu-me que se tratava de uma reivindicação deste lugar: ao ser reconhecido como um deles, teria o direito de falar sobre sua prática²³. Senti de fato que havia sido aceito quando Professor Sílio me convidou para participar de um evento realizado por ele na sede do seu “grupo” Escravos Brancos.

23 Este fato pode ser problematizado, uma vez que a grande maioria dos capoeiristas que procuram representar a si o fazem aproximando-se das Ciências Humanas (Antropologia, Sociologia, História etc.) ou mesmo de espaços políticos, contudo, nos casos de Felipe e de Fernando, ambos se apropriam das Ciências Biomédicas (Fisioterapia).



Oficina de musicalidade ministrada por Contramestre Sabiá na qual participei a convite de Professor Sílio. Sede do “grupo” Escravos Brancos na Vila Coronel Carlos Falcão (2019). Fotografia de Carlos Ribeiro/Instrutor Lagarto.

No próximo tópico abordarei o universo da Capoeira teresinense através de uma análise histórico-antropológica sobre os “grupos” e as vertentes que influenciaram seu desenvolvimento a partir da década de 1970. A intenção é demonstrar o contexto de surgimento e a perpetuação dos “grupos” de Capoeira nesta cidade, os quais estão relacionados direta ou indiretamente com a prática dos dois “coletivos” estudados. Tal abordagem é necessária também para entender quais foram as referências de Felipe na formação do “coletivo” Domingos de Angola (2010-2018).

A Capoeira em Teresina

Inserida no contexto mais amplo da Capoeira brasileira, a prática em Teresina teria se iniciado, segundo o relato dos próprios capoeiristas e de trabalhos acadêmicos que versam sobre o tema (SILVA, 2012; SOUSA NETO, 2013), apenas na segunda metade da década de 1970. Antes de ser difundida, no final desta década, através das rodas realizadas no Serviço Social do Comércio (SESC), a prática de tal manifestação resumia-se a pequenos segmentos sociais que treinavam em bairros, clubes, praças e outros espaços improvisados da cidade²⁴. Pode-se dizer que a Capoeira era encarada, nessa época, como uma brincadeira ou como oportunidade de lazer, sobretudo para os arranjos populares da sociedade teresinense.

Da mesma forma que em outros centros urbanos, a Capoeira de Teresina tem sua origem associada à prática de segmentos sociais considerados à margem dos setores hegemônicos da sociedade e, posteriormente, torna-se uma

24 Segundo Mestre John Carvalho, também conhecido no universo local como “John Grandão”, naquela época praticava-se a chamada “Capoeira de Hippie”, termo atribuído provavelmente em virtude do uso de psicoativos, como a Cannabis sativa, por parte de alguns praticantes. Para Mestre John, Mestre Albino e outros Mestres da primeira geração de capoeiristas piauienses, esse seria um dos fatores que rotulavam a Capoeira como uma prática marginal até o final da década de 1970, quando se inicia seu processo de institucionalização em “grupos”.

prática aceita por diferentes segmentos sociais²⁵. Para Sousa Neto (2013, p. 101-102):

Muitos de seus praticantes tinham na Capoeira somente objetivos de luta, dando à Capoeira a feição de “briga de rua”, pois muitos de seus membros tinham práticas incompatíveis com a Capoeira antes de iniciarem sua prática, como o uso de bebidas, drogas, a prática de badernas, e etc.

Como podemos ver, o argumento utilizado pelo autor para definir a Capoeira como uma prática localizada à margem da sociedade parece ter pouca validade científica e, até certo ponto, é preconceituoso. Em primeiro lugar porque não se pode afirmar com certeza que álcool e drogas sejam coisas incompatíveis com a prática da Capoeira, haja vista ser real a possibilidade de se encontrar capoeiristas que partilham de tais gostos. Em segundo lugar porque nem todo usuário de drogas tem

25 Em virtude de não ter encontrado artigos de jornais da cidade que possam representar o cenário de estereotipização direcionado aos praticantes de Capoeira na década de 1970, o relato de capoeiristas e historiadores sobre a marginalização da prática encontra eco em periódicos publicados nas décadas de 1980 e 1990. Se em tais décadas marcadas pelos avanços na institucionalização da Capoeira em Teresina os capoeiristas, de modo geral, ainda eram marginalizados em virtude da associação da prática com sua herança negra e com uma imagem de luta violenta, supõe-se que na década de 1970 eles sofriam ainda mais com esse estereótipo. Entre esses periódicos, posso citar a matéria intitulada “Capoeira e o preconceito”, publicada em 1987 pelo Jornal Aliás, bem como a matéria publicada na década de 1990 pela Revista Impacto com o título “Capoeira: arte ou violência” (SILVA, 2012).

predisposição para promover brigas de rua ou qualquer outro tipo de violência.

Na contramão do reconhecimento alcançado em âmbito nacional desde as décadas de 1930-1940 (primeiro com Mestre Bimba e em seguida com Mestre Pastinha), a Capoeira era vista em Teresina como uma prática marginal ou de malfeitores no final dos anos 70. Isso pode ser atribuído à incidência de alguns fatores, entre eles: o pouco conhecimento acerca da prática, o pequeno intercâmbio com capoeiristas de outros centros urbanos e o conhecimento limitado de técnicas de preparação física e pedagógica (SOUSA NETO, 2013). A Capoeira é definida aqui como uma forma de saber localizado à margem²⁶ tanto por causa de sua origem, enquanto uma produção cultural da população afro-brasileira historicamente marginalizada, quanto por causa da relação desta população com outros agentes políticos ao longo de sua história, como o Estado, a polícia e os saberes legitimados pela Ciência (BRITO, 2017; VASSALO, 2003).

26 Faço uso da noção de margem em duas dimensões para compreender o processo de legitimação do saber capoeirístico na relação com outros saberes (sobretudo, o científico), tendo em vista que as margens são constituídas por sujeitos politicamente ativos: a) como periferia, está relacionada à ideia de uma prática associada a indivíduos ou grupos não controlados pelo Estado ou não sujeitados pelo ordenamento jurídico produzido por ele; b) como controle dos corpos, não resumindo-se apenas à regulação do território, isto é, me refiro à prerrogativa de que o Estado tem de definir questões relativas à vida/morte, aquilo que é considerado normal/anormal, aceitável ou inaceitável (DAS; POOLE, 2008).

Dois eventos são importantes para a difusão da prática em Teresina na década de 1970: 1) Mestre Caramuru (natural do município de Luís Correia-PI) funda, em 1974, um pequeno “grupo”²⁷ denominado Nova Lua Capoeira, que agrega alguns capoeiristas espalhados pela cidade; 2) esse período coincide com a chegada de alguns capoeiristas vindos de outros estados, entre eles: Paulo Capoeira, o “carioca”, recém chegado do Rio de Janeiro em 1974; Mestre Marcondes, que, segundo Silva (2012), teria se estabelecido em Teresina entre 1974 e 1975 trazendo consigo a referência da Capoeira do Distrito Federal; Mestre Zé Carlos (Bimba) oriundo da Bahia e quem teria iniciado a prática em 1977; e Mestre Albino²⁸ ou Paulista (como era conhecido entre os capoeiristas da época), que se estabelece na capital em meados de 1977, recém-chegado de São Paulo, e passa a frequentar as rodas de Capoeira da cidade. Como veremos logo adiante, Mestre Marcondes se trata de um personagem controverso nas narrativas históricas sobre o universo capoeirístico local (SILVA, 2012; SOUSA NETO, 2013).

27 Supõe-se que é nesse momento que se começa a configurar a ideia que se tornou hegemonia na Capoeira acerca da utilização do termo “grupo” caracterizado, entre outros aspectos, pelo uso de uniformes e pela instituição de regras de conduta.

28 Capoeirista nascido em Luís Correia-PI. Mudou-se para Teresina ainda jovem e, em 1972, migrou para o estado de São Paulo em busca de melhores condições de vida, retornando apenas na segunda metade da década de 1970. Conforme Mestre Albino, antes de 1972 não existia Capoeira em Teresina, sendo a prática introduzida na cidade por Mestre Marcondes entre 1973 e 1975, antes do referido Mestre migrar para o município de Campina Grande-PB.

O encontro entre capoeiristas piauienses e capoeiristas recém-chegados de outras localidades endossa o desejo incipiente de constituir uma comunidade da Capoeira local. Pode-se dizer que a efetivação de tal comunidade foi produto do intercâmbio e da troca de experiências entre esses capoeiristas (SILVA, 2012). Após seu retorno para o Rio de Janeiro em 1975, Paulo Capoeira se estabelece pela segunda vez em Teresina em 1976 e se propõe a organizar a prática da Capoeira na cidade, abrindo turmas com horários específicos e instituindo um método de ensino e de aprendizagem com aulas realizadas no SESC (atual SESC-Ilhotas). Ao que tudo indica, a primeira geração de capoeiristas de Teresina se constituiu a partir das aulas organizadas por Paulo Capoeira nesse espaço. Entre os membros desta geração, estão os Mestres²⁹ Caramuru, Tucano, Bobby, Chocolate, Zé Carlos, John Carvalho e Paulinho Velho. Além destes, posso incluir nesta mesma fase inicial os Mestres Albino e Marcondes, que trilharam um caminho diferente dos demais.

Silva (2012) entende que Mestre Marcondes não é reconhecido de forma unânime pelos capoeiristas da primeira geração como um dos mestres pioneiros dessa arte na cidade. Segundo ele, faz-se referência à presença de Mestre

29 Deve-se ressaltar que naquele momento nenhum deles possuíam o título de mestre de Capoeira, uma vez que estou me referindo ao suposto momento de formação e desenvolvimento da prática em âmbito local. Contudo, faço opção por utilizar este termo desde já, em virtude de este ser o grau atribuído a todos eles no contexto atual do universo capoeirístico da cidade de Teresina.

Marcondes nesse contexto somente em virtude de ele haver conhecido a Capoeira a partir do contato com mestres renomados de Brasília, entre eles os Mestres Tabosa e Adilson. De acordo com o autor, Mestre Marcondes não teria exercido papel preponderante para a inserção e para o desenvolvimento da prática na esfera local, sobretudo pelo fato de não ter constituído um “grupo” como os demais mestres da primeira geração o fizeram.

Contudo, para Sousa Neto (2013), Mestre Marcondes teria sido o primeiro a desenvolver a Capoeira em conjunto com seus primos (Edson e Lobtil) no início da década de 1970, ocupando ruas e praças, difundindo a prática pela cidade e tornando-se o primeiro capoeirista a dar aulas dessa manifestação em academias de musculação. Existe um conflito explícito nos escritos de ambos os autores com relação à participação de Mestre Marcondes na inserção e no desenvolvimento da prática em âmbito local. De um lado, Sousa Neto afirma categoricamente que “os Mestres Tucano (José Gualberto da Silva Neto) e Bobby³⁰ (Robson Carlos da Silva) foram consensuais em apontar o Mestre Marcondes, como o precursor da capoeira em Teresina” (SOUSA NETO, 2013, p. 100-101). Por outro lado, Silva (2012) ou Mestre Bobby entende que:

30 Criador da Escola de Capoeira de Mestre Bobby (ECMB). Os treinos desse “grupo” são realizados no campus da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Devo ressaltar que Mestre Bobby e Silva (2012) tratam-se da mesma pessoa.

[...] a história de Mestre Marcondes não possui uma representação significativa no universo da capoeira de Teresina, sendo resgatada, em raros momentos, muito mais por consideração e respeito do que efetivamente por sua inserção, contribuição e atuação neste universo [...] (SILVA, 2012, p. 118-119).

Como podemos ver, não há um consenso entre os autores sobre a participação e o protagonismo de Mestre Marcondes no desenvolvimento da Capoeira teresinense, pelo contrário, observa-se a negação do discurso de um dos autores em detrimento do discurso do outro. Sobre a participação de Mestre Marcondes, Lobtil diz:

O Marcondes era meu primo e eu conheci a Capoeira através dele. Não sei se você sabe, mas ele faleceu recentemente, nesse ano [2019]. Muita gente não considera o Marcondes na história da Capoeira de Teresina, mas a gente foi os primeiros a treinar na cidade. No início a gente praticava na rua mesmo e usava pra se defender, lembro de uma situação que a gente botou uns 20 caras pra correr (LOBITIL. Fala concedida ao autor em sua residência no dia 02 de outubro de 2019).

Segundo Conramestre Sabiá, trata-se de um assunto delicado falar sobre quem teria sido supostamente o(s) primeiro(s) capoeirista(s) a difundir a Capoeira na cidade de Teresina. Em suas palavras:

Sobre as origens da Capoeira do Estado do Piauí existem várias versões, é um assunto delicado e complicado de se falar, por quê? Por que cada um quer ter esse mérito, existem várias versões, ou pelo menos nessa velha guarda aí [referindo-se a alguns mestres da primeira geração], tem uma galera que quer ter mérito por ter feito, por ter dado iniciativa, enfim cada um alega sua posição sobre isso [...] (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor via aplicativo de mensagens *WhatsApp*, no dia 23 de maio de 2019).

Acredito que a discussão instaurada pelos autores e pelos meus interlocutores sobre quem teria sido o primeiro capoeirista a inserir e difundir a prática da Capoeira em Teresina contribui para compreensão histórica do fenômeno como um todo, aliás, uma história ou uma tradição em disputa constante. Porém, entendo que esta se trata de uma questão secundária, uma vez que o foco aqui é analisar, do ponto de vista antropológico, a participação de todos os capoeiristas envolvidos nesse processo sem que haja necessidade de definir qual deles teria sido o primeiro a desenvolver a Capoeira em esfera local. O que não se nega, nesse processo, é o papel preponderante dos capoeiristas ou da Capoeira carioca e paulista, como veremos adiante.

Retomando a discussão sobre o “coletivo”³¹ constituído em torno de Paulo Capoeira, o “carioca”, no SESC, devo ressaltar que ele acaba se desfazendo no final da década de 1970 por distintos motivos, entre eles: sua partida para São Paulo em 1977 (justamente o ano em que o Paulista ou Mestre Albino chega em Teresina); a ausência de objetividade na organização das rodas de Capoeira nesse espaço após sua partida; e o desejo de muitos capoeiristas que frequentavam as rodas no SESC de fundar seus próprios “grupos” (SILVA, 2012).

Em 1978, a Capoeira ganha visibilidade com as rodas realizadas no SESC e começa a se firmar como uma prática esportiva perante a sociedade teresinense. Em 1979, alguns desses capoeiristas se articulam em torno de seus próprios seguidores de fora e criam os primeiros “grupos” formais da Capoeira do Piauí, isto é, estabelecem vínculos com as primeiras “linhagens” de fora do estado, originadas, sobretudo, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mestre Albino cria o “grupo” Escravos Brancos no Centro Social Urbano (CSU) – Primavera; os Mestres Tucano e Chocolate fundam o “grupo” Palmares, no bairro Matinha; Mestre John Carvalho e Valtinho (seu irmão biológico) criam o “grupo” Nova Lua, no bairro Cabral; e Mestre Zé Carlos (Bimba), que teria vindo da Bahia, funda o “grupo” Irmãos Unidos no bairro

31 Não seria possível falar em “grupo” pelas razões que o/a leitor/a entenderão no próximo tópico. O que adiante é que não havia um “grupo” formalizado, apenas pessoas reunidas com o intuito de fazer Capoeira.

Piçarra (SILVA, 2012), mas, infelizmente, deixa a Capoeira ainda na década de 1980 sem deixar “grupo” nem discípulos que deram continuidade a sua “linhagem”.

Dos mestres que persistiram com a prática da Capoeira em Teresina, com exceção do Paulista (Mestre Albino), todos os outros mestres se uniram ao “grupo” carioca Senzala. Mas, antes disso, muitos “grupos” se formaram, se separaram e se reuniram. Tudo indica que o final da década de 1970 foi o momento em que criaram-se os primeiros uniformes e institucionalizou-se uma hierarquia específica com a criação de regras de conduta³² para os capoeiristas, que deveriam segui-las sob o risco de terem suas práticas deslegitimadas. Ou seja, surgiam, em Teresina, os “grupos” de Capoeira com o modelo organizacional que conhecemos hoje em dia.

Na década seguinte, houve intenso intercâmbio com alguns capoeiristas do estado do Ceará, dentre os quais

32 Entre elas a proibição dos integrantes dos “grupos” de fazerem uso de bebidas alcoólicas ou qualquer outro tipo de substância que pudesse macular sua imagem perante a sociedade.

Dingo, Araminho, Canário e Paulão³³, que pertenciam à “filial³⁴” cearense do “grupo” Senzala, supervisionada, na época, por Mestre Camisa (SILVA, 2012). O referido Mestre torna-se mais tarde também o responsável pela “filial” desse “grupo” no Piauí e funda, em 1988, a Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira ou ABA-DÁ-Capoeira com a participação de capoeiristas piauienses e cearenses.

Um fenômeno relevante na difusão da Capoeira teresinense no início da década de 1980 são as rodas de rua³⁵,

33 Devo ressaltar que esses capoeiristas não se estabeleceram em Teresina, limitando-se apenas a trocas de experiências com um segmento específico de capoeiristas piauienses, aquele constituído pelos Mestres Tucano, Bobby, Chocolate, John Carvalho e Paulinho Velho, que passaram a fazer viagens frequentes para Fortaleza-CE em busca de conhecimentos. Isso culminou, mais tarde, em 1985, com a “filiação” de tais capoeiristas ao “grupo” Senzala.

34 Utiliza-se o termo “filial” como a menor unidade social na esfera da Capoeira local com a finalidade de definir as ramificações internas de cada “grupo” e as relações entre elas. Os chamados “grupos-empresas” “[...] despontavam de forma significativa na segunda metade da década 1980, marcados por um processo de capitalização do ensino e da venda de uma vasta quantidade de materiais sobre capoeira, desde instrumentos necessários até produtos fetichizados, ancorados na “marca” do grupo, geralmente funcionando sob o comando central de um mestre renomado e com várias filiais no Brasil e no mundo, assim como de muitos outros aspectos identitários [...]” (SILVA, 2012, p. 175).

35 O termo se opõe a rodas realizadas em espaços privados, simbolicamente considerados como “casas” (DAMATTA, 1997) dos “grupos” de Capoeira. Vale destacar que existem distinções no uso dos termos “roda de rua” e “roda na rua”. O uso da primeira expressão consiste em destacar as rodas realizadas nas ruas, feiras, parques, praças e que são organizadas entre os próprios capoeiristas, independentemente dos “grupos”

que eram realizadas sobretudo em espaços públicos³⁶, como as Praças Rio Branco, Pedro II, Costa e Silva, Saraiva e Bandeira, geralmente aos finais de semana quando o fluxo de pessoas era maior no centro de Teresina. Segundo alguns capoeiristas dessa cidade, dentre os quais Mestre Cebola³⁷, integrantes da “filial” do “grupo” Senzala supervisionada por Mestre Camisa no Piauí ficaram bastante conhecidos por organizar rodas de rua. Tal “filial” constituiu-se através do intermédio de capoeiristas cearenses do “grupo” Senzala e era formada por alguns capoeiristas da primeira geração, com exceção de Mestre Albino, que teve sua trajetória influenciada pela Capoeira paulista, e de Mestre Marcondes, que tinha suas influências em Brasília. Em tais rodas, a linguagem predominante era a da luta, que entendo ser expressa pelos capoeiristas dessa época a partir da noção de valentia³⁸, em

(neste tipo de roda tudo pode acontecer, pois não há um controle prévio das ações de quem participa). A segunda expressão refere-se às rodas realizadas nos mesmos espaços, porém, organizadas pelos “grupos”, por exemplo, em apresentações destes ao público. Tais rodas são marcadas por um controle maior das ações dos capoeiristas.

36 Há indícios de que as primeiras rodas de Capoeira organizadas em espaços públicos na cidade de Teresina começaram a ser realizadas entre 1979 e o início da década de 1980 (SILVA, 2012; SOUSA NETO, 2013).

37 Ex-integrante dos “grupos” Senzala e ABADÁ-Capoeira no Piauí, hoje Mestre de Capoeira na Associação Cultural Movimentação Capoeira (ACMC), fundada por ele em 2013.

38 O termo consiste numa “crença na existência de um valor individual de origem divina – honra – que se expressa nas disputas marciais e (em menor medida) religiosas entre homens no espaço público. Esses valores garantem acesso a diversos bens sociais e são transmitidos pelas

detrimento da dimensão cultural ou lúdica de tal manifestação. Mestre Marcondes abandonou seu trabalho com a Capoeira e os embates nas ruas se davam principalmente entre as duas “linhagens” fundamentais da Capoeira teresinense: a paulista, pelo “grupo” Escravos Brancos, e a carioca pela “filial” do “grupo” Senzala.

Uma roda de rua, em especial, ganhou enorme repercussão entre os capoeiristas de Teresina devido ao alto grau de violência empregado nos jogos. Ficou conhecida como roda Sete de Setembro porque acontecia uma vez por ano, durante o feriado da Independência do Brasil, e era realizada primeiramente em frente à igreja de São Benedito e, depois, ao lado (Praça da Liberdade) do Instituto Federal do Piauí (IFPI), antiga Escola Técnica. O capoeirista, para ser legitimado nesse contexto, deveria ser testado em tais rodas, o que era prerrogativa de poucos, geralmente membros da “filial” do “grupo” Senzala, em Teresina, que detinham autoridade sobre a prática no espaço público nessa época.

Nesse sentido, o grau de autoridade e conhecimento na Capoeira em tal cidade, até o início da década de 1990,

maltas de capoeira. Como valores ou ideologias, eles possuem uma dupla instância de legitimação. Primeiro a família patriarcal, que tem valores próximos a estes, e consagra os indivíduos que vencem os conflitos com a entrada destes na rede de clientelismo. Segundo, uma instância não autorizada de caráter popular e difuso no espaço urbano, que atribuía bens simbólicos (posições nas maltas de capoeira, títulos de valentia), bens materiais (através da apropriação dos melhores postos de trabalho) e melhor acesso a mulheres (já que estes valores tinham ampla repercussão nos grupos populares)” (CALDAS, 2018, p. 47).

era medido através da performance no campo da luta. Em meados de 1980, alguns capoeiristas que frequentavam as rodas no SESC procuraram se articular com o intuito de organizar o universo da Capoeira local e melhorar a imagem dos capoeiristas perante a sociedade teresinense. Duas ações são importantes para o desenvolvimento da Capoeira no âmbito dessa cidade. Primeiro, Mestre Albino expande as atividades do “grupo” Escravos Brancos, mudando a sede do CSU – Primavera para o Clube dos Professores³⁹, e em seguida busca o intercâmbio com outros mestres de Capoeira. No novo espaço, Mestre Albino conseguiu grande visibilidade e suas rodas ficaram famosas, passando a ser frequentadas por diversos capoeiristas do Piauí e de outros estados. No mesmo período, os Mestres Tucano, Chocolate e John Carvalho decidem fundar um novo “grupo”, denominado inicialmente de Nova Lua de Palmares e, em seguida, de Quilombo Palmares⁴⁰ – uma fusão dos “grupos” Palmares e Nova Lua (SILVA, 2012).

Em termos genealógicos, Mestre Albino encontra-se vinculado à vertente de Capoeira paulista surgida entre as

39 O referido espaço era ocupado antes da chegada de Mestre Albino por outro capoeirista que utilizava o local para dar aulas, isto é, Valtinho (“grupo” Nova Lua), que após uma intensa disputa acabou cedendo o espaço para Mestre Albino (SILVA, 2012).

40 Associação de Capoeira registrada com o auxílio do poder público municipal que forneceu apoio jurídico através do procurador da prefeitura Clebert Carvalho Lopes da Silva, quem orientou as atividades e a liberação das taxas de fundação (SILVA, 2012).

décadas de 1960-1970 que pode ser classificada, historicamente, como “Capoeira Esportiva/Nacionalizada” (BRITO, 2015). Trata-se de uma variação paulista da Capoeira Regional baiana que se espalhou por outras regiões do Brasil durante a década de 1970. Na cidade de São Bernardo do Campo, Mestre Albino foi aluno de Mestre Zé Pereira, conhecido também pelo pseudônimo de Zé da Volks, nome dado em alusão às aulas de Capoeira promovidas por ele no clube da Volkswagen⁴¹. Este foi discípulo do Mestre angoleiro José de Freitas, um dos responsáveis pelo desenvolvimento da Capoeira em São Paulo que, por sua vez, aprendeu com os Mestres Caiçara e Waldemar da Bahia. Mestre Zé da Volks também aprendeu a regional com João Ferreira, aluno de mestre Paulo Gomes.

Por outro lado, os Mestres Tucano, Bobby, Chocolate, Paulinho Velho e John Carvalho ligam-se à “linhagem” de Mestre Camisa do “grupo” Senzala, do Rio de Janeiro, uma vertente de Capoeira que ficou conhecida nacionalmente como “Capoeira Contemporânea” (BRITO, 2015). Esta foi disseminada entre as décadas de 1960-1970 na cidade do Rio de Janeiro, primeiro pelo “grupo” Senzala de Capoeira, e, em seguida, pelo “grupo” ABADÁ-Capoeira (“grupo” formado com a contribuição de capoeiristas teresinenses).

41 Mestre Albino era funcionário na fábrica dessa multinacional e foi a partir do contato com várias modalidades esportivas no clube da empresa que ele conheceu e se interessou pela Capoeira.

A grande maioria dos “grupos” de Capoeira que se formaram em Teresina a partir da década de 1980, em virtude de dissidências internas dos “grupos” Escravos Brancos e das “filiais” dos “grupos” Senzala e ABADÁ, estão vinculados genealogicamente a estes dois “grupos” fundadores. Contudo, faz-se necessário deixar claro que descender genealogicamente dessas vertentes não significa afirmar que todos os “grupos” da cidade (inclusive os dois primeiros) se autodenominem como praticantes da “Capoeira Contemporânea” ou da “Capoeira Esportiva/Nacionalizada”. Entre estes “grupos” está a Associação Cultural Oscapoeira (ACO), fundada em 1988 por Mestre Oscar, que se liga diretamente à descendência de Mestre Albino do “grupo” Escravos Brancos e ao “coletivo” Domingos de Angola aqui estudado, uma vez que Felipe foi aluno de Mestre Oscar. Este “grupo” se autodenomina como “Capoeira Anglo-Regional”. Mestre Oscar diz:

Eu sou o aluno mais velho de Mestre Albino e agradeço a ele por tudo, pois se sou funcionário do Parque [da Cidade] hoje é graças a ele e à Capoeira. Eu fundei o grupo Oscapoeira em 1988 fazendo uma Capoeira mista, com um jogo tanto em cima quanto em baixo, eu chamo de Capoeira Anglo-Regional, que é a Capoeira que eu acho certo porque não se trata nem de Capoeira Angola nem de Capoeira Regional (Mestre OSCAR. Fala concedida ao autor em evento realizado no dia 5 de maio de 2019 no Parque da Cidade).

Em 1983, estimulado pela rápida passagem por Teresina de Mestre Guarulhos (filiação à Federação Paulista de Capoeira), Mestre Albino decide colocar em prática o projeto de criação da Federação Piauiense de Capoeira. Na ocasião, ele promove o primeiro Batizado de Capoeira da cidade sob a coordenação de Mestre Guarulhos. A ideia era desenvolver a Capoeira no estado a partir da unificação em torno de uma Federação de Capoeira subordinada, por sua vez, a uma Confederação Nacional originada no estado de São Paulo, o que equivaleria a homogeneizar todos os capoeiristas locais segundo os fundamentos dessa instituição de caráter esportivo e nacional.

Mestre Albino não conseguiu articular um consenso a respeito da criação da Federação Piauiense de Capoeira. Um dos pontos controversos que corroboraram o dissenso foi a definição de critérios para atribuição de graduações⁴² (SILVA, 2012). Todavia, mesmo com boa parte dos capoeiristas que participaram do evento não haverem dado seu aval para a criação da Federação nos termos propostos por Mestre Albino, sabe-se que a mesma foi criada no ano de 1985. Como não havia três Associações de Capoeira⁴³ aptas

42 Para Mestre Tucano, “não houve um consenso porque queriam nos impor uma sistematização e critérios que não tinha nada a ver com nossa história. Neste período não tínhamos graduação, mas seguir as da Federação, sem critérios e ficar dependente da decisão do Albino não dava” (SILVA, 2012, p. 221).

43 Como veremos, apenas o “grupo” Escravos Brancos e o “grupo” Quilombo Capoeira possuíam Associações de Capoeira formalizadas e

a se federarem, conforme obriga o Decreto-Lei nº 3.199, o “grupo” Escravos Brancos formou a Federação com outras duas Associações, porém Associações de futebol arquirrivais, a saber, a Associação Desportiva Flamengo e a Associação Desportiva River Atlético do Piauí. Vale ressaltar que recentemente em 2019 foi criada outra entidade federativa, a FECAPI (Federação de Capoeira do Piauí) que tem como presidente Carlos Ferreira Lima/Mestre Parafuso da Escola de Capoeira do Brasil (ECB). Além deste “grupo” são “grupos” fundadores da nova Federação as “filiais” do “grupo” Cordão de Ouro (CDO) e Raízes do Brasil (RDB), os “grupos” Palmares e Nação Zumbi.

O processo de institucionalização da Capoeira teresinense avança entre as décadas de 1980 e 1990, pois a prática passa a ser veiculada de forma mais regular e positiva por veículos de comunicação da cidade, sobretudo a partir de 1985, quando consegue maior aceitação social e passa a ser praticada em escolas da rede pública estadual e municipal, afastando-se cada vez mais do estereótipo de marginalidade existente na década de 1970. Nesse período, apenas dois “grupos” gozavam do status jurídico de “Associações⁴⁴”:

registradas em cartório, o que passou a ser comum a partir da segunda metade da década de 1980 na cidade.

44 “A associação é uma pessoa jurídica de direito privado tendo por objetivo a realização de atividades culturais, sociais, religiosas, recreativas etc., sem fins lucrativos, ou seja, não visam lucros e dotadas de personalidade distinta de seus componentes. Com a aquisição da personalidade

o “grupo” Escravos Brancos fundado em 1979 e o “grupo” Quilombo Capoeira fundado em 1984.

Em 1986, surgiram a Associação Palmares Capoeira (APC) e a Associação Engenho Bantos Capoeira (AEBC) (SILVA, 2012). Em 1987, Mestre Camisa rompe com o “grupo” Senzala e cria primeiro o “grupo” Capoeirart e, no ano seguinte, em 1988, decide fundar junto com capoeiristas de alguns estados brasileiros (entre eles Piauí e Ceará) o “grupo” ABADÁ-Capoeira, como ficou conhecido mundialmente. Uma das filosofias desse “grupo” é o respeito às tradições e aos fundamentos da Capoeira, preservando simultaneamente as características de arte marcial, jogo lúdico e forma de arte autêntica. Mestre Camisa formula um método próprio que refina a dimensão marcial da prática e consiste na neutralização do adversário operando quedas, deslizamentos, eficácia e agilidade na aplicação dos golpes⁴⁵.

Para Contramestre Sabiá, Mestre Camisa teria sido um capoeirista inovador, uma vez que teria aprimorado ou transformado o jogo inserido na CR, criado por Mestre Bimba e chamado por ele de “Banguela”, na década de 1930, num estilo novo denominado de “Benguela”. Segundo Mestre

jurídica a associação passará a ser sujeito de direitos e obrigações. Em decorrência, cada um dos associados constituirá uma individualidade, e a associação uma outra, tendo cada um seus bens, direitos e obrigações, sendo que há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocas” (LEFISC, 2007).

45 Ver site do “grupo” em: <https://abadarodos.wordpress.com/informacoes/sobre-mestre-camisa/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Camisa, a “Benguela” é um estilo de jogo que se caracteriza como a forma do capoeirista que não é angoleiro jogar realizando movimentos baixos, ou seja, próximo ao chão. Tal jogo foi copiado por muitos outros “grupos” que aderiram à já mencionada Capoeira Contemporânea⁴⁶.

Além dessas duas grandes “linhagens” fundamentais para o entendimento da Capoeira teresinense, surge outra referência importante para os interesses específicos desta obra, por sua relevância no processo de constituição do “coletivo” Domingos de Angola e de suas derivações: Mestre Ananias⁴⁷. Ele migrou para cidade de São Paulo como um sem número de outros mestres nordestinos que buscavam melhorar sua condição de vida atraídos pela abertura de postos de trabalho em fábricas de vários segmentos industriais, por exemplo, as automotivas. Sobre Mestre Ananias, faz-se necessário

46 Mestre Camisa também criou uma prática conhecida como “jogo dos bichos” inserindo o toque de Amazonas. No entanto, esse jogo não se tornou popular como a “Benguela”. Uma criação parecida foi a chamada de “Miudinho”, estilo criado por Mestre Suassuna para desenvolver alguns aspectos de capoeiristas do “grupo” Cordão de Ouro (CDO).

47 Nasceu na cidade de São Felix de Cachoeira-BA, porém, mudou-se para Salvador ainda na juventude, onde foi acolhido por Mestre Waldemar da Liberdade e conviveu com inúmeros capoeiristas de renome, entre eles: os Mestres Pastinha, Traíra, Caiçara, Onça, Najé e Canjiquinha (quem lhe deu o título de mestre). Em 1953, mudou-se para São Paulo, onde atuou na cena artística com participação em peças e filmes, constituindo-se, junto com outros sambistas e batuqueiros, em uma referência no campo da cultura afro-brasileira daquela cidade (GUERRA, 1998).

destacar por enquanto apenas que ele não assume a identidade⁴⁸ de angoleiro num primeiro momento. Sua prática no espaço público semeava abertamente a aproximação ou o diálogo entre os distintos estilos de Capoeira, entre eles a Angola e a Regional, como descreve Mestre Moreno, seu discípulo:

[...] a Roda da República sempre foi uma roda mista, só mais tarde [...] depois, na década [...] em 1987 foi que a gente começou a fazer uma Capoeira Angola. Houve no começo uma certa resistência, mas depois o pessoal foi aceitando e tal, porque a gente sentia que a Capoeira Regional estava muito violenta (AUETU, 2014).

Como veremos no próximo capítulo, o “coletivo” Domingos de Angola foi inspirado deliberadamente na prática de Mestre Ananias em São Paulo, em especial aquela difundida na Praça da República. Por sua vez, a contextualização do campo de formação da Capoeira na cidade de Teresina fez-se necessária com o propósito de guiar o leitor num único sentido, ou seja, investigar as origens de Felipe na esfera local. Dessa forma, será possível entender, posteriormente, a dinâmica de relações empregadas por ele no “coletivo” Domingos de Angola, bem como a constituição do “coletivo” de musicalidade instaurado por Contramestre

48 Outro entrave à afirmação de “grupos” de Capoeira Angola em São Paulo, entre as décadas de 1960-1980, era uma cláusula nos regulamentos esportivos da Federação Paulista de Capoeira que proibia a veiculação da chamada exibição folclórica de Capoeira ou CA nos torneios oficiais organizados pelo órgão (REIS, 2013).

Sabiá no Parque da Cidade e do “coletivo” de Capoeira terapêutica proposto por Fernando na Viva Clínica Fisioterapia. No próximo tópico, será apresentada uma breve discussão conceitual acerca de categorias relevantes para este livro, como “Grupo de Capoeira” e “Coletivo de Capoeira”.

“Grupo de Capoeira” x “Coletivo de Capoeira”

Antes de prosseguir para o capítulo seguinte, creio ser necessário apresentar uma breve discussão acerca do uso de duas categorias mencionadas na apresentação desta obra – essenciais para o entendimento da análise –, “Grupo de Capoeira” e “Coletivo de Capoeira”. A intenção aqui é fornecer ferramentas ao leitor para a compreensão daquilo que se supõe constituir o tipo específico dos arranjos sociais estabelecidos nas práticas instauradas no espaço público por Contramestre Sabiá e no espaço privado por Fernando após o falecimento de Felipe. Com isso, pretende-se definir o uso e estabelecer a distinção entre os dois termos ao longo do livro.

Tal discussão surgiu a partir da reflexão sobre a categoria nativa “coletivo”, a qual busco transformar em categoria analítica no sentido de mapear o fenômeno estudado com base nas relações sociais concretas estabelecidas entre os sujeitos na Clínica de Fisioterapia e no Parque da Cidade. Portanto, é feito uso desta categoria com o propósito de auxiliar no desenvolvimento do estudo e superar o limite heurístico encontrado na categoria “grupo”, presente no esquema do “sistema de linhagem” definido por Brito (2017).

Segundo Brito (2017), o processo de construção identitária da Capoeira Angola em oposição à identidade da Capoeira Regional teria se iniciado entre as décadas de

1930-1940 a partir de uma disputa simbólica estabelecida entre Mestre Bimba e Mestre Pastinha – e posteriormente na década de 1980 entre o “grupo” de Capoeira Senzala e o “grupo” de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP), de Mestre Moraes. De acordo com o autor, tais conflitos teriam sido responsáveis por instaurar (na primeira etapa) e renovar (na segunda etapa):

Um conjunto de sinais diacríticos que deram origem aos fundamentos⁴⁹ da Capoeira Angola em uma primeira dimensão e servem para diferenciar os angoleiros de praticantes da Capoeira Regional/Contemporânea, independentes das linhagens que se encontram em seu interior (BRITO, 2017, p. 58).

O sistema proposto por Brito é constituído de quatro dimensões baseadas em princípios de contrastividade e complementaridade que englobam conceitos referentes a

49 Trata-se de um termo nativo que funciona “como categoria de acusação sempre que algum grupo seja taxado de *sem-fundamento*, forçando-os a adequarem-se à tal prática tradicional, dando, assim, origem a dois movimentos opostos e complementares: 1. Um movimento centrípeto dos grupos de Capoeira Angola emergentes para o interior de um sistema organizacional preestabelecido e 2. Uma força centrífuga disseminando a Capoeira Angola tradicional, ou seja, organizada pelo sistema de linhagem, pelo mundo. Nessa perspectiva, os fundamentos são, ao mesmo tempo, objetivo e arma de disputas simbólicas” (BRITO, 2017, p. 41). Ou seja, são responsáveis por representar “[...] a forma estrutural e as relações sociais entre os sujeitos inseridos nas unidades sociais do sistema de Capoeira Angola [...] bem como assumem formas específicas e são responsáveis pelo controle e formação de comunidades hierarquizadas e pela relação nós e os outros nesse universo simbólico” (p. 210-211).

unidades sociais de diferentes escalas: “linhagens”, “grupos” e “núcleos”. A primeira dimensão é formada pelo que o autor denomina de “fundamentos identitários da Capoeira Angola”, responsáveis por estabelecer a distinção entre os angoleiros e os praticantes da Capoeira Regional/Contemporânea. A segunda dimensão seria composta pelos “fundamentos identitários de linhagem” responsáveis pela identificação das diferentes “linhagens” independente dos “grupos” que estão alocados em sua estrutura. Já a terceira dimensão é compreendida a partir dos “fundamentos identitários de grupos” responsáveis por distinguir os “grupos” pertencentes a uma “linhagem” específica, neste caso, a distinção ocorre de maneira mais sutil se comparada à distinção dos “fundamentos identitários” da primeira e da segunda dimensão. Por último, temos os “fundamentos identitários de núcleos” que dão origem à quarta dimensão e são as menores unidades sociais desse sistema. Em suma, diz-se que as “linhagens” são constituídas de diferentes “grupos” entre si e que estes, por sua vez, são constituídos de diferentes “núcleos” (BRITO, 2017).

Aqui já surgem duas diferenças que nos levam a repensar este sistema localmente: apesar de haver “grupos” em Teresina, existem também os “coletivos” – sobretudo no escopo de análise foco desta obra –, que discutirei adiante; além disso, a menor unidade social do universo da Capoeira teresinense é chamada de “filial” e não de “núcleo”. Mas sigamos com a discussão. Dois princípios parecem agir na

construção das identidades dos praticantes de CA e estabelecer distinções no interior da unidade mais ampla, são eles: o estabelecimento da identidade do angoleiro através de um vínculo com uma “linhagem” tradicional e a “filiação” ou “apadrinhamento”, na qual distinções devem ser estabelecidas para que um “grupo” possua identidade própria no interior da estrutura mais ampla.

Entre os “fundamentos identitários” de primeira dimensão que marcam as diferenças com a CR/CC, por exemplo, posso citar o uso de calçados/sapatos, a formação da orquestra/bateria⁵⁰, a não violência, as chamadas de angola e o “sistema de graduação”⁵¹. Formas distintas de organizar a

50 Conjunto de instrumentos rítmicos formado por três berimbaus (gunga, médio e viola), dois pandeiros, atabaque, reco-reco e agogô. Esses instrumentos são dispostos na roda de Capoeira de forma hierarquizada e segundo a lógica interna de cada “linhagem” ou tradição da CA hegemônica da Bahia. No caso da bateria da CR, é utilizado apenas um berimbau e um pandeiro, enquanto a bateria da CC é constituída pelos três berimbaus (gunga, médio e viola) e um atabaque. Contudo, é importante que se diga que essas formações podem variar em cada uma dessas vertentes de acordo com a “linhagem” a que cada uma delas estiver vinculada.

51 O processo de formação do capoeirista no “sistema de graduação” da Capoeira Angola obedece a três estágios: “Treinel” ou Professor, Contramestre e Mestre (além disso, o estágio de desenvolvimento dos alunos não é medido através de cordas). Por sua vez, o “sistema de graduação” da Capoeira Contemporânea faz uso de cordas coloridas para medir o estágio de desenvolvimento dos alunos, enquanto o “sistema de graduação” da Capoeira Esportiva/Nacionalizada faz uso de cordas representadas pelas cores da bandeira brasileira. Em ambos os casos a formação dos capoeiristas parecem seguir uma estrutura distinta daquela seguida na CA, uma vez que outros estágios da formação do capoeirista

orquestra/bateria são “fundamentos identitários” que marcam as diferenças internas entre as “linhagens” de CA na segunda dimensão, enquanto desenhos/cores dos uniformes são “fundamentos identitários” da terceira dimensão, responsável por marcar as diferenças entre os “grupos” dentro de uma mesma “linhagem”. Finalmente, a quarta dimensão representa a distinção entre os “núcleos” dentro de um mesmo “grupo”, no entanto, como estes são considerados as menores unidades sociais do “sistema de linhagem” da CA, não possuem uma distinção específica (BRITO, 2017).

Um “grupo de Capoeira” se constitui e se legitima, portanto, a partir de duas maneiras. A primeira está relacionada à entrada de um capoeirista em um “grupo” já existente e, nesse processo, o capoeirista passa a pertencer a uma “linhagem” em que os líderes, em diferentes posições dentro dessa organização hierárquica, gozam do consentimento e do reconhecimento de um mestre, que, por sua vez, já é reconhecido no interior da comunidade capoeirística mais ampla. Essa forma de constituição de um “grupo de Capoeira” fez e continua a fazer parte da realidade de muitos “grupos” da cidade de Teresina como, por exemplo, os “grupos” Sensala, ABADÁ-Capoeira, Muzenza (GMC) e Associação Cultural de Capoeira Raízes do Brasil (RDB). A segunda maneira diz respeito aos “grupos” que se constituem sem um mestre anteriormente definido ou sem o consentimento de um

são demarcados, por exemplo, Formado e/ou Graduado, Instrutor, Professor, Contramestre e Mestre.

mestre reconhecido dentro da comunidade capoeirística. Ao analisar o processo de legitimação dos mestres de Capoeira Contemporânea, Cressoni (2013) chega à conclusão de que em alguns casos o reconhecimento do meio social ou a “legitimação social”, nos termos de Sousa Neto (2013), é suficiente para legitimar a prática de um determinado capoeirista ou constituir um “grupo” independente e autônomo pelo seu próprio esforço, sem que haja a necessidade de reconhecimento da comunidade da Capoeira como um todo. Como já foi dito, em muitos casos essa comunidade se organiza através de unidades sociais, como as “linhagens”, os “grupos” e os “núcleos”, como ocorre na CA, em que um “grupo” ou mestre só é reconhecido enquanto tal pelo aval do espaço social da própria Capoeira.

Segundo Wanderson Silva, que estuda as relações entre dois “grupos” de Capoeira de Teresina (GMC e APMC), o que faria um conjunto de capoeiristas se constituírem enquanto “grupo” em âmbito local é a sua construção independente, na qual não é preciso se vincular a um “grupo” anterior, geralmente de fora de Teresina e até mesmo do estado do Piauí, para se legitimar enquanto “grupo de Capoeira”. Um exemplo é o caso de Mestre Cebola: ao se desvincular das “filiais” sob seu comando – que compunham o “grupo” ABADÁ-Capoeira (de fora do estado) – funda seu próprio “grupo” independente (APMC), o que ocorre devido ao Mestre não sentir a necessidade de um reconhecimento formal por parte de outros “grupos” ou mestres da cidade, haja vista

que tem seu trabalho reconhecido pelo meio social em que está inserido. No caso da ACCEB, idealizada e coordenada por Mestre Albino, é possível dizer que ele mantém um vínculo genealógico com a comunidade da Capoeira paulista, no entanto, cria seu próprio “grupo” autônomo e independente, possuindo “filiais” dentro e fora do estado do Piauí.

Dentre os conjuntos de capoeiristas encontrados em Teresina que se relacionam com o escopo de estudo investigado neste livro e poderiam ser enquadrados na categoria de “grupo” descrita por Brito (2017), posso citar: ACCEB, Associação Cultural Oscapoeira (ACO), Associação Cultural Alforria Capoeira (ACAC), Associação Cultural Cordão de Ouro (CDO) e Associação Sociocultural Gingado Brasileiro de Capoeira (GBC). No caso dos “grupos” teresinenses pude observar, durante o trabalho de campo em duas ocasiões diferentes – na sede da ACCEB em agosto de 2019 e no espaço de treino de uma das “filiais” da ACAC em julho do mesmo ano –, a presença de alguns elementos que identificam tais unidades enquanto pertencentes a uma mesma “linhagem”. Entre eles, posso citar o “sistema de graduação” bem definido, que utiliza cordas nas cores da bandeira do Brasil, a prática com os pés descalços e a instituição do “Salve Capoeira” no final de treinos e rodas. Simultaneamente, notei que outros traços distinguem tais “grupos” dentro da unidade mais ampla (“linhagem”), por exemplo, os uniformes/abadás (calça e camisa) com logomarca do “grupo”, a composição e a formação da bateria, entre outros. Na ACCEB, a bateria

é composta por três berimbaus (gunga, médio e viola), atabaque, pandeiro, reco-reco e triângulo, enquanto na ACAC a orquestra é formada apenas pelos três berimbaus, atabaque e pandeiro, sem o reco-reco e sem o triângulo.

Ainda há outros elementos que identificam e distinguem a prática da Capoeira no “núcleo” do GCAZ, dentre os quais: o uso de sapatos durante treinos e rodas; o uso de uniformes com logo que obedecem aos fundamentos de um “grupo” e contrastam com outros “grupos” de Teresina através das cores preto e amarelo em referência à “linhagem” de Mestre Pastinha; as chamadas de angola; a não violência e a formação da bateria. Esta é constituída da esquerda para a direita, na perspectiva dos instrumentistas, por atabaque, pandeiro, viola, médio, gunga, pandeiro, agogô e reco-reco, nessa ordem⁵². Tal distinção com relação aos “grupos” locais pode ser compreendida em virtude de se tratarem de unidades sociais que pertencem a “grupos” e “linhagens” distintas e muito distantes no interior do sistema total de relações da Capoeira, uma da Capoeira Angola de origem soteropolitana e outros de Capoeira Contemporânea de origem carioca e de Capoeira Esportiva/Nacionalizada e/ou Capoeira “Anglo-Regional” de origem paulista.

52 Como vimos, a ordem dos instrumentos possui valor distintivo, isto é, funciona como um sinal diacrítico no “sistema de linhagem” da Capoeira Angola baiana, uma vez que outros “grupos” que utilizam os mesmos instrumentos, porém em ordem diferente, podem ser associados a “linhagens” diferentes no interior desse sistema.

Deve-se ter em mente que o uso, nesta obra, do conjunto de termos “linhagem”, “grupo” e “núcleo” (“sistema de linhagem”) servirá apenas para mapear as relações entre os agentes do “núcleo” Zimba – Teresina, sendo que para os outros “grupos” o último termo deve ser substituído por “filial”. Contudo, tais termos não foram úteis para o entendimento do nosso objeto de estudo como um todo, haja vista que as práticas aqui estudadas são oriundas de um conjunto de capoeiristas cuja característica central era a flexibilização dos vínculos identitários. Tal flexibilização ocorre de acordo com o contexto de relações estabelecidas entre diferentes sujeitos pertencentes a distintos “grupos” e “linhagens”, conjunto que se autodenominava de “coletivo”.

Assim, optamos pela elaboração do conceito de “Coletivo de Capoeira” e de sua sistematização como categoria analítica para dar conta dos dois outros arranjos sociais aqui estudados. A independência na tomada de decisões, múltiplas referências e pertencimentos, bem como a união dos membros por afinidades pontuais e efêmeras constituem algumas das características desse tipo de arranjo social. Roy Wagner (2010) entende que seria mais adequado entender as diferenças entre as unidades sociais em função do valor nominal que elas apresentam e não enquanto “grupos”, uma vez que essas diferenças reúnem pessoas somente na medida em que as separam ou as distinguem com base em um determinado critério. Ele escreve:

[...] Quando um antropólogo resume a vida e a imaginação de seus sujeitos de pesquisa em um “sistema” de pesquisa que ele mesmo arquiteta, capturando os pendores e inclinações destes no interior das necessidades, economias, ecologias, e lógicas próprias aos antropólogos, ele afirma a prioridade do seu modo de criatividade sobre o deles. Substitui a forma como os “nativos” fazem suas coletividades pelo seu próprio fazer (“heurístico”) dos grupos, ordens, organizações e lógicas. E é esse modo “nativo” de fazer a sociedade, e não suas curiosas semelhanças com nossas noções de grupos, economia ou coerência, que move nosso interesse aqui. O entendimento dessa criatividade *per se* é a única alternativa ética e teórica aos esforços paternalistas que civilizariam outros povos ao transformar os remanescentes de seus esforços criativos em grupos, gramáticas, lógicas e economias hipotéticas (WAGNER, 2010, p. 244).

Nesse sentido, optamos por seguir as relações sociais que o campo nos informou durante o trabalho, pois ainda que as definições pré-existentes perpassem tangencialmente nossa discussão, elas não deram conta de explicar as relações estabelecidas por diferentes agentes nem do “coletivo” Domingos de Angola nem dos arranjos sociais “inventados” após o falecimento de Felipe. Procedendo dessa maneira, pude perceber que tanto nas oficinas do “coletivo” de musicalidade instaurado por Contramestre Sabiá no Parque da Cidade quanto nos treinos/sessões do “coletivo” de Capoeira terapêutica promovidos na Clínica de Fisioterapia,

os sujeitos (capoeiristas de diferentes “grupos”, funcionários, amigos de Fernando e em alguns casos pacientes/clientes) gozam de autonomia para participar das práticas sem que haja a necessidade de se seguir padrões identitários rígidos ou mesmo abandonar vínculos anteriores e externos aos “coletivos” em si.

Durante as oficinas de musicalidade realizadas no espaço público, os capoeiristas que integram o “coletivo” de musicalidade (inclusive Contramestre Sabiá) exibem distintos pertencimentos, sobretudo através do uso do uniforme dos “grupos” aos quais estão vinculados anteriormente e externamente ao “coletivo”. Contudo, essa marca parece ser flexibilizada⁵³ pelo interesse de todos eles na musicalidade da Capoeira “Anglo-Regional”, que faz de tais relações uma oportunidade para associações temporárias pautadas por afinidades pessoais. Por outro lado, observa-se também o distanciamento de alguns fundamentos obedecidos por eles

53 Uma situação que traz indícios dessa característica e foi observada durante o trabalho de campo realizado no treino do dia 15 de julho de 2019 no espaço da “filial” do “grupo” Alforria Capoeira, localizada no bairro Real Copagri, que não diz respeito propriamente ao nosso escopo de análise, mas que pode ser relacionado a ele devido à proximidade de Felipe e Contramestre Sabiá com integrantes desse “grupo” é a presença de um capoeirista conhecido como Professor Thura (também integrante do “coletivo” Domingos de Angola) que trajava uma camisa do “grupo” Alforria Capoeira e uma calça do “grupo” Oscapoeira. Ao questionar se ele pertencia a ACAC ou a ACO, o mesmo respondeu: “sou do grupo de Mestre Oscar, mas a gente [Oscapoeira e Alforria] somos muito próximos, tem muita gente que começou lá e hoje está aqui, então somos praticamente da mesma turma”.

em seus respectivos “grupos” de origem, por exemplo, a prática sem o uso de sapatos e a formação da bateria. No decorrer das oficinas, observei que muitos capoeiristas usavam sapatos (enquanto em seus “grupos” geralmente praticam a Capoeira descalços), e, além disso, a bateria adotada por eles no “coletivo” de musicalidade não é a mesma adotada nos “grupos” de origem (no “coletivo” de musicalidade a bateria é baseada na formação de Felipe com o berimbau gunga posicionado entre o médio e o viola, ainda que apresente pequenas distinções com relação à bateria instaurada por Contramestre Sabiá).

A ideia de “coletivo” aqui definida também se refere a certa padronização situada na pouca valorização dos sinais diacríticos característicos de seu “grupo”, o que nos remete a uma continuidade em termos de comportamento dos dois “coletivos” aqui estudados em relação ao “coletivo” de onde se segmentaram, o Domingos de Angola.

O termo “coletivo”, na língua portuguesa, pode ser utilizado como substantivo ou adjetivo e possui vários significados. Pode ser algo que abrange várias pessoas ou coisas, que diz respeito a toda uma coletividade ou que é relativo à prática de treinos em conjunto, como no caso da Capoeira, dentre inúmeras outras possibilidades. Segundo Mestre Jabiraca⁵⁴ em fala concedida durante um evento realizado em homenagem a Felipe, do qual trataremos no próximo capítulo,

54 Mestre no “Grupo” de Capoeira Muzenza – Teresina (GMC).

um “coletivo” de Capoeira é “*a reunião ou o agrupamento de capoeiristas que se unem em torno de um objetivo em comum independente do lugar*”. Este objetivo diz respeito à prática da Capoeira (ou seja, treinos, rodas e conversas) realizada nas ruas, praças, parques ou nos espaços privados dos próprios “grupos”. No final do treino realizado no dia 14 de novembro de 2017, no Parque da Cidadania, questionei Felipe sobre a prática de treinos implementados por ele desde 2010 no Parque da Cidade, se esta possuía um nome ou se ele a considerava um “grupo” de Capoeira e ele respondeu:

Não nos consideramos um grupo, prefiro dizer que somos um coletivo de Capoeira. A gente tem interesse em aprender e principalmente divulgar [a Capoeira] através dos treinos nos parques. Aqui vem gente de vários grupos com o interesse em aprender, não só a Capoeira Angola, mas, a Capoeira em si. Como os antigos Mestres diziam só existe uma Capoeira. Quanto ao nome, o pessoal gosta de chamar de Domingos de Angola, por que a gente começou a se encontrar no Parque da Cidade sempre aos domingos pra tocar e jogar o dia todo (FELIPE ESDRAS. Fala concedida ao autor após treino realizado no dia 14 de novembro de 2017 no Parque da Cidadania).

O termo Domingos de Angola parece ser utilizado aqui apenas no sentido de estabelecer uma distinção nominal com outros termos presentes no mesmo universo, haja vista que “os termos são nomes, não são as coisas nomeadas”

(WAGNER, 2010, p. 246). Nesse sentido, apesar da associação com aspectos específicos da Capoeira Angola como a movimentação e a musicalidade, o “coletivo” Domingos de Angola não deve ser entendido como uma prática tradicional dessa vertente ligada a uma determinada “linhagem”, uma vez que existem muitas relações de pertencimentos atreladas aos agentes envolvidos na sua constituição.

Isso significa que nem todos os capoeiristas que mantinham relações com Felipe ou que frequentavam os treinos do referido “coletivo” definiam-se enquanto angoleiros em função de sua relação anterior com outros “grupos”, “linhagens” e mesmo vertentes da cidade. Nesse caso, o vínculo estabelecido entre os sujeitos, tanto no “coletivo” Domingos de Angola quanto nos dois “coletivos” constituídos após sua desarticulação, reitera um tipo de pertencimento provisório e contextual no qual não há a necessidade de se escolher, naquele momento, apenas um em detrimento de outros. Um pertencimento que se faz, se desfaz e se refaz constantemente, uma vez que os sujeitos envolvidos nas relações gozam de autonomia para exibir outros vínculos e outros valores dependendo da situação e do contexto.

Com o propósito de entender a dinâmica das relações sociais que originaram as práticas no espaço público e no espaço privado após o falecimento de Felipe, partiremos da concepção de “coletivo” como um arranjo social da Capoeira flexível que permite maior autonomia no estabelecimento de vínculos ou relações sociais. Fazer uso dessa categoria não

implica pensar que os agentes do “coletivo” Domingos Angola e os frequentadores das práticas estabelecidas por Fernando e Contramestre Sabiá pertencem ao “coletivo” porque, ao que parece, não se trata em absoluto de uma modalidade de pertencimento e, talvez, nem mesmo de identidade.

Creio agora estarmos aptos a prosseguir pela etnografia, dando continuidade ao desenvolvimento da Capoeira teresinense a partir das atividades de Felipe e do “coletivo” Domingos de Angola e das oficinas de musicalidade organizadas por Contramestre Sabiá após seu falecimento.



CAPÍTULO 2

O “coletivo” Domingos de Angola e as oficinas de musicalidade

Felipe Esdras e a prática nos parques

Minha primeira ida a campo se deu no dia 23 de setembro de 2017 quando marquei um encontro com Felipe no Parque Potycabana⁵⁵. Combinei de encontrá-lo às 17h do referido dia (um sábado) e, ao chegar ao local, percebi que ele ainda não havia chegado. Depois de alguns minutos de espera ouvi o som de um berimbau ao longe e, ao me aproximar, encontrei Felipe organizando determinados instrumentos⁵⁶ com algumas pessoas – cerca de sete. Entre estes, notei que quatro pareciam ser membros de “grupos” de

55 Espaço de convivência, aonde as pessoas vão para realizar diversas atividades, uma vez que o lugar possui várias áreas para prática de modalidades esportivas, fazer caminhadas ou simplesmente para realização de encontros. Assim, como os outros dois parques citados, este se trata de um espaço propício para o desenvolvimento de distintas formas de sociabilidade.

56 A bateria de Felipe era constituída pelos berimbaus gunga, médio e viola, além de três pandeiros, um agogô e um reco-reco. No dia em questão era exatamente esse conjunto de instrumentos que ele organizava quando o encontrei no Parque Potycabana. Segundo Contracestre Sabiá, Felipe não utilizava atabaque em sua bateria porque nem sempre encontrava alguém que soubesse realmente tocar esse instrumento, por isso passou a adotar três pandeiros ou apenas dois, contanto que o capoeirista responsável por esse instrumento soubesse tocá-lo substituindo o som do atabaque.

Capoeira da cidade, pois trajavam seus abadá, e três faziam uso de trajes normais⁵⁷, como calça, camisa e sapato, sem fazer qualquer referência a “grupos” de Capoeira. Felipe também não usava abadá ou qualquer tipo de uniforme que pudesse lhe associar a algum “grupo” local.

Após afinar⁵⁸ os instrumentos que compõem sua bateria, Felipe fez uma espécie de oficina de musicalidade⁵⁹, ensinando os toques e os cantos que ele havia aprendido com Mestre Oscar, nas experiências em roda e pelo *Youtube* durante os quase dez anos de opção pela Capoeira Angola. Como um dos participantes, toquei em primeiro lugar o berimbau viola e depois o pandeiro. Era necessário também responder ao coro (como que uma resposta a uma cantiga denominada de “corrido”) e, em seguida, deu-se início à

57 Felipe não exigia a obrigatoriedade de uma indumentária específica durante a realização de seus treinos no espaço público. Durante o trabalho de campo nos três parques, percebi que muitos de seus alunos participavam dos treinos descalços, sem camisa ou até mesmo com o uniforme de outros “grupos” da cidade, muitos deles nem capoeiristas eram, no entanto, haviam aqueles mais próximos ao interlocutor que usavam trajes similares ao que era utilizado por ele e por angoleiros tradicionais.

58 Processo que consiste em encontrar as notas musicais de cada instrumento da bateira, sobretudo dos berimbaus, devido a sua importância para o ritual da roda de Capoeira e à complexidade sonora que exige por parte do capoeirista um saber específico.

59 Aqui já é possível identificar a importância que o angoleiro dava para o quesito musicalidade. Em todos os treinos realizados por Felipe em qualquer um dos três parques, ele sempre iniciava as atividades com uma espécie de oficina: quem estava presente era convidado a participar cantando e tocando algum dos instrumentos e variações de sua bateria.

movimentação. Nesse momento, pude observar que os movimentos realizados eram bastante próximos aos da CA (tive essa sensação devido ao fato de estar treinando na mesma época no “núcleo” do GCAZ – Teresina).

Ao final do treino, foi realizada uma pequena roda de Capoeira em que todos os presentes jogaram entre si. Após a realização desta roda, houve um momento de conversa em que Felipe falou sobre diversos assuntos relacionados ao treino do dia como, por exemplo, dificuldades na realização dos movimentos, formas de cantar e tocar os instrumentos e sobre o universo da Capoeira teresinense – neste caso, temas geralmente relacionados aos eventos promovidos pelos demais “grupos” de Capoeira da cidade. Encerrada as atividades, todos os presentes se dispersaram, permanecendo apenas Felipe e eu desarmando⁶⁰ os berimbau. Foi nesse momento que aproveitei para conhecer um pouco mais sobre sua trajetória.

60 Consiste em retirar a cabaça do arco/verga e afrouxar o arame/corda do instrumento a fim de conservá-lo para outras ocasiões em que será utilizado.



Felipe executando rabo de arraia em um de seus anos durante jogo de Capoeira. Parque Potycabana (2017). Fotografia de Felipe Esdras.

Felipe contou que em determinado momento de sua vida como capoeirista passou a se interessar mais pelo estilo de jogo da CA e que isso aconteceu, sobretudo, após ter visto o jogo entre um angoleiro e um capoeirista da vertente de CR no qual o primeiro, mesmo sendo atacado de forma incisiva pelo segundo, continuava com o sorriso no rosto. Felipe disse: *“depois que eu vi o cara levando rasteira, caindo e levantando sorrindo como se nada tivesse acontecido, eu disse pra mim mesmo que era aquele tipo de Capoeira que eu queria seguir”*. Rua⁶¹, um dos seguidores mais próximos de Felipe, reforça essa versão dizendo:

61 Daniel Douglas, estudante do Ensino Médio. Ele se considera um discípulo de Felipe e acompanhava o capoeirista desde os 11 anos de idade quando o conheceu em uma das aulas realizadas em uma praça no bairro Aeroporto (zona Norte de Teresina).

Vou contar o que o Felipe me falava, antes ele era da Capoeira do Mestre Oscar, aí ele foi e começou a pesquisar [na internet] e viu um jogo com o cara arrastando a perna do outro que caiu no chão, só que ele levantou sorrindo, aí ele disse que quando viu isso, pensou “cara eu quero isso, não quero sair brigando por aí”. Aí achou o Mestre Ananias e se apaixonou pela musicalidade, ele assistia vídeo [Youtube, Facebook], tinha umas revistas raras da Capoeira, ele treinava com o Professor Thura [Oscapoeira] e o Sabiá [Oscapoeira], mas, um dia ele se desligou do grupo e continuou treinando a **Capoeira dele, a Capoeira Angola dele**. Ele treinava sozinho aqui no Parque [da Cidade] de manhã, tem até vídeo no *Youtube* se você pesquisar é só o Sabiá e ele jogando ali em cima no Coreto. No final da história dele, já perto dele morrer, ele já não estava vindo com tanta frequência pro parque, ele estava treinando mais nessa época era na Clínica [Viva Clínica Fisioterapia] com o Fernando (RUA. Fala concedida ao autor no dia 19 de maio de 2019 após oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade).

Rua aponta para o fato de Felipe jogar não apenas a Capoeira Angola, mas a “Capoeira Angola dele”, como uma especificidade nesse universo. Felipe mudou radicalmente sua forma de pensar e agir no mundo da Capoeira, passando a jogar sempre sorrindo e com menor ênfase na luta, ao mesmo tempo em que se interessou mais pela musicalidade. Além disso, ele modificou sua forma de vestir, pois abandonou o uniforme/abadá do “grupo” que fazia parte e começou a trajar

roupas sociais (camisa por dentro da calça, chapéu e sapato)⁶² e a jogar sempre calçado.

Sobre a indumentária utilizada por Felipe durante os encontros do “coletivo” Domingos de Angola, faz-se necessário esclarecer que ela também não o identificava enquanto angoleiro vinculado a algum “grupo” inserido no “sistema de linhagem” da CA como, por exemplo, o “núcleo” do GCAZ em Teresina. Todavia, é possível dizer que o referido traje foi utilizado por ele com sentido e vontade de aproximar-se daqueles utilizados pelos antigos Mestres de Capoeira, em especial, de capoeiragem. Todas essas características formam um conjunto de sinais diacríticos adotados por Felipe cuja função era promover uma diferença entre ele e seus antigos companheiros da ACO.

Claro que todas essas mudanças implementadas por ele provocaram reações adversas. Felipe me contou que nas rodas da ACO muitos companheiros criticavam sua nova forma de jogar e, por vezes, tentavam até mesmo lhe acertar uma rasteira ou outro golpe como forma de corrigir aquele tipo de comportamento que não era aceito dentro “grupo” por se distanciar dos seus valores.

62 Pode-se dizer que a associação com esses trajes estabelece um estereótipo, pois nem todo angoleiro se veste assim, mas muitos dos capoeiristas que praticam outras vertentes e visitam rodas de angoleiros ou mesmo ex-praticantes de outras vertentes que fazem a conversão, começam a se transformar de fora pra dentro, ou seja, começam a negar o abadá e em seguida se aproximar de um modo mais “tradicional” de se vestir (BRITO, 2017).

Inclusive seu próprio mestre lhe fez duras críticas na ocasião. Mestre Oscar diz:

Olha, o Felipe saiu do grupo por que eu critiquei a maneira como ele passou a jogar, falei que ele não ia muito longe com a forma como ele tava jogando, muita mímica, aí ele se zangou, não gostou e decidiu sair do grupo. Eu conheço o Felipe há muito tempo, ele começou comigo aqui⁶³ [Parque da Cidade] ainda criança e eu sempre cuidei dele porque desde cedo eu sabia que ele ia se tornar um grande capoeirista. Mesmo quando ele saiu do grupo ele ligava pra mim, às vezes eu ia pegar ele na faculdade e levava pra casa, quando eu não podia dava um jeito de arranjar um dinheiro pra ele pegar um moto táxi, era uma relação de como um pai quer bem o filho. O Felipe era um capoeirista que se você pedisse pra ele jogar embaixo ele jogava, se você pedisse pra ele jogar em cima ele também jogava, foi um dos melhores que já vi na Capoeira de Teresina, e ele sempre estava com o sorriso no rosto era a marca dele (Mestre OSCAR. Fala concedida ao autor antes da oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio de 2019).

Podemos ver que mesmo após Felipe ter se desvinculado formalmente da ACO ele não deixou de ter relações

63 Existe um tipo de continuidade entre Mestre Oscar e Felipe mesmo após a saída deste da ACO, o que me faz pensar que sua opção pelo espaço público não se deve totalmente a Mestre Ananias, mas também a Mestre Oscar, haja vista que o “grupo” Oscapoeira consolidou-se na cena da Capoeira teresinense a partir da década de 1990 fazendo uso do espaço do Parque da Cidade como sede de suas atividades.

com Mestre Oscar e com os membros do “grupo” Oscapoeira. Como veremos ainda neste capítulo, a continuidade de tais relações foi fundamental para a afirmação do “coletivo” Domingos de Angola no espaço público dos três parques e, posteriormente, para constituição do “coletivo” de musicalidade articulado por Contramestre Sabiá no Parque da Cidade, pois muitos dos interlocutores que participaram dos treinos promovidos por Felipe ou participam das oficinas de musicalidade organizadas pelo Contramestre Sabiá são oriundos do “grupo” de Mestre Oscar. Sobre a saída de Felipe desse “grupo”, Mestre Ulisses⁶⁴ completa:

Quando o Felipe estava prestes a sair do grupo do Mestre Oscar, ocorreram algumas fofocas, teve muita gente que veio falar que eu tava querendo levar o Felipe pro meu grupo porque ele foi treinar comigo algumas vezes. Lembro que eu até tentei convencer ele a ficar no Oscapoeira, uma das sugestões foi que ele poderia ficar responsável por uma parte dos treinos só de Capoeira Angola dentro do grupo do Mestre Oscar, mas lembro que ele não quis, pois estava realmente decidido a seguir seu próprio caminho (Mestre ULISSES. Fala concedida no GT: A Capoeira como prática social: resistências e adaptações da Capoeira do Piauí e das adjacências, realizado durante a semana acadêmica de Ciências Sociais da UFPI no dia 25 de abril de 2019).

64 Ex-aluno de Mestre Oscar e atualmente mestre na Associação Cultural Alforria Capoeira (ACAC).

O Professor Sílio conta que após se desvincular da ACO entre 2009 e 2010, Felipe chegou a passar algum tempo treinando com os capoeiristas dos “grupos” Cordão de Ouro (CDO), “filial” de Mestre Cobra⁶⁵ e Escravos Brancos. Segundo ele, Felipe chegou a ter uma conversa com Mestre Albino do “grupo” Escravos Brancos (lembrando que este é o mestre de Mestre Oscar) sobre a intenção de seguir sua trajetória como angoleiro. Ao que parece, o referido mestre lhe disse das dificuldades que encontraria caso optasse por aderir a Capoeira Angola, uma vez que na cidade de Teresina essa vertente nunca foi disseminada por ninguém. Em conversa com o Professor Sílio após um dos treinos/sessões realizados no espaço Viva Clínica, em novembro de 2019, ele me relatou que Mestre Albino indicou algumas referências na Capoeira de São Paulo, dentre as quais estava Mestre Ananias.

Após romper formalmente com o “grupo” Oscapoeira, Felipe passou a treinar sozinho na Praça Cristino Leite, localizada na zona Norte da capital, mais especificamente no bairro Aeroporto e, em seguida, retornou ao Parque da Cidade em 2010. Como não havia “grupos” de Capoeira Angola na cidade naquele período, ele foi obrigado a buscar os ensinamentos dessa vertente em vídeos de mestres angoleiros disponibilizados no *Youtube* e no *Facebook*, como vimos no relato de Rua. Entretanto, num determinado momento, concentrou sua atenção nos vídeos do “grupo” de Capoeira

65 Sangiorge. Antes de migrar para o “grupo” Cordão de Ouro, Mestre Cobra era integrante do “grupo” Escravos Brancos.

Angola Senhor do Bonfim (GCASB) de Mestre Ananias, cuja sede⁶⁶ encontra-se na cidade de São Paulo. Mestre Ananias foi a principal referência (o que não significa dizer que tenha sido a única) na sua transição para a CA.

As semelhanças entre a prática desenvolvida por Felipe em Teresina e o trabalho do referido mestre são visíveis, sobretudo porque, aparentemente, os valores agregados por esse mestre se aproximam dos valores do antigo mestre de Felipe, Mestre Oscar, e até mesmo do mestre de seu mestre, Mestre Albino. Mestre Ananias iniciou sua trajetória como angoleiro na cidade de São Paulo em um espaço público (a Praça da República), enquanto Felipe iniciou os treinos de CA em Teresina no Parque da Cidade. As rodas de Capoeira na Praça da República são realizadas sempre aos domingos, da mesma forma que os treinos realizados por Felipe no “coletivo” Domingos de Angola também o eram. Ambos não usavam uniformes (talvez seja essa a origem da vestimenta de Felipe, já que o mestre trajava sempre calça social, sapato e chapéu). Mestre Ananias possuía grande apreço pela musicalidade e sempre posicionava o berimbau gunga⁶⁷ entre

66 Deve-se destacar que Felipe chegou a fazer algumas visitas à sede do referido “grupo” e a conhecer pessoalmente Mestre Ananias, quem ele passou a seguir ainda que de modo não oficial. Nesse sentido, apesar de Felipe reconhecer a influência de Mestre Ananias na sua forma de conceber a Capoeira Angola no espaço público, ele tinha a intenção de manter um trabalho autônomo, em outras palavras, buscava fincar as bases de uma Capoeira Angola teresinense.

67 Tal ordem na composição da bateria era uma marca registrada do “grupo” de Mestre Ananias, uma vez que a maioria dos “grupos” pertencentes ao

o médio e o viola, o que levou Felipe a fazer o mesmo com sua bateria em Teresina.



Felipe (a direita) durante chamada de angola com Rodrigo “Minhoca” (a esquerda). Ponto de Cultura Casa de Mestre Ananias, São Paulo (2016). Fotografia de Felipe Esdras.

A escolha do espaço público por Felipe para desenvolver sua prática parece ter relação com a prática estabelecida tanto por seu ex-mestre, Mestre Oscar, quanto por Mestre Ananias na Praça da República. O relato de Rua serve como indicativo da importância atribuída a essa característica como um “fundamento” associado à prática do “coletivo” Domingos de Angola:

“sistema de linhagem” da CA baiana posicionam os berimbaus em ordem decrescente, ou seja, do maior para o menor (gunga, médio e viola).

Eu conheci o Felipe em 2015 na Praça Cristino Leite lá no Aeroporto, um amigo meu ia [nos treinos] e me chamava. Nessa época eu via o Felipe na rua sozinho com o berimbau nas costas e eu falava assim “é Capoeira? dá um mortal aí pra ver se é Capoeira mesmo?” [risos]. Eu já fazia Capoeira antes disso, mas nunca tinha ido lá com o Felipe. Eu era pequenininho quando comecei a jogar com ele lá na praça, a gente chegava seis horas ou seis e meia e ficava até umas dez horas da noite jogando. Aí comecei a criar uma amizade com o Felipe, depois comecei a vim pro Parque [da Cidade], foi quando o Felipe entrou mesmo na minha vida e virou amigo da minha família toda (RUA. Fala concedida ao autor em evento realizado no dia 19 de maio de 2019 no Parque da Cidade).

No final do treino realizado no espaço do “núcleo” teresinense do GCAZ, no dia 25 de setembro de 2017, Felipe me relatou que certo dia foi participar de uma roda de rua realizada na cidade de Timon-MA, organizada por Mestrando Bauzinho, e da qual já havia participado outras vezes. Ao entrar na roda para jogar com um capoeirista conhecido como Buda⁶⁸, tentou aplicar uma “meia lua de frente”, mas foi interceptado bruscamente pelo seu oponente, que segurou sua perna e tentou lhe empurrar com o intuito de provocar sua queda. Depois disso, o jogo foi interrompido pelo responsável

68 De acordo com Wanderson Silva, mestre em Antropologia pela UFPI, Buda trata-se de um capoeirista vinculado ao “grupo” Muzenza de Capoeira (GMC), além disso, também é adepto de vale tudo.

da roda e, quando reiniciado, Felipe diz ter tentado aplicar um “rabo de arraia”, contudo, foi surpreendido por Buda, que lhe aplicou um “martelo lateral”. O interlocutor afirmou que procurou manter a calma (segundo ele, característica de um angoleiro) e não revidar o golpe desferido por Buda (o que seria característico da reação de um regionaleiro, comportamento do qual procurava se afastar); sua única reação após ter sido derrubado foi levantar com um sorriso no rosto, como se nada tivesse acontecido, e continuar com o jogo.

Situação similar me foi descrita antes do treino realizado por Felipe no dia 15 de outubro de 2017 no Parque da Cidade, porém, desta vez, o ocorrido foi no evento de um “grupo” realizado na cidade de Caxias-MA. Ele contou que ao entrar na roda para jogar com um dos mestres que participava do evento, foi alvo de vários golpes agressivos e um deles lhe derrubou. Contudo, Felipe reagiu do mesmo modo descrito na situação anterior, isto é, sempre com o sorriso no rosto e nunca de forma a revidar o golpe recebido na mesma moeda. O angoleiro seguiu contando que, ao final desse evento, muitos capoeiristas (inclusive alunos do próprio mestre que jogara com ele) aproximaram-se para lhe cumprimentar devido a sua reação e, principalmente, em virtude de sua forma de jogar. Ao que parece, Felipe procurou agir nas duas situações descritas da mesma forma: segundo sua representação do que viria a ser um angoleiro, como o angoleiro do vídeo que ele havia assistido durante suas pesquisas sobre o universo da Capoeira Angola.

É possível dizer que a partir das experiências relatadas, Felipe começa a formar ideias do que seja ser um angoleiro e parte em busca de se tornar um. Nesse processo, passa a atrair outros capoeiristas para os seus treinos nos parques de Teresina. Felipe relata que o processo de ocupação do Parque da Cidade encabeçado por ele se deu da seguinte forma:

No Parque da Cidade, o primeiro lugar que treinei foi no Coreto, só que lá já tinha outra galera que usava o espaço pra treinar Kung Fu e Karatê, então decidi procurar outro lugar dentro do parque pra continuar treinando. Foi aí que pensei em usar esse espaço que a gente tá agora [ao lado da sala dos vigias], só que o começo aqui foi difícil porque o chão era duro, tinha muitas pedras, buracos e o local era muito sujo. Cheguei várias vezes pra treinar e encontrei fezes e vidro, pois as pessoas vinham pra cá beber cachaça e acabavam quebrando as garrafas. Sempre que eu chegava aqui tinha que primeiro começar limpando o lugar pra depois poder começar a treinar. Quem me ajudou muito no início foram os próprios funcionários do parque [vigias] que me emprestavam vassouras. No começo também tive ajuda de muitos amigos como o Sabiá, o Gilson, o Cavalão, o Professor Thura entre outros (FELIPE ESDRAS. Fala concedida ao autor antes do treino realizado no Parque da Cidade no dia 5 de novembro de 2017).

Entre os interessados estavam capoeiristas de distintos “grupos” da cidade, crianças e jovens que moravam próximo

ao Parque da Cidade. À medida que a procura pelos treinos realizados por Felipe nesse espaço ia crescendo, o “coletivo” ia ganhando maiores proporções e se expandindo para outros parques públicos de Teresina, como o Parque Potycabana, em 2012, e o Parque da Cidadania, em 2017. Segundo Mestre Ulisses, houve uma tentativa anterior de implementar a prática da CA na cidade, mas que falhou por certa falta de diplomacia:

Antes do Felipe teve um cara de fora que tentou ensinar a Capoeira Angola em Teresina. Ele treinava em uma praça no bairro Primavera, só que não foi pra frente porque teve alguns problemas, parece que esse cara tentou aliciar alguns alunos, e por isso foram feitas várias denúncias contra ele e o movimento não foi pra frente (Mestre ULISSES. Fala concedida no GT: A Capoeira como prática social: resistências e adaptações da Capoeira do Piauí e das adjacências, realizado durante a semana acadêmica de Ciências Sociais da UFPI no dia 25 de abril de 2019).

A dinâmica implantada por Felipe nos encontros do “coletivo” Domingos de Angola promovidos no Parque da Cidade ocorria da seguinte forma: os treinos eram realizados aos domingos, entre 9h da manhã e 19h da noite. Contudo, esse horário variava, pois em algumas ocasiões os capoeiristas chegavam a passar mais de 12h seguidas no parque. A fala de Rua comprova isso:

Uma coisa que até o Sabiá sabe, é que quando juntava aqui umas quinze pessoas fazendo o mesmo som, não ficava aquela mesma coisa tipo quando tava só a gente [Rua, Romeu, Sabiá, Gaby e Felipe]. Claro que tinha aqueles dias que alguém estava meio desligado, mas se a gente fuçar nos arquivos a gente acha registro tocando aqui até escurecer e o axé lá em cima, às vezes dava nove horas da noite e a gente ainda tava aqui tocando (RUA. Fala concedida ao autor após oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 19 de maio de 2019).

Em outras situações, mesmo depois de finalizados os treinos no Parque da Cidade, Felipe e alguns de seus parceiros mais próximos do “coletivo”, como Contramestre Sabiá, Gaby⁶⁹, Rua e Romeu⁷⁰, estendiam as vivências a outros locais da cidade. Sobre isso, Contramestre Sabiá diz:

69 Ex-namorada de Felipe, capoeirista e seguidora do “coletivo” Domingos de Angola desde 2014.

70 Integrante do “grupo” Recriart Capoeira. Sua primeira vivência com a Capoeira Angola foi através das aulas realizadas por Felipe no “coletivo” Domingos de Angola. Em virtude disso, Romeu considera Felipe como seu professor. Ele próprio diz: “se me perguntarem quem me ensinou, quem é meu Professor ou Mestre eu sempre falo que é o Felipe”.

Teve um dia que nós ficamos lá naquela Praça da Cristino Leite, quando eu me espantei, ou melhor, nós nos espantamos, já era meia noite e algumas quebradas, isso por quê? O que nos fez pensar na hora? Passou um carro da polícia, e eu disse “Felipe faz é hora que não passa carro da polícia aqui veio passar agora”, eu perguntei “que horas são?” Ele respondeu, “rapaz são dez pra uma”. Os moradores no mínimo já tinham chamado [risos], só que assim eles passaram e não falaram nada e tal, ficaram vendo a situação, mas assim [...] aceitaram. Pô, os caras tem que implicar com quem é bandido a gente estava ali apenas fazendo uma recreação particular após o treino, você me entendeu? (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor após oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 05 de maio de 2019).

Quanto à divisão dos horários de treino no Parque da Cidade, Felipe usava o período da manhã somente para realizar a afinação dos instrumentos, o que levava horas, pois ele era bastante meticoloso com esse quesito por considerá-lo um fundamento basilar de sua prática:

A base da Capoeira tá na musicalidade, se você não afina bem o gunga, o médio e o viola com certeza na hora da roda isso vai fazer diferença porque quem tá jogando joga no ritmo do berimbau, quem comanda a roda é ele. Eu já pude ver muitas rodas em que o som dos berimbaus não estava bom, por isso eu sempre passo a manhã toda só pra afinar os meus berimbaus porque sei que uma bateria bem afinada faz a diferença, faz quem tá jogando se libertar ou fazer um movimento que talvez não fosse possível se a bateria não tivesse boa (FELIPE ESDRAS. Fala concedida ao autor após o treino realizado no Parque da Cidadania no dia 29 de outubro de 2017).

Um evento que ilustra bem o rigor que Felipe tinha com relação à afinação dos seus berimbaus foi descrito pelo Professor João (CDO). Felipe foi convidado para participar de um evento realizado em uma das “filiais” do “grupo” Cordão de Ouro, no qual ele daria uma aula de musicalidade de Capoeira Angola para os alunos desse “grupo”. No entanto, ao chegar ao local, o capoeirista conferiu a afinação dos doze berimbaus que o Professor João havia levado para utilizar durante o evento e não gostou. Diante dessa constatação, disse ao anfitrião que não utilizaria nenhum daqueles berimbaus e que preferia tocar com o seu. Segundo Gaby, quando Felipe ia participar de eventos organizados por outros “grupos” sempre preferia tocar o seu berimbau. Ela diz: *“Eu achava engraçado quando a gente ia para os lugares e ele [Felipe] falava ‘Boquinha [um dos apelidos de Gaby], eu*

não vou pegar esses berimbaus não, vou tocar o meu' [risos]". Professor João relata como foi sua reação na ocasião:

Eu nunca não tinha nem ouvido falar em afinação, quando ele [Felipe] começou a falar pra mim. Mas na hora que ele dispensou os meus doze berimbaus eu fiquei puto [risos]. Não é porque o cara tá morto que eu vou mentir e dizer que gostei, eu fiquei puto na hora [risos]. Capoeirista é arrogante, e eu na minha arrogância fiquei com aquilo ali na cabeça. Mas depois que ele falou em afinação eu disse "tem alguma coisa que não sei", por isso fui atrás, depois eu comecei a pesquisar e descobri várias formas de afinar, eu tava até indagando com o Bahia [João Pedro] ontem (Professor JOÃO. Fala concedida durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio de 2019).

Numa conversa com Contramestre Sabiá antes de um dos treinos/sessões realizados em agosto de 2019 na Clínica de Fisioterapia, ele me relatou que Felipe e outros capoeiristas que frequentavam os treinos do "coletivo" Domingos de Angola costumavam sair em uma espécie de peregrinação do Parque da Cidade até o complexo cultural da Ponte Estaiada⁷¹, ao Parque Potycabana e a outros locais da cidade. O que chama atenção não é o fato de alguns capoeiristas se deslocarem de um ponto a outro da cidade a pé para participar de uma roda de Capoeira, mas que eles faziam

⁷¹ Local onde era realizada uma roda de Capoeira nos últimos domingos de cada mês, organizada por Mestre Corujão.

todo o trajeto cantando e tocando seus instrumentos. Contramestre Sabiá explica:

Às vezes a gente saía do Parque da Cidade a pé até a Ponte Estaiada ou pro Monsenhor Melo [escola da rede estadual], caminhando e ao mesmo tempo cantando e tocando nossos berimbaus e pandeiros pelas ruas. A gente sempre ia parando porque é uma caminhada grande [risos], e durante o trajeto algumas pessoas até se aproximavam pra conversar e saber o que a gente estava fazendo. Às vezes elas até ajudavam oferecendo água (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor antes de treino realizado em agosto de 2019 no espaço Viva Clínica).

Sobre os deslocamentos pela cidade e a presença da musicalidade durante a realização dos trajetos, Rua diz:

Eu conheci o Felipe assim na praça e na noite tocando, a gente ia daqui lá pra casa que é ali perto da sorveteria Cuca Fresca [Bairro Primavera], a gente ia caminhando, tocando, aí eu acredito que o pessoal que via assim de longe olhava e dizia “ó os vagabundos chegando” [risos]. Ele falava isso, “rapaz os meus vizinhos aqui devem me chamar de louco”. Pra onde ele [Felipe] ia eu acompanhava, a gente saía daqui a pé, ia lá pra Ponte Estaiada, a gente ia pra Potycabana dia de sábado, aí teve um dia que ele falou vamos a pé pra casa, a gente ia tocando, conversando e foi essa a relação, a gente andava a cidade todinha, a gente descia aqui [zona Norte] e ia comer alguma coisa, ia pra Capoeira andando no meio da rua. Teve um dia lá na outra praça [Bairro Real Copagri] que nós ficamos até uma hora da manhã lá, na [avenida] Duque de Caxias, meu irmão chegou lá com minha mãe perguntando “cadê vagabundo vai pra casa não?” [risos] (RUA. Fala concedida ao autor após oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 19 de maio de 2019).

Retomando a dinâmica empreendida por Felipe nos treinos do “coletivo” Domingos de Angola organizados no Parque da Cidade, após o processo de afinação realizado no período matutino, a parte da tarde era dedicada à realização do treino de movimentação, seguida da roda de Capoeira. Ao final da roda, seguia-se uma rápida conversa sobre o treino do dia, as dificuldades na realização dos movimentos e também sobre o universo da Capoeira

na cidade. Era comum Felipe levar seu almoço pronto em uma marmita e, muitas vezes, dividia-o com seus alunos.



Felipe (a direita) tocando o berimbau médio, ao seu lado Instrutor Gilson tocando o pandeiro e Contramestre Sabiá (no centro) tocando o gunga durante momento de afinação no “coletivo” Domingos de Angola. Parque da Cidade (2017). Fotografia de Felipe Esdras.

Com relação à dinâmica obedecida nos outros dois parques, pode-se dizer que era exatamente a mesma, a única diferença estava nos dias de realização dos treinos e na duração, pois no Parque Potycabana os encontros eram realizados sempre aos sábados entre 17h e 22h, enquanto no Parque da Cidadania os treinos eram realizados durante a semana, geralmente nas terças e quintas-feiras, entre 19h e 21h. Muitos dos alunos de Felipe que participavam dos treinos no Parque da Cidade também participavam dos treinos nos outros dois parques e vice-versa. Todavia, existiam casos de alunos que treinavam apenas em um dos locais ou em dois deles, em virtude da distância ou mesmo por conta de suas

ocupações. A fala de uma angoleira do “núcleo” do GCAZ que também frequentou os treinos promovidos por Felipe é um indicativo disso:

Eu sempre ia nos treinos do Felipe na Potycabana ou no Parque da Cidadania por que ficava melhor pra mim pela distância e até pelo horário porque eu saio do trabalho 18h. No Parque da Cidade eu tinha muita vontade de ir, mas o problema é que fica muito longe da minha casa, eu nunca cheguei a ir nos treinos lá por isso e também pelo fato de trabalhar em alguns domingos (MARIANA. Fala concedida ao autor durante conversa informal em março de 2019).

Sobre a localização dos espaços utilizados por Felipe para a realização dos treinos, é preciso que se diga que mesmo estando situados em regiões diferentes da cidade, o Parque Potycabana (zona Leste) e o Parque da Cidadania (Centro) podem ser considerados locais privilegiados tanto pelo acesso facilitado ao transporte coletivo quanto pelo poder aquisitivo dos moradores de sua vizinhança. Estes dois espaços estão localizados geograficamente em regiões da cidade onde estão concentrados vários estabelecimentos comerciais, shoppings, casas de show, repartições públicas, e, devido a isso, percebe-se maior zelo do poder público, especialmente no tocante à segurança. Além disso, os dois espaços são relativamente próximos um do outro, o que facilita o trânsito entre eles.



Jogo de Angola entre Professor Sílio e uma das alunas de Felipe. Parque da Cidadania (2017). Fotografia de Felipe Esdras.

O Parque da Cidade, ao contrário, está localizado na zona Norte da capital, região mais distante do Centro e de outros bairros importantes se comparado com os dois parques citados anteriormente. Soma-se a isso o fato deste estar localizado próximo a algumas comunidades periféricas, como Real Copagri, Vila Risoleta Neves, Água Mineral, Primavera e Buenos Aires, o que confere a população de tais bairros estereótipos associados à violência. Uma situação em particular envolvendo esse espaço chamou minha atenção por causa de sua gravidade: o assassinato de um jovem de 14 anos de idade, morador do bairro Real Copagri e aluno da Escola Municipal Ambiental 15 de Outubro⁷², que fica

72 Trata-se de uma escola da rede pública municipal que está há mais de dois anos com as portas fechadas devido à promessa da prefeitura de Teresina (PMT) de uma reforma estrutural que, em tese, melhoraria as condições de estudo dos alunos dos bairros adjacentes. Nesse

localizada dentro do complexo sociocultural do Parque da Cidade. Elias foi morto em 2018, praticamente em frente ao espaço onde Felipe utilizava para realizar os treinos do “coletivo” Domingos de Angola. A ironia está no fato de que dentro do parque funciona um Batalhão de Polícia Ambiental, que deveria oferecer certa segurança para os frequentadores do estabelecimento (SILVA; BRITO, 2020). Esse evento dá a medida da forma como o poder público local tem tratado os parques públicos da cidade de Teresina, principalmente quando estão localizados em regiões afastadas do Centro comercial e dos bairros elitizados.

Um dado relevante sobre o espaço de treino utilizado por Felipe e seus alunos no Parque da Cidade é que quase dois anos após o falecimento do capoeirista a Secretária Municipal do Meio Ambiente (SEMAM), órgão responsável pelo gerenciamento do parque, construiu em seu lugar o observatório do clima da cidade de Teresina. Durante sua trajetória, Felipe fez uso do espaço público de forma consciente, pois tentava ocupar tais espaços não somente a fim de difundir a CA, mas também de dar novo sentido a eles, retomar um valor central dos antigos mestres de Capoeira e associá-los aos espaços da cidade. Felipe relatou:

período, a prefeitura alugou alguns ônibus que levam os discentes dessa unidade escolar para assistir aulas no prédio de outra escola da rede municipal localizada em outra região da cidade. Em outras palavras, me parece que houve um tipo de terceirização do espaço do referido estabelecimento de ensino.

Eu treino nos locais públicos porque vejo que hoje muita gente tem medo de frequentar as praças e os parques por causa da violência, as pessoas andam nas ruas com medo e um reflexo disso é você encontrar locais como o Parque da Cidade praticamente abandonados. A rua é o lugar onde a Capoeira nasceu, foi assim que os Mestres antigos como Waldemar da Liberdade [angoleiro], Canjiquinha e Pastinha começaram, jogando nas feiras, no cais, nas praças. O povo mais humilde que não pode pagar para treinar em uma academia precisa desse tipo de iniciativa e é por isso também que treino nesses locais porque é importante mostrar a Capoeira pra quem não conhece, quem não sabe o que é, quem pensa que é algo violento ou que é coisa de quem não tem o que fazer, porque ainda hoje tem gente que pensa que capoeirista é marginal. Eu sempre gosto de dizer que por causa desse amor [Capoeira] muita gente morreu (FELIPE ESDRAS. Fala concedida após roda de encerramento do ano, organizada por ele e realizada no canteiro central da Avenida Frei Serafim, no dia 30 de dezembro de 2017).

Felipe foi um capoeirista diplomático e uma pessoa querida por muita gente. Ele conseguia transitar em distintos contextos da Capoeira local e reunir, em seus treinos, capoeiristas das mais diversas vertentes da cidade, desde a Angola até a Regional, passando pela Contemporânea. Os “grupos” mais próximos a Felipe eram aqueles de sua antiga “linhagem”, como Oscapoeira, Cordão de Ouro, Escravos Brancos e Alforria Capoeira, apenas para citar alguns. Entre

os capoeiristas de tais “grupos” próximo ao angoleiro, é possível citar Contramestre Sabiá, Professor Sílio, os Mestres Oscar, Ulisses, Cobra e Naldo⁷³, entre outros. Quanto aos capoeiristas que não pertenciam à antiga “linhagem” de Felipe, mas que eram bastante próximos a ele, ou seja, participavam de alguns treinos realizados no espaço público, posso citar Contramestre Buscapé, da Associação Sociocultural Gingado Brasileiro de Capoeira (GBC); Osvaldo, do “grupo” de Capoeira Angola Guaribas (GCAG); e o Professor Celso, do “núcleo” de Capoeira Angola Zimba.

Após a repentina morte de Felipe, Contramestre Sabiá e Fernando organizaram dois encontros no Parque Potyca-bana para tentar dar continuidade ao trabalho deixado pelo angoleiro. No tópico a seguir irei apresentar a etnografia realizada durante um evento organizado em homenagem a Felipe após seu falecimento. Pode-se dizer que a relevância desse evento está associada à participação decisiva dos dois interlocutores de suma relevância para continuidade de seu trabalho: Contramestre Sabiá e Fernando.

73 Conhecido no universo capoeirístico local como Cavalo, Mestre na Associação de Capoeira Cordão de Ouro (CDO), “filial” de Teresina. Mestre Naldo dá aulas no Memorial Esperança Garcia (MEG), um dos espaços de articulação desse “grupo” e de outros “grupos” de Capoeira e do Movimento Negro desta cidade.

Roda de carnaval

Neste subcapítulo, sistematizo o trabalho de campo realizado no dia 4 de março de 2019, na ocasião da única homenagem⁷⁴ pública destinada a Felipe no formato de roda de Capoeira após seu óbito. Além disso, essa situação em particular representou rara junção, no espaço público, entre os dois supostos representantes do legado de Felipe, Contramestre Sabiá e Fernando.

Antes de descrever os acontecimentos coletados em campo durante a realização do referido evento, devo deixar claro ao leitor que o entendo como uma “situação social” nos termos de Max Gluckman. Segundo o autor:

[...] Quando se estuda um evento como parte do campo da Sociologia, é conveniente tratá-lo como uma situação social. Portanto, uma situação social é o comportamento, em algumas ocasiões de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com o seu comportamento em outras ocasiões. Desta forma, a análise revela o sistema de relações subjacente entre a estrutura social da comunidade, as partes da estrutura social, o meio ambiente físico e a vida fisiológica dos membros da comunidade (GLUCKMAN, 1987, p. 238).

74 Outra homenagem aconteceu num espaço privado, em agosto de 2018, no dia do velório de Felipe, quando capoeiristas de distintos “grupos” e vertentes da cidade fizeram uma roda de Capoeira ao lado do caixão.

Como veremos, esse evento constituiu uma oportunidade de observar o comportamento de diferentes agentes vinculados a distintos “grupos” e regimes de pertencimentos e que ali encontram-se numa nova estrutura de relações, dentre os quais Contramestre Sabiá e Fernando (todos portando-se de acordo com os valores sociais exigidos para a ocasião).

A “roda de carnaval” foi criada por Felipe e Contramestre Buscapé visando reunir capoeiristas de Teresina que se encontravam na cidade durante o feriado. O hábito era acontecer na segunda-feira de carnaval, no canteiro central da Avenida Frei Serafim, exatamente na frente do Parque da Cidadania – o evento realizado no ano de 2019 se configurou como a quarta edição desde 2016⁷⁵. Procurarei definir o evento que, em 2019, foi renomeado de “roda livre em homenagem a Felipe Esdras”. O termo “roda livre” é utilizado de forma diferente a outros dois já mencionados neste livro, isto é, as categorias “roda de rua” e “roda na rua”. Conforme Contramestre Buscapé, o uso da expressão roda

75 De acordo com Contramestre Sabiá, em 2020 foi realizada uma roda de Capoeira durante o feriado de carnaval no canteiro central da Avenida Frei Serafim com o mesmo propósito, porém, em um local diferente (em frente ao Colégio das Irmãs), sem a participação de Fernando e com uma dinâmica completamente diferente daquela que será descrita aqui. Como não participei de tal evento, tendo acesso apenas a postagens feitas pelo Professor Sílio em sua conta particular no *Facebook* e ao relato de Contramestre Sabiá, não irei entrar em detalhes. Por sua vez em 2021 o evento não foi realizado segundo Contramestre Buscapé em virtude da pandemia do COVID 19, todavia o capoeirista afirma que tão logo a crise sanitária seja contornada pelas autoridades de saúde irá realizar um tributo (roda) em homenagem a Felipe.

de rua contribuiu para a criação de uma imagem violenta e marginal da Capoeira teresinense associada à roda de rua de Sete de Setembro. Durante o evento, o capoeirista discursou algumas vezes no intuito de alertar quem estava presente sobre a deferência aos valores estabelecidos para ocasião. Em um desses discursos, disse: “*Aqui não será aceito qualquer tipo de violência ou desrespeito, pois essa é uma roda em homenagem ao Felipe e viemos pra cá com a intenção de vadiar⁷⁶ e não de brigar*”. Apesar dos alertas, a roda foi parada algumas vezes para lembrar aos capoeiristas mais exaltados a razão do encontro.

O evento era fundamental para a compreensão da continuidade do “coletivo” Domingos de Angola sem seu principal articulador. Algumas dúvidas surgiram, entre elas: quais estratégias utilizadas, quem seriam as pessoas envolvidas e quais espaços continuariam sendo ocupados? Esta foi a primeira ocasião, após o falecimento de Felipe, em que Contramestre Sabiá e Fernando estiveram juntos e com a comunidade da Capoeira da cidade, portanto, tudo levava a crer que algumas das respostas a essas dúvidas seriam obtidas ali.

No decorrer do evento, uma divisão do trabalho capoeirístico legado por Felipe logo se materializou: Fernando conduziu os capoeiristas presentes numa sessão de

76 “[...] não é outro o sentido de sua autodefinição pelos praticantes, como *vadiagem entre amigos*, jogo em que ninguém deve ganhar, mas simplesmente exercitar sua liberdade, criatividade e desenvolver suas potencialidades, de maneira autônoma e alternativa às opções dominantes na sociedade” (LIMA; LIMA, 1991, p. 166).

alongamentos específicos pautados na movimentação da CA e associados a técnicas de Fisioterapia; já Contramestre Sabiá concentrou seus esforços na afinação dos berimbaus e, posteriormente, na condução da bateria e no canto da roda de Capoeira que ocorreu. Tais práticas originadas da desarticulação e segmentação do “coletivo” Domingos de Angola após a morte de seu idealizador podem ser relacionadas entre si apenas na medida em que Contramestre Sabiá e Fernando iniciaram suas atuais atividades em conjunto com Felipe.



Alongamentos conduzidos por Fernando (a frente) e ritmado pela bateria gerida por Contramestre Sabiá (a direita). Canteiro central da Avenida Frei Serafim (2019). Fotografia de Childer Nataniel.

Em muitos momentos durante o trabalho de campo no Parque da Cidade e na Viva Clínica, os dois fizeram uso da memória afetiva que construíram em torno da imagem de Felipe para lembrar, por exemplo, de como os movimentos eram executados por ele na VC ou como eram os toques e variações performatizados nos parques, com frases do tipo:

“o Felipe fazia dessa forma” ou “Felipe falava isso sobre esse movimento, esse toque ou essa virada”. Porém, quando comparadas entre si, percebe-se que as práticas apresentam diferenças que delimitam nitidamente suas fronteiras, inclusive em termos de relações sociais não recíprocas.

Como veremos no próximo capítulo, se por um lado Contramestre Sabiá frequenta com certa regularidade os treinos/sessões promovidos por Fernando no espaço privado, o inverso dificilmente ocorre, uma vez que durante o trabalho de campo eles estiveram juntos apenas nessa situação, sendo que ambos foram convidados independentemente por um terceiro, o que prova a distinção entre os “coletivos” instaurados por eles.

Dividi o evento em quatro etapas de acordo com os acontecimentos mais marcantes: a) na primeira parte foi realizada uma série de alongamentos conduzida por Fernando e ritmada por uma bateria de CA regida pelo Contramestre Sabiá, a título de introdução; b) em seguida, deu-se início à primeira roda de Capoeira, com jogos de CA conduzidos pelo Contramestre Sabiá; c) mudança na estrutura do ritual, que passou da CA para a CR; d) na parte final do evento houve uma homenagem dentro da homenagem para um angoleiro que estava de aniversário e, nesse momento, a estrutura voltou a ser a da CA. Descreverei, a seguir, cada uma dessas etapas.

Ao chegar ao local do evento, pude perceber que havia uma bateria constituída por três berimbaus, um

atabaque, dois pandeiros, um reco-reco e um agogô. Notei também a presença emblemática de Contramestre Sabiá, quem conduzia o berimbau gunga (instrumento mestre), e de Fernando, quem coordenava os alongamentos⁷⁷ nos mesmos moldes que desenvolve na Clínica de Fisioterapia (movimentação específica baseada no Método FB/FBC). Ao lado da bateria havia um banner imenso, amarrado em uma árvore, com a fotografia de Felipe, o que não deixava dúvida sobre a natureza da homenagem.

Logo após o fim da seção de alongamentos, a bateria regida pelo Contramestre Sabiá cessou e algumas pessoas aproveitaram para discursar. Em seguida formou-se a primeira parte da roda, porém, antes de iniciar os jogos propriamente ditos, os capoeiristas deram as mãos e rezaram um Pai Nosso e uma Ave Maria a fim de rogar pelo espírito de Felipe e pedir proteção aos céus. Pareceu-me uma espécie de passagem de um momento profano para um momento sagrado do ritual, no qual Felipe se faria mais presente.

Nessa roda, a estrutura adotada foi a da CA, e todos os capoeiristas presentes, inclusive os oriundos de outras vertentes, tiveram que se submeter a essa lógica, na medida do possível. Muitos não entraram na roda nesse momento.

⁷⁷ Supõe-se que eles são frutos da influência dos alongamentos criados por Mestre João Pequeno no Centro Esportivo de Capoeira Angola – Academia João Pequeno de Pastinha (CECA), uma vez que a relação com Osvaldo, quem treinou diretamente com o referido mestre em Salvador-BA, pode ter favorecido não só Fernando, mas também Felipe no desenvolvimento de alongamentos próprios.

Devo frisar que, em sua ampla maioria, participaram jogando nessa etapa capoeiristas das vertentes de CR e CC e também angoleiros, como os alunos mais próximos de Felipe (entre eles Rua e Romeu) e alguns membros do “núcleo” Zimba. De tempos em tempos, a roda era interrompida para a realização de discursos sobre a história, os feitos de Felipe como capoeirista, o legado de seu trabalho e sua importância como pioneiro na inserção e no desenvolvimento da vertente de Capoeira Angola na cidade. Outra razão para interrupções dos jogos era relacionada às tentativas de contenção da agressividade por parte de alguns dos capoeiristas (sobretudo aqueles vinculados às vertentes Regional e Contemporânea).



Rua (a esquerda) e Romeu (a direita) em jogo de Angola durante a roda de carnaval. Canteiro central da Avenida Frei Serafim (2019).
Fotografia de Childer Nataniel.

À medida que o tempo se passava, tornava-se mais difícil conter os rompantes de agressividade e as explosões nos movimentos, o que estimulou a alteração do ritual para

entrar na terceira etapa, perceptível pela intensidade do ritmo, do canto e, principalmente, pelos jogos que se tornaram mais rápidos, acrobáticos e bélicos, saindo então de uma dinâmica associada aos valores da CA. Diferentemente do ocorrido no momento anterior, em que tanto angoleiros quanto capoeiristas das demais vertentes participaram dos jogos, quando a roda tornou-se predominantemente de CR, apenas os capoeiristas dessa vertente e da vertente de CC participaram, enquanto os angoleiros tocavam ou assistiam.

Nessa última etapa, alguns membros do “núcleo” do GCAZ – Teresina (entre eles, Andrea, Giuda e Matheus) articularam com os organizadores uma pequena e singela surpresa ao Professor Celso, aniversariante do dia. Como é tradição no universo da Capoeira, o aniversariante deve jogar com todos os presentes, entretanto, como havia muitos capoeiristas, Professor Celso jogou durante alguns minutos com praticantes oriundos da CR e da CC e com alguns de seus alunos. É importante ressaltar que nesse momento em particular a estrutura da roda retornou aos padrões da CA, pois o homenageado é também angoleiro.

Essa comemoração dentro da homenagem encerrou a roda. Após isso, Contramestre Buscapé pediu a palavra para fazer um desabafo, lembrando as dificuldades enfrentadas por Felipe durante sua trajetória como angoleiro na cidade. Além disso, fez menção a algumas críticas direcionadas ao seu trabalho, proferidas por alguns capoeiristas locais (já descritas anteriormente nesta obra). Em contrapartida,

todos os capoeiristas presentes manifestaram publicamente seu respeito e reconhecimento pelo legado deixado por Felipe. Muitos deles, inclusive, referiam-se a ele como a um mestre, título que o interlocutor sempre rechaçou em vida. Pude presenciar algumas situações em que ele se mostrava incomodado quando alguns de seus alunos brincavam lhe chamando de mestre, como nos conta Rua:

A gente até brincava falando assim “E aí Mestre?” Eu até lembro que a Gaby falou assim “bóra Mestre” e ele respondia falando “porra de Mestre” [risos]. Tipo assim, podia chamar ele de professor podia, mas ele não fazia questão de falar assim “ah me chame de professor” (RUA. Fala concedida ao autor após oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 19 de maio de 2019).

No intuito de valorizar e divulgar o trabalho mantido pelas práticas levadas a cabo por Fernando na Viva Clínica Fisioterapia e por Contramestre Sabiá no Parque da Cidade, mas, sobretudo, com o propósito de legitimar o legado deixado por Felipe após seu falecimento, Contramestre Buscapé convidou, ao final, todos os capoeiristas que participaram do evento para conhecer ambas as práticas originadas da iniciativa de dois de seus ex-seguidores. A fala de Contramestre Buscapé é bastante significativa, uma vez que confirmou e legitimou os dois capoeiristas como herdeiros do legado de Felipe e responsáveis pela sua continuação.

Quais “grupos” participaram do evento? Os que pude confirmar foram: ACCEB, ACAC, ACO, CDO, ACMC, Muzenza, Iê Berimbau, Recriart Capoeira, Associação Beira Mar Capoeira (ABMC), Associação de Capoeira Mangangá Piauí (ACMP), GBC, GCAZ, entre outros. Os “grupos” ACCEB, ACO, Alforria Capoeira, CDO, Recriart Capoeira, Iê Berimbau e ACMP podem ser associados à vertente de Capoeira Regional, Esportiva/Nacionalizada ou a categoria definida por Mestre Oscar como “Anglo-Regional”, enquanto os “grupos” Muzenza, GBC, ACMC e ABMC podem ser associados à vertente de Capoeira Contemporânea. Entre os “grupos” citados, o GCAZ não se cruza em nenhum momento com a “linhagem” de Felipe, mas, por outro lado, o Zimba era o único dos “grupos” presentes que partilhava com ele dos fundamentos da Capoeira Angola, uma vez que ninguém do “grupo” Guaribas participou da ocasião.

Quanto ao público, observei uma grande variedade, não apenas no que diz respeito ao gênero dos participantes (havia, além de homens, muitas mulheres capoeiristas), mas também em relação a gerações e certa diversidade na graduação: Mestres, Contramestres, Graduados, Professores, Instrutores e Iniciantes jogando Capoeira e demonstrando que mesmo com diferenças internas a cidade de Teresina tem uma comunidade capoeirística relativamente unida por um *ethos*⁷⁸, sendo Felipe um grande catalizador dessa união.

78 Partindo de etnografia realizada com “grupos” de Capoeira em Salvador-BA, Zonzon observa “[...] alguns dos mecanismos de incorporação

Mestre Cobra, do “grupo” CDO, falou um pouco sobre o papel de Felipe nessa comunidade:

Eu acho que o Felipe foi um raio de iluminação na Capoeira de Teresina, um cara que o pouco tempo que ele passou em atividade, eu lembro dele menino, rapaz! Olha, pra você ver como a gente é ignorante e soberbo, onde é que eu imaginava que esse menino chegou aonde chegou por esforço próprio, sem negócio de camisa, negócio de grupo, essa é a história, essa é a Capoeira, faça a sua história, isso é muito bonito. Sofreu nos primeiros momentos porque sofre mesmo, mas o legado dele tá aí, ou melhor está aqui [Parque da Cidade], então paciência com os que não sabem (Mestre COBRA. Fala concedida durante oficina de musicalidade realizada no dia 19 de maio no Parque da Cidade).

De acordo com Professor Sílio, Felipe demonstrava grande respeito e admiração por Mestre Cobra e inclusive frequentava o espaço supervisionado por ele em uma escola situada na zona Leste de Teresina. Devo ressaltar que Mestre Cobra vem sendo um dos atuais incentivadores da continuidade do legado de Felipe promovido por Contramestre Sabiá. Este, por sua vez, mostrou-se empolgado

de valores inerentes ao processo de aprendizado que propiciam um entendimento da formação de um *ethos* do capoeirista, ou seja, de aspectos morais e éticos que produzem e são produzidos pelas escolhas práticas [...] Não se trata apenas de aprender golpes de ataque e defesa ou habilidades puramente físicas e técnicas, mas sim de incorporar modos de ser, sentir e interagir com o mundo” (ZONZON, 2011, p. 143-144).

tanto com o reconhecimento de seu trabalho quanto com a continuidade da prática iniciada por Felipe na Clínica de Fisioterapia levada a cabo por Fernando.

Além disso, Contramestre Sabiá parece ver com bons olhos a relação⁷⁹ com os angoleiros do “núcleo” do GCAZ, o que pode, segundo ele, gerar novas parcerias e impulsionar o crescimento da Capoeira Angola na cidade. Apesar do choque que foi a perda de Felipe e a desarticulação do “coletivo” Domingos de Angola, a presença de Contramestre Sabiá e Fernando na roda livre e o comprometimento de ambos na continuidade da Capoeira iniciada por Felipe nutriu expectativas acerca do desenvolvimento da Capoeira Angola em Teresina, mesmo que em direções distintas.

No próximo tópico, abordarei as oficinas de musicalidade organizadas pelo Contramestre Sabiá no Parque da Cidade após o falecimento de Felipe. A intenção é demonstrar como essa prática originada da desarticulação do “coletivo”

79 Contramestre Sabiá participa com frequência dos eventos realizados pelo GCAZ sob a supervisão do Professor Celso. Em dezembro de 2019, o interlocutor esteve presente no evento que trouxe à Teresina o Treinel Suel (filho biológico de Mestre Boca do Rio), realizado no Memorial Esperança Garcia (MEG). Já em janeiro de 2020, Contramestre Sabiá e Professor Sílio estiveram juntos em um evento realizado pelo “núcleo” do GCAZ que reuniu os Mestres Cobra Mansa (Feliciano Peçanha) e Cangaceiro (Ricardo Carvalho Nascimento). Um fato interessante sobre a presença de Contramestre Sabiá nesses eventos é que ele participou de ambos trajando camisetas de eventos do “núcleo” do GCAZ – Teresina. Tudo indica que apesar das diferenças exibidas em diversas oportunidades entre este “núcleo” e o arranjo social encabeçado pelo Contramestre Sabiá ou o “grupo” Oscapoeira, os capoeiristas mantêm boa relação.

Domingos de Angola constitui-se como um novo “coletivo” baseado na musicalidade da Capoeira “Anglo-Regional” a partir da ocupação do espaço público.

Contramestre Sabiá e o “coletivo” de musicalidade no Parque da Cidade

Durante o trabalho de campo notei que Felipe e Contramestre Sabiá constituíram práticas próximas, mas ao mesmo tempo distintas. O primeiro convencionou chamar sua prática de Domingos de Angola (entendido aqui a partir da ideia de “coletivo”) e o segundo denominou sua prática apenas como “oficinas/encontros de musicalidade”. Tais distinções entre a prática de um e de outro capoeirista podem ser explicadas em virtude de Contramestre Sabiá não ter abandonado a vertente de Capoeira na qual seu “grupo” está inserido. Ao ser questionado pelo Instrutor Lagarto⁸⁰ durante a oficina realizada no dia 19 de maio, no Parque da Cidade, se era angoleiro ou regionaleiro, Contramestre Sabiá respondeu:

80 Carlos Ribeiro ou Lagarto como é conhecido no universo da Capoeira teresinense iniciou sua trajetória no “grupo” Oscapoeira e atualmente é Instrutor na ACAC sob a supervisão de Mestre Ulisses. Suas aulas são realizadas no Centro Social Urbano Floriza Silva, que fica localizado no bairro Real Copagri em um dos espaços administrados pela Secretária de Estado da Assistência Social, Trabalho e Direitos Humanos do Piauí (SASC).

Eu posso te dizer o que é que eu sou hoje. Hoje eu sou Capoeira Anglo-Regional. O que é a Capoeira Anglo-Regional? É justamente aquela que eu tive a oportunidade de responder por isso que eu tô levando e tenho propriedade de falar pra qualquer um porque eu conversei com o cara mais top que eu considero, uns consideram o Mestre Camisa, eu considero o Mestre Itapuã e acabou. Eu considero que hoje eu faço aquela Capoeira que eu aprendi com o Mestre Oscar que é a Capoeira Angola e sigo com São Bento Grande ligeiramente rápido, é a Capoeira Anglo-Regional, eu não sigo tanto os fundamentos da Capoeira Regional apesar de ser boa, mas hoje eu sigo mais mesmo a Capoeira Angola partindo da bateria, da musicalidade e do estilo, mas quando tu vai fazer uma formatura tu tem que tocar qual? Quais são os toques⁸¹ que tu tem que tocar, tu não vai tocar Angola? Só pedem pra tu tocar os setes toques de Capoeira Regional né? A gente pode fazer as sequências da Capoeira do Mestre Bimba, não enfeitada, mas uma só. Então eu sou o que eu sou, Capoeira Anglo-Regional porque começo com Angola e vou seguindo São Bento Grande ligeiramente rápido (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 19 de maio de 2019).

81 Segundo Contramestre Sabiá, na CA são executados apenas três toques durante a roda: Angola, São Bento Pequeno de Angola e São Bento Grande de Angola, enquanto na roda de CR de Mestre Bimba são executados sete toques, a saber: Regional, Banguela, São Bento Grande, Cavalaria, Iuna, Santa Maria, Amazonas e Idalina. Como vimos no primeiro capítulo, pode-se citar também o toque criado por Mestre Camisa chamado de Banguela, utilizado frequentemente nas rodas de CC.

Contramestre Sabiá foi um amigo de longa data de Felipe. Pode-se dizer que os dois cresceram praticamente juntos e iniciaram a prática da Capoeira no “grupo” de Mestre Oscar na década de 1990. Como vimos, em determinado momento de sua vida, Felipe acabou optando pela Capoeira Angola, todavia, mesmo com seu afastamento do “grupo” Oscapoeira, ele e Contramestre Sabiá continuaram grandes amigos, trocando vivências relacionadas à Capoeira. O falecimento⁸² de Felipe abalou Contramestre Sabiá de tal forma que somente após quase um ano do ocorrido ele conseguiu retomar os trabalhos com a prática. É possível dizer que ele transitava entre a estrutura do “grupo” ao qual é “filiado” e a estrutura do “coletivo” Domingos de Angola, tudo isso com o conhecimento e o consentimento de seu mestre, Mestre Oscar, mas tal opção parece não ser facilmente compreensível a todos os capoeiristas da cidade.

82 Esse evento em si causou estragos de grandes proporções na vida de muitas pessoas ligadas ao “coletivo” Domingos de Angola, ao “grupo” Oscapoeira e à comunidade da Capoeira teresinense como um todo. Um caso emblemático é o de Gaby, integrante do “coletivo” instaurado por Felipe. Ao longo do trabalho de campo em 2019, principalmente após as oficinas organizadas por Contramestre Sabiá, tentei entrevistá-la inúmeras vezes. Porém, não obtive êxito, uma vez que ela está enfrentando problemas psicológicos (depressão) desde o falecimento do namorado. Além disso, ela também parece ter se distanciado dos treinos de Capoeira após a morte de Felipe. Tal evento parece ter instituído ainda um tipo de tabu entre os capoeiristas próximos ao interlocutor, haja vista que todos sabiam que ele lutava contra uma doença degenerativa, porém, até hoje nunca se esclareceu qual doença era essa ou a causa de seu óbito, sendo o assunto evitado pela maioria deles.

Instrutor Gilson ou Anum⁸³ do “grupo” Recriart Capoeira me disse certa vez: *“O Felipe decidiu seguir um caminho, a gente sabia que ele optou pela Angola, mas o Francisco [Sabiá] parece indeciso, não sabe qual Capoeira seguir, se é angoleiro ou regional”*. A fala do Instrutor Gilson remete-me a uma das principais características compartilhadas pelo “coletivo” Domingos de Angola e pelo “coletivo” de musicalidade de Contramestre Sabiá: a flexibilização nas relações de pertencimentos entre capoeiristas de diferentes “grupos” e vertentes no espaço público.

Durante o período que Contramestre Sabiá afastou-se da Capoeira, busquei manter contato com ele através do aplicativo de mensagens *WhatsApp* a fim de estar informado sobre seus planos. Foi em uma dessas conversas que ele me convidou para participar de uma oficina de musicalidade que estava sendo organizada em conjunto com alguns amigos de diferentes “grupos” (e que também eram amigos de Felipe) no Parque da Cidade. Como já disse, a maior parte desses capoeiristas são de “grupos” ligados à antiga “linhagem” de Felipe, como Cordão de Ouro, Escravos Brancos, Alforria Capoeira e Oscapoeira.

Eu tive oportunidade de participar de duas destas oficinas, nos dias 5 e 19 de maio de 2019, ambas aos domingos,

83 Ex-membro do “grupo” Oscapoeira e amigo de Felipe, Instrutor Gilson foi um dos capoeiristas que participou dos primeiros treinos realizados pelo “coletivo” Domingos de Angola no Parque da Cidade sob a liderança de Felipe. Além disso, também participou de uma das oficinas organizadas por Contramestre Sabiá no Parque da Cidade.

pois Contramestre Sabiá pensou em manter o local e o dia como estabelecido por Felipe no “coletivo” Domingos de Angola. Ele relatou que comentou com Professor Sílio sobre realizar as oficinas em outros espaços da cidade (por exemplo, no Espaço Salve Rainha⁸⁴ situado embaixo da ponte da Avenida Frei Serafim), porém, parece ter optado por evitar conflitos diplomáticos, já que há uma espécie de geopolítica entre os capoeiristas que regula os territórios ocupados pela cidade, sobretudo os espaços públicos (fora da “academia”⁸⁵). O capoeirista explica:

O objetivo era fazer esse encontro lá no Espaço Salve Rainha, porém, a gente não quis ofender nem muito menos agredir o espaço do Mestre John [Grupo de Capoeira Contemporânea]. Ele dá aula lá dia de domingo à tarde, aqui a gente tá fazendo de manhã, só que assim fica uma coisa meio ruim, fica chato (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no dia 19 de maio de 2019 no Parque da Cidade).

84 “Coletivo” de ativistas local que realizou intervenções artísticas em áreas públicas da capital piauiense entre 2015 e 2017 com o propósito de revitalizar partes do Centro Histórico de Teresina e de democratizar o acesso à arte a camadas mais humildades da população.

85 Termo utilizado para definir os espaços privados de treinos dos “grupos” de Capoeira e que tem forte relação com o pensamento de autores que procuraram definir a prática exclusivamente a partir da concepção que se fazia em torno da Capoeira como o esporte nacional ou a ginástica brasileira, esvaziando todo o aspecto cultural e histórico da manifestação, em detrimento de encará-la apenas como uma luta.

Para Professor Sílio, o Parque da Cidade é o lugar ideal para realização dessas vivências, pois trata-se de um espaço que emana a energia de Mestre Oscar e também a de Felipe. Contramestre Sabiá comenta inclusive que chegou a receber uma ligação do citado capoeirista pedindo para ele fazer a oficina no Parque da Cidade: *“Francisco, cara, não faz em outro lugar não, faz lá que lá é que tem o mistério, a aura do Mestre Oscar tá lá, agora tem o Felipe, velho, a Capoeira tá rolando por lá, não vai pra outro lugar não”*. Essa ideia de que o lugar tem um “mistério” ou “energia” parece ser partilhada por outros capoeiristas da cidade, como conta Professor Mano⁸⁶: *“[...] quando a gente passa por aqui a gente começa a se arrepiar, é uma energia muito grande, ficou isso aqui entendeu? Ficou estampado devido o impacto do Felipe”*. Com relação à intenção de tornar o espaço de treino no Parque da Cidade um local reconhecidamente associado à memória de Felipe, Contramestre Sabiá chegou a procurar a SEMCASPI (Secretária Municipal de Cidadania, Assistência Social e Políticas e Integradas), órgão responsável pela eventual mudança de nome do local. Ele diz:

86 Francisco das Chagas Porto. Professor de Capoeira no “grupo” Cordão de Ouro, suas aulas são promovidas em uma escola do bairro Primavera. Professor Mano é um dos amigos de Felipe que participou dos treinos nos parques teresinenses sobre a liderança do angoleiro e também das oficinas de musicalidade promovidas por Contramestre Sabiá após seu falecimento.

Eu pessoalmente fui até atrás do pessoal da SEMCASPI pra poder colocar e deixar aqui bem esclarecido como o cantinho do Felipe, mas me disseram, “não tem que ter isso, tem que ter aquilo”, aí eu disse “não beleza, mas a gente pode pelo menos denominar” porque era isso que a gente gostava de fazer, era essa parte musical, quem tem interesse, quem realmente entendeu qual era a mensagem que o Felipe tava querendo passar vai vir [participar das oficinas] e até mesmo na verdade tava sentindo saudade né [risos] [...] A verdade era essa, tava sentindo saudade de vir pra cá [Parque da Cidade]. É passar em frente e não entrar era toda uma cerimônia entendeu? É toda uma reza que a gente realmente continuava e quem costumava vir aqui com frequência, sabia disso (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio 2019).

A oficina do dia 5 de maio teve início às 13h e se estendeu pela noite até às 19h, porém Contramestre Sabiá relata ter chegado mais cedo para afinar os instrumentos⁸⁷. Quando cheguei ao local, as atividades estavam se iniciando; logo encontrei Contramestre Sabiá, alguns alunos de Felipe (Rua, Romeu, Gaby, Fabrício), Mestre Oscar e outros

⁸⁷ Algo que me chamou atenção pelo simbolismo do gesto e está diretamente associado à musicalidade do “coletivo” Domingos de Angola e a prática estabelecida pelo Contramestre Sabiá no Parque da Cidade foi a decisão da família de Felipe de doar todos os instrumentos de sua bateria para Contramestre Sabiá após sua morte. Dessa atitude pode-se inferir o grau de proximidade entre eles não só na esfera da Capoeira, mas também na vida pessoal.

capoeiristas de diversas “escolas” afinando os berimbaus. Juntei-me a eles nesse processo, ao mesmo tempo em que íamos conversando sobre a Capoeira, Felipe, a oficina e outros assuntos. Contramestre Sabiá me contava sobre sua relação com a musicalidade da Capoeira:

Eu pedi justamente para que algumas pessoas pudessem vir, não é um evento é uma coisa singela, um encontro de amigos mesmo que possam compartilhar esse segredo de realmente entender o som do berimbau. O som do berimbau tem várias particularidades, você tem que entender ele, dependendo da sua bateria, de como você quer ela. Eu não vim aqui pra tirar suas dúvidas, venho justamente pra explicar um pouco daquilo que eu entendo e daquilo que aprendi durante muito tempo, porque eu saía da escola e ia pra casa do Mestre Oscar justamente pra poder ouvir os discos dele. O Luar de Riachão era muito bom [risos]. E aí a mamãe até mesmo se preocupava e dizia “onde é que tá o menino?” Tá na casa do Mestre [risos] e aí graças a Deus a esposa do Mestre à época a dona Rosário gentilmente me colocava lá pra ouvir e captar a música (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio de 2019).

O processo de afinação dos berimbaus se deu de modo contínuo durante toda a oficina, sempre soltando ou apertando a corda/arame de algum berimbau a fim de encontrar as notas musicais do instrumento. Após a primeira parte

da afinação, Contramestre Sabiá reuniu todos os capoeiristas presentes exatamente no mesmo local que Felipe utilizava para fazer os treinos do “coletivo” Domingos de Angola, o recém batizado “cantinho do Felipe”. Por isso, o título no cartaz de divulgação da oficina era: “Um dia de afinação no cantinho do Felipe”, produzido pelo Instrutor João Pedro (Bahia), integrante do “grupo” Oscapoeira e primo de Contramestre Sabiá. Este, por sua vez, abriu oficialmente a oficina falando sobre a importância da musicalidade para Capoeira, suas referências e a relação com Felipe e com o “coletivo” Domingos de Angola:

Entender música não é fazer barulho, é justamente isso: música não é barulho! Música é justamente um som afinado, aquilo que a gente vem entendendo como afinação, o berimbau não se resume apenas a colocar ou armar a sua verga e depois colocar a cabaça. “Ah deixa de ser berimbau?” Não, velho, mas sinceramente vai ficar embaçado, vai ficar feio. Eu vou tirar como base o tempo que eu fiquei aqui com o nosso irmão [Felipe Esdras] que praticamente se doou, viu e entendeu a questão do ouvido fino né? Ter realmente o dom da afinação, a gente sempre trabalhou aqui e sempre decidiu seguir o ritmo de musicalidade de Mestre Ananias do grupo de Capoeira Angola Senhor do Bonfim, praticamente ninguém sabe o nome do grupo de Capoeira dele, só sabe o nome do velho [risos]. Enfim, por que a gente decidiu? Porque foi um tom de musicalidade que realmente é empolgante, você vê a galera de lá pra cá tá decidindo adotar também só que não está sabendo fazer, velho, não está sabendo fazer entendeu? Primeiro porque começa na bateria pra poder entender realmente, começa na parte da afinação, como é que eu vou afinar meu berimbau, Francisco? Eu posso te dar uma ideia de como a gente fazia aqui, passando o quê? De dez horas ao meio dia a gente tava afinando o berimbau pra depois começar. Armava o médio, o gunga e o viola, passava um tempinho, não deu certo então desarma. Tem gente que fala “rapaz não precisa disso, tu quer se aparecer”, mas não é cara, porque você conhece seu som, se você tem realmente sua bateria em particular (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio de 2019).

A fala de Contramestre Sabiá é reveladora no sentido de evidenciar o quesito musicalidade e a influência de Mestre Ananias, de Felipe e de Mestre Oscar na prática estabelecida por ele no “coletivo” de musicalidade após o falecimento do angoleiro. Sobre o “grupo” de Mestre Ananias, Mestre Oscar diz:

O Mestre Ananias usava o gunga no meio não só por ele ouvir o som do médio de um lado e do viola do outro, mas porque era a maneira da escola dele, entendeu? Porque na real começava do maior para o menor entendeu? Começa-se do maior para o menor [gunga, médio, viola], mas ele como era um cara muito observador e escutador das coisas, ele devia ter um ouvido de Tiú, você sabe o que é Tiú? É um réptil que se você tá lá na quadra e você pisou numa folha seca e ela estalou, daqui ele já escutou lá e ele abre no mundo na carreira, então ele tinha um ouvido de Tiú, ele escutava o som de todos os instrumentos que estavam ali [Roda de Capoeira], quando “neguim” batia errado ele já olhava logo aqui de lado, quando olhava “neguim” já tremia logo e errava era mais ainda só no olhar dele, entendeu? Ele já dizia que você estava errado só no olhar e depois vinha a língua [risos]. Eu não aprendi com ele, mas eu peguei um pouco dessa ética dele (Mestre OSCAR. Fala concedida ao autor antes da oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio de 2019).

Apesar de Contramestre Sabiá deixar claro que Felipe é uma de suas referências, ele também afirma sua própria

forma de gerenciar “sua bateria” (variação de toques, composição, ordem dos instrumentos etc.). Mesmo possuindo muitas similaridades com a bateria estabelecida por Felipe no “coletivo” Domingos de Angola, Contramestre Sabiá exibe alguns traços distintivos, por exemplo: o uso de instrumentos como o atabaque⁸⁸ (o qual Felipe não utilizava), dois pandeiros (Felipe, por sua vez, utilizava três) e maior relação com o uso dos toques de Capoeira “Anglo-Regional”. Ele explica quais instrumentos compõem sua bateria e em que ordem são organizados durante o ritual da roda de Capoeira (aqui podemos perceber a nítida influência de Mestre Oscar⁸⁹ em sua prática):

88 Ver nota 56.

89 Segundo Contramestre Sabiá, a bateria do “grupo” Oscapoeira sempre seguiu o modelo “tradicional”, cuja ordem dos berimbaus é a seguinte: gunga, médio, viola. Porém, após o falecimento de Felipe, Mestre Oscar passou a adotar a formação utilizada pelo angoleiro no “coletivo” Domingos de Angola, na qual os berimbaus seguem a ordem médio, gunga e viola, e, além disso, inseriu o reco-reco na sua formação. A diferença com relação à bateria de Felipe estaria, portanto, no uso do atabaque e na ausência do agogô.

Na nossa bateria, na minha bateria, naquela bateria que eu sempre gosto de falar que a gente adotou aqui, o que eu coloco? Tradicionalmente o gunga, o médio e o viola nessa ordem. A gente na verdade decidiu colocar o gunga no meio não foi por causa do Mestre Ananias, não. Eu tô com o meu gunga, coloco meu médio e boto meu viola. Por que Francisco? Porque simplesmente eu tenho meu retorno, eu tô ouvindo o meu médio, logo depois que o meu gunga começar, quem começa não é meu médio? Eu tenho meu retorno, aí eu vou pro meu outro retorno justamente no viola, aí do outro lado independente da posição já vem o atabaque. É claro que inicia antes com os berimbaus e depois do atabaque já vem meu pandeiro. Então assim, quando você vai tocar, o que você tá precisando entender? O material de percussão é justamente o atabaque, o pandeiro, o agogô e o reco-reco né? Pois a gente tá se baseando aqui pela bateria da Capoeira Angola, certo? Então, assim, se você tem todos esses instrumentos em volta não dá pra você realmente tocar e cobrir o som dos meus berimbaus gunga, médio e viola, mas isso depende de quê? Depende do tocadador, se tiver três tocadores de arrear fica massa né, você vai ter realmente um bom som e o cara pode botar a força que quiser no atabaque dele, no pandeiro e no reco-reco que não vai cobrir a bateria [de berimbaus] nunca porque os caras realmente dominam, tem aquela afinação (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio 2019).

Percebe-se, a partir da fala de Contramestre Sabiá, que em alguns momentos ele faz alusão a “sua bateria” como

parte da bateria “do “coletivo” Domingos de Angola” ao tratar como “nossa bateria” ou “bateria que a gente adotou aqui”. Porém, em outros momentos, ele utiliza o termo “minha bateria” para se referir à natureza particular do seu trabalho hoje, isto é, para se distinguir de Felipe, ainda que não negue a influência deste. Uma das distinções mais evidentes entre uma bateria e outra, além dos pandeiros e do atabaque, é a variação de toques, uma vez que mesmo durante as vivências de musicalidade realizadas sobre a liderança de Felipe, Contramestre Sabiá gozava de liberdade para realizar suas próprias variações. Ele diz:

A gente costuma fazer a entrada simples, né? Que é essa tradicional. Já com o Felipe a gente fazia o simples e automaticamente o médio já entrava, aí dá aquela viradazinha discreta, aí o viola entra depois que o médio entra [...] E o meu gunga? O que meu gunga vai fazer? O viola era neutro como a Gaby lembrou, mas o Contramestre Denis [CDO] perguntou a hora que ele entra né? Como é que ele entra? O gunga vai mandar na hora, o que eu quero dizer na hora das viradas, é que as viradas são complicadas porque é o seguinte: tu tem que ter realmente o domínio dos dedos né, se tu pega bem aqui a entrada do médio que é sagrada dá pra escutar o preso, preso, solto, solto, preso, preso, solto. Pode entrar como a Gaby entrou, mas não, eu não fazia essa entrada, eu fazia particularmente direto e ele [Felipe] deixava eu entrar dessa forma, mesmo não sendo o modo como ele achava o certo para bateria dele (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 5 de maio de 2019).

A oficina do dia 19 de maio estava marcada para começar às 9h da manhã, porém Contramestre Sabiá relata que chegou ao Parque da Cidade às 7h e deu início à afinação dos berimbaus, como ocorrera na oficina anterior. Durante a aula, alguns capoeiristas, entre eles Mestre Cobra e o Instrutor Gilson, se aproximaram da bateria e deram início a um jogo que não durou muito, pois repentinamente o arame de um dos berimbaus rompeu-se fazendo com que tanto a musicalidade quanto o jogo fossem interrompidos.

Nesse momento, várias teorias foram levantadas para tentar explicar o rompimento do arame, uma das mais invocadas foi a que explicou o rompimento devido à energia da bateria estar forte. É sabido que há na Capoeira um misticismo envolvido no estourar do arame (BRITO, 2017). No entanto, o Instrutor Bahia não concordou com essa tese e se posicionou contra, dizendo: *“Os caras ficam falando de energia, não é energia não cara, é a vibração da corda que faz ela esquentar lá em cima e a fricção faz quebrar pô, é só isso aí”*. Sua fala dá o contraponto à tendência de mistificar o lugar e as atividades envolvidas no “cantinho do Felipe” e mesmo da Capoeira como um todo. Mas Contramestre Sabiá prontamente retruca o argumento utilizado pelo interlocutor:

Cara, essa energia que se passa, essa tua forma científica de explicar é legal, mas pra gente que realmente prefere ouvir a mitologia, a gente gosta mais de ouvir que o cara desenvolveu o jogo num curto espaço de tempo, ou melhor num espaço reduzido de uma forma tão produtiva que o jogo flui, ninguém precisa prender ninguém, realmente o som do berimbau transmite isso né? Ele transmite essa energia boa, a alegria (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 19 de maio de 2019).

Seguindo a mesma linha de explicação de Contramestre Sabiá, Mestre Cobra faz um comentário acerca

da amplitude da Capoeira, inclusive de sua ligação com o mundo espiritual:

O manancial que é a Capoeira é espetacular, mas ela não se limita a só isso, ontem eu estava conversando com o cunhado do Mano [Bahia] sobre isso, o manancial que a Capoeira é. As pessoas quando veem a Capoeira apenas nessa vertente da luta esquecem uma riqueza muito grande que já vem dela numa ancestralidade muito forte, essa coisa do berimbau tocar, do instrumento tocar, o cantador. O olho de quem tá na roda de Capoeira e sente essa energia da musicalidade muda completamente, o olhar muda e a fisionomia muda. Quando a gente vem e passa um momento como esse aqui, pra mim isso, é uma limpeza espiritual, pra mim aqui eu me limpei hoje, amanhã eu vou começar a semana de outra forma né? E o capoeirista precisa disso, pois quando a gente fica muito acomodado parece que a gente fica numa energia estagnada. Então a gente precisa fazer essa troca de energia⁹⁰ aqui né? (Mestre COBRA. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no Parque da Cidade no dia 19 de maio de 2019).

90 Segundo Brito: “O berimbau concentraria a energia vital da roda e na condição de intermediário entre uma dimensão e outra ele indica a presença de tal energia negativa ao interromper a comunicação mediante o calar de sua voz. Com o estourar do arame do berimbau, há a percepção do acúmulo de energia negativa presente na roda e assim algumas decisões devem ser tomadas: o jogo pode ser finalizado; a roda pode ser reiniciada; ou mesmo haver uma decisão mais radical do mestre responsável de interromper a própria continuação da roda, ou ainda deixar acontecer a roda [...]” (BRITO, 2012, p. 4).

Tendo em vista a manifestação de Contramestre Sabiá através de oficinas de musicalidade organizadas no Parque da Cidade após o falecimento de Felipe, a ideia do “coletivo” Domingos de Angola, assim como a ideia do “coletivo” de musicalidade só faz sentido se for considerado que elas estabelecem apenas uma distinção nominal com outros segmentos da Capoeira local, o que não significa dizer que se tratem de “grupos” corporados e fixos, como aqueles descritos por Brito (2017) em seu “sistema de linhagem”. Nesse sentido, para o caso aqui estudado, as noções de “grupo” e “linhagem” estão presentes, mas apenas tangencialmente, haja vista que as relações entre os principais sujeitos de meu estudo, ou melhor, as principais relações dos sujeitos de meu estudo são aquelas que formam o “coletivo” e que escapam do poder explicativo do corpo teórico desenvolvido por Brito (2017).

Devemos recordar que os treinos articulados por Felipe nos três parques mencionados neste livro não foram reconhecidos ou legitimados pelos demais “grupos” de Capoeira da capital como parte de um “grupo” de Capoeira Angola, tampouco essa era a vontade de Felipe em vida. Como vimos, sua legitimação como angoleiro se deu aos poucos, à medida que incorporou valores específicos, como a musicalidade dessa vertente. Apesar de alguns membros do “coletivo” Domingos de Angola, entre eles Rua, Romeu e Gaby, identificarem-se como angoleiros em situações específicas, isso não é o suficiente para definir a prática do “coletivo” como um todo como uma prática de CA tradicional, nos

moldes, por exemplo, da prática instaurada pelos angoleiros do “núcleo” do GCAZ. Como frisei, a maioria dos capoeiristas que formam o referido “coletivo” possuem vínculos de pertencimento com diferentes “grupos” e, sobretudo, de outras vertentes.

O mesmo raciocínio pode ser utilizado para compreendermos a partir de quais valores as práticas dos ex-seguidores de Felipe se definem. Ou seja, não é possível afirmar que tais práticas constituem práticas de CA, pois, por mais que Contramestre Sabiá estabeleça a relação com a musicalidade dessa vertente, ele deixa transparecer a maior importância de outros aspectos em seu fazer, isto é, a relação com a musicalidade da “Capoeira Anglo-Regional” de seu “grupo” Oscapoeira e de seu Mestre Oscar. No caso da prática estabelecida na Clínica de Fisioterapia por Fernando, já adianto que por mais que haja uso de alguns aspectos da CA, prioriza-se o saber terapêutico.

Uma das características do “coletivo” Domingos de Angola era a gratuidade das aulas, pois Felipe nunca cobrou qualquer tipo de taxa para seus alunos participarem dos treinos no espaço público dos três parques. Ao que parece, isso foi transmitido, na sua totalidade, à prática de Contramestre Sabiá. Sobre a questão da gratuidade, durante um dos encontros realizados no Parque da Cidade, o Instrutor Bahia fez um comentário em tom de crítica a outros capoeiristas da cidade que cobram alguma taxa para dar aulas de musicalidade de Capoeira, usando como exemplo o caso de Mestre Corujão,

que ofereceu oficinas aos domingos em baixo da Ponte Estaiada e cobrou por isso. Ele disse: “*Quando a gente definir a data do próximo encontro [oficina de musicalidade] eu solto um cartaz de novo, aí coloco bem grande, é de graça! Ou melhor, vai ser em negrito, sublinhado e ainda vai ser numa letra de forma assim bem chamativa [risos]*”.

A prática que surge no espaço público do Parque da Cidade como herança do “coletivo” Domingos de Angola parece originar-se a partir da relação tecida entre Contramestre Sabiá, Felipe e alguns capoeiristas de “grupos” como Oscapoeira, Escravos Brancos, Alforria Capoeira e Cordão de Ouro, mas, sobretudo com o “grupo” Oscapoeira por ser uma reação mais orgânica. Nesse sentido, Mestre Oscar tem grande influência na forma como Contramestre Sabiá concebe suas atividades e principalmente, no modo como organiza sua própria bateria no “coletivo” de musicalidade. A fala de Mestre Oscar durante a oficina do dia 5 de maio atenta para a importância atribuída à musicalidade nas rodas do “grupo” Oscapoeira e demonstra apoio à iniciativa de Contramestre Sabiá:

Quando você vai pra uma festa, um exemplo aqui, se você vai pra um baile de Reggae e chega lá o cara bota um Forró como é que você vai interagir ali? Fica difícil. É o mesmo caso da roda de Capoeira e do berimbau, o gunga tá mandando o São Bento Pequeno [tipo de toque] o médio e o outro [viola] tem que acompanhar no São Bento Pequeno tocando, ele [tocador] vai ter que se virar ou rebolar pra poder acompanhar, entendeu? É o gunga quem manda e você tem que obedecer [...] Então se você tem isso aqui [ouvido] é pra escutar pô, se aqui tá errado você tem que entender o que o berimbau tá dizendo, o berimbau é quem diz como você tem que se movimentar dentro da roda entendeu? O tocador de berimbau é chamado de transmissor sonoro, não é só a caixa de ressonância que é essa cabaça, o cara vai fazer uma sonoridade bacana, ele é um transmissor sonoro, você vai dançar de acordo com o que a mão dele tá falando e o berimbau tá jogando pra fora da caixa de ressonância de onde tá saindo o som, certo? O que ele [Contramestre Sabiá] tá fazendo é muito importante e seria bom se todo mundo também fizesse pra poder esclarecer as coisas (Mestre OSCAR. Fala concedida ao autor durante oficina de musicalidade realizada no dia 5 de maio no Parque da Cidade).

A fala de Mestre Oscar revela a importância atribuída à musicalidade dentro do “grupo” Oscapoeira, o que me leva a crer que ele foi uma das principais influências de Felipe nesse quesito, diria até que Mestre Oscar teve um impacto na musicalidade de Felipe, se não maior, com certeza anterior ao impacto causado pela própria sonoridade de Mestre Ananias,

a quem Felipe passou a seguir virtualmente. Como vimos, Mestre Oscar e o “grupo” ligado a ele são de suma importância, primeiro, para a constituição e o desenvolvimento do “coletivo” Domingos de Angola no passado e, segundo, para legitimação da prática originada dele, agora levada a cabo por Contramestre Sabiá no “coletivo” de musicalidade. Faz-se necessário esclarecer ainda que após a realização das duas oficinas organizadas no Parque da Cidade descritas nesse tópico, Contramestre Sabiá expandiu suas atividades realizando outros encontros no Coreto do Parque da Cidade com a mesma finalidade em 2020 e início de 2021 que inclusive contou com a participação de Professor Sílio e seus alunos do “grupo” Escravos Brancos. Professor Sílio, por sua vez, atualmente desenvolve aulas de Capoeira nesse espaço de segunda a sexta-feira às 16h.

No próximo capítulo tratarei da outra faceta do legado deixado por Felipe: a criação do Método FB/FBC (Capoeira Angola e Fisioterapia) criado por ele e Fernando para ser comercializado no mercado terapêutico.



CAPÍTULO 3

O “coletivo” de capoeira terapêutica

Agentes, relações e significados atribuídos à prática na Viva Clínica

Início este subcapítulo explicando o contexto de formação de uma teia de relações que emerge da iniciativa de diferentes agentes fundamentais para o trabalho de campo na Clínica de Fisioterapia (que em alguns momentos será chamada de “espaço privado”⁹¹). Entre eles, Fernando, capoeiristas como Contramestre Sabiá (ACO), Professor Sílio (ACCEB), Osvaldo e Renata (GCAG), funcionários (fisioterapeutas, secretárias), amigos de Fernando e, em alguns casos, pacientes/clientes. Esse procedimento se faz necessário porque é a relação de Fernando com os demais atores que forma o contexto de constituição do “coletivo” de Capoeira terapêutica na Viva Clínica após o falecimento de Felipe.

Tal espaço encontra-se localizado na zona Leste de Teresina, uma região da cidade habitada por uma parcela da população economicamente abastada e onde se concentra a maioria dos usuários do serviço terapêutico. Àqueles que

91 Esta categoria deve ser compreendida a partir da relação que possui com a ideia de propriedade privada, uma vez que o termo é utilizado neste trabalho para se referir ao bem específico de uma pessoa/empresa. Nesse caso, o termo faz menção à espacialidade de propriedade da Viva Clínica Fisioterapia que se opõe ao espaço público dos parques descritos no capítulo anterior.

participam dos treinos/sessões nesse espaço (capoeiristas ou não) é permitido não só o acesso à orientação fisioterapêutica durante a prática dos alongamentos, mas também o contato com aparelhos⁹² utilizados nas sessões terapêuticas, como os de Pilates, por exemplo. Contudo, a gratuidade desse serviço parece ser uma prerrogativa temporária, pois, fora do horário dos treinos/sessões seria necessário a estes sujeitos pagarem pelos serviços oferecidos no estabelecimento como qualquer cliente, uma vez que a empresa trabalha com o agendamento de consultas e é voltada ao lucro. Talvez essa permissividade de ambas as partes funcione aqui como uma troca, já que no decorrer do trabalho de campo não ficou claro se a participação nas atividades mantidas por Fernando nesse espaço continuaria gratuita, o que levanta a possibilidade de que a prática nesses termos sirva como uma espécie de laboratório para o Método FB/FBC ali desenvolvido.

Entre os funcionários, observei duas categorias com relação ao cargo exercido na estrutura empresarial, o que pressupõe que a função desempenhada pelos trabalhadores possui relação direta com o grau de escolaridade. Na prática, temos dois tipos de funcionários: os que possuem ensino superior (fisioterapeutas) – assim como Fernando são identificados pelos demais integrantes do “coletivo” como

92 Reformer, Reformer Torre, Wall Unit, Ladder Barrel, Prancha de molas, Barra, Step Chair, Bola Suíça, Overball, Thera Band ou Faixa de Resistência, Rolo, Meia Lua, Small Barrel, Espelho para estúdio de Pilates, barra de flexão, entre outros.

“doutores” –, como Antônio, Suelen e Bárbara; e os que não possuem ensino superior, que prestam outros tipos de serviços, como é o caso de Cleide, Jennifer e Maria. Contudo, constatei também que essa distinção de funções pautada pelos supostos “títulos acadêmicos” não é valorada durante os momentos em que a prática da Capoeira Angola é adotada na Clínica.

A sobreposição de saberes que caracteriza a prática nesse espaço reflete-se na atribuição de sentidos conferida a ela pelos participantes dos treinos/sessões e pelo seu idealizador. No caso dos capoeiristas, o intuito é melhorar a performance física e evitar lesões durante a prática da Capoeira que se desenvolverá, posteriormente, em seus respectivos “grupos”, com os quais mantêm vínculos de pertencimento. Já os funcionários, os amigos de Fernando e os pacientes/clientes fazem uso do saber capoeirístico com outras finalidades, que incluem a qualificação profissional, a qualidade de vida e o alcance da cura. Nesse sentido, pode-se dizer que é atribuído mais de um sentido à prática do “coletivo” no espaço privado.

A estrutura do grupo *Método FB/FBC*⁹³ é composta

93 Utilizo a forma em itálico para identificar especificamente as relações no grupo de *WhatsApp*, o qual representa o vínculo estabelecido entre os integrantes do “coletivo” para além da prática no espaço físico da Clínica. Tal grupo é constituído por cerca de vinte pessoas entre capoeiristas, funcionários, pacientes/clientes e amigos de Fernando. Sua finalidade é divulgar informações acerca do Método FB/FBC, dos treinos/sessões realizados no espaço privado e dos eventos de Capoeira na cidade, sobretudo aqueles relacionados às oficinas de musicalidade organizadas

basicamente de três segmentos que podem servir de parâmetro para compreendermos parte da dinâmica dos treinos/sessões que ocorrem na Clínica de Fisioterapia e para identificar a relação entre os membros do “coletivo” de Capoeira terapêutica. Optei por organizar os membros em três categorias distintas, levando em consideração o parâmetro de assiduidade⁹⁴ ou regularidade nos treinos/sessões: a) os que frequentam regularmente, ou seja, estão em quase todos os encontros, entre eles Fernando, Professor Sílio, Suelen e Bárbara⁹⁵ e as funcionárias Cleide e Maria; b) integrantes que participam dos treinos de forma esporádica⁹⁶, como é

no Parque da Cidade e eventos de “grupos” como Escravos Brancos, Guaribas e Oscapoeira. Parte das pessoas que compõem esse grupo hoje não participa regularmente dos encontros *in loco*, porém, devido aos vínculos estabelecidos outrora com a prática instaurada por Fernando continuam participando das interações.

94 Isso se fez necessário porque durante o trabalho de campo nesse espaço observei que a presença de muitos integrantes do “coletivo” não era constante, pois o espaço de tempo entre uma vivência e outra era muito grande. A consequência disso foi, em alguns casos, a realização de treinos de Capoeira esvaziados, e em outros, com a participação de muitas pessoas.

95 Fisioterapeutas. Assim como Fernando elas são identificadas de doutoras durante os treinos/sessões na Clínica de Fisioterapia, contudo evitaremos o uso de tal termo (ver nota 7).

96 Acredito que muitos destes meus interlocutores têm dificuldade em ser assíduos em virtude do horário de realização dos treinos/sessões nesse espaço, uma vez que compõem outros segmentos da vida, inclusive o econômico. Tal situação já me foi descrita inúmeras vezes por vários capoeiristas da cidade que têm interesse em participar dos encontros na Clínica, mas que nunca puderam estar presentes por alguma razão, entre eles Mestre Naldo e os Instrutores Lagarto e Gilson.

o caso de Contramestre Sabiá, Antônio (fisioterapeuta da VC), Osvaldo e sua companheira Renata, além de amigos de Fernando; c) pessoas que treinaram no espaço e por alguma razão não podem frequentá-lo atualmente (em geral são pacientes/clientes que mudaram de cidade, estado ou país, mas continuam conectados ao “coletivo”).

À medida que mergulhei no trabalho de campo fui identificando quais pessoas participavam desses encontros. Primeiramente, observei a presença de alguns capoeiristas que imaginava estarem interessados em dar continuidade à obra de Felipe nesse espaço. Outra situação que também se apresentou inicialmente foi a participação de funcionários, os quais pude identificar através de uniformes, de amigos de Fernando e de pacientes/clientes. A presença específica dos funcionários da VC durante os treinos/sessões indica que a relação com a Fisioterapia não é deixada de lado no decorrer das vivências estabelecidas através das relações tecidas em tal contexto.



Participantes do “coletivo” de Capoeira terapêutica após treino no consultório de Osteopatia. Viva Clínica Fisioterapia (2019). Fotografia de Fernando Boaventura.

Segundo Fernando, o intuito da interlocução entre os saberes capoeirístico e terapêutico é explorar a possibilidade de cura usando a Capoeira Angola como uma ferramenta similar às técnicas utilizadas pela Fisioterapia moderna. Para ele, seria a Capoeira com a visão da Fisioterapia, ou seja, o uso dos movimentos físicos de tal manifestação como ferramenta de cura terapêutica associada a outras práticas corporais, como a adoção de uma dieta alimentar específica (conforme será exposto no próximo tópico).

Uma característica interessante com relação a quem frequenta os treinos/sessões do “coletivo” no espaço privado é que alguns dos integrantes são levados por outros que já conhecem ou frequentam o local. Por exemplo, Paulo, um ex-capoeirista e fisioterapeuta, foi apresentado aos treinos de Capoeira na Clínica por Cleide, uma das secretárias.

Durante algum tempo ele tornou-se um frequentador contumaz, porém por um curto período, creio que isso tenha se dado devido a sua ocupação profissional. Em contrapartida, Professor Sílio⁹⁷ é um dos participantes mais regulares dos treinos/sessões. Ele relata como é conhecido no universo da Capoeira e como conheceu o Método FB/FBC e a prática institucionalizada por Fernando na Clínica de Fisioterapia:

Meu nome é Sílio e na Capoeira sou conhecido como Professor Sílio. Treino Capoeira desde os oito anos de idade e estou completando 30 anos de Capoeira esse ano [2019]. Conheci o método através de um amigo [Contramestre Buscapé] e fico muito feliz, pois percebi que minha performance na Capoeira melhorou muito. Não sou⁹⁸ Capoeira de Angola e nem Regional apesar de minha linhagem na Capoeira vir dos dois estilos. Gosto é de Capoeira e da forma como estou praticando hoje com o auxílio do método. Sou grato a todos vocês, saravá. Axé meu povo que ginga (Professor SÍLIO. Fala coletada no grupo Método FB em abril de 2019).

97 Um dado importante consiste na sua formatura como Contramestre de Capoeira do “grupo” Escravos Brancos que seria realizada entre os dias 10 e 12 de julho de 2020, todavia o avanço da pandemia de COVID 19 parece ter adiado o evento.

98 Durante o trabalho de campo realizado junto a Felipe, notei que em muitas situações ele também se definia apenas como capoeirista sem a distinção de vertentes, apesar de notadamente seguir os fundamentos da Capoeira Angola. Contudo, assim como Contramestre Sabiá o Professor Sílio reforça o pertencimento de seu “grupo” ao mesmo tempo em que adere aos treinos/sessões do “coletivo” de Capoeira terapêutica propostos por Fernando.

Após o falecimento de Felipe, Professor Sílio passou a frequentar os treinos/sessões promovidos por Fernando. Ele e Contramestre Sabiá pertencem à mesma “linhagem” e mantêm uma relação social forte desde o “coletivo” Domingos de Angola. Com a morte repentina de Felipe, essa relação se intensificou, sobretudo na VC e nos eventos realizados pelo “grupo” Escravos Brancos, no qual Contramestre Sabiá passou a ser convidado a participar como oficinairo de musicalidade.

Tudo indica que Felipe foi o elo entre Fernando, Contramestre Sabiá e Professor Sílio. Como vimos, apesar de influenciado pelo saber biomédico, pois também era fisioterapeuta, Felipe era reconhecido pela comunidade terapêutica pela sua participação como capoeirista. Distintamente, a valoração atribuída pelos capoeiristas a Fernando deve-se a sua posição como “doutor” fisioterapeuta. Observei que a manipulação dos saberes no decorrer da prática ocorre principalmente através de sua orientação e intervenção na realização de alongamentos e movimentos específicos da CA durante os treinos/sessões, por exemplo, na execução de uma ponte⁹⁹.

Sabe-se que quase todos os integrantes relevantes para a atual formatação do “coletivo” de Capoeira terapêutica

99 Termo usado por muitos capoeiristas para descrever um movimento também conhecido no universo da CA como “rolê de banco”, em que o corpo se mantém arqueado, as costas voltadas ao chão e o ventre voltado para cima, enquanto as mãos e os pés permanecem fixos no chão.

possuem algum tipo de relação pré-estabelecida com a Fisioterapia, seja como funcionário ou paciente/cliente, à exceção de Contramestre Sabiá, Professor Sílio, Osvaldo e Renata, que mantêm vínculos de pertencimento apenas com a Capoeira. No caso destes, o pertencimento aos seus “grupos” de origem fora da Clínica parece flexibilizar-se no decorrer dos treinos/sessões devido à incorporação¹⁰⁰ de novos valores, tais como as técnicas terapêuticas. Nesse sentido, quando eles frequentam com certa regularidade a prática estabelecida nesse espaço, acabam colaborando para a formação do “coletivo”, ainda que não abandonem os laços de pertencimento com seus “grupos” de origem.

Processo similar se dá em relação aos funcionários, mas em outro sentido, haja vista que eles agregam ao seu fazer diário conhecimentos específicos da CA, representados aqui pela movimentação física dessa vertente. No caso dos amigos de Fernando e dos pacientes/clientes, eles estão sujeitos à incorporação tanto do saber capoeirístico quanto do biomédico durante os treinos/sessões, todos fazendo uso de tais saberes com finalidades distintas. Por outro lado, quando é convidado por Contramestre Sabiá e pelo Professor Sílio para apresentar o Método FB/FBC em eventos relacionados aos “grupos” dos dois capoeiristas, Fernando recebe o

100 Devemos lembrar que essa flexibilização de pertencimentos é talvez a característica que mais aproxima a prática instaurada por Fernando e as práticas estabelecidas respectivamente por Felipe e Contramestre Sabiá no “coletivo” Domingos de Angola e no “coletivo” de musicalidade.

convite enquanto “doutor” fisioterapeuta e apresenta o método e a sua visão da CA como um serviço terapêutico.

Parece-nos plausível sustentar que a articulação entre Fernando, Contramestre Sabiá e Professor Sílio a partir dos treinos/sessões promovidos no espaço privado e as relações mantidas entre eles em outros contextos associados ao universo da Capoeira constituem a base de legitimidade da sobreposição entre os saberes biomédico e capoeirístico, o que substancia o “coletivo” de Capoeira terapêutica. Durante um dos encontros realizados na VC no dia 23 de julho de 2019, em que estavam presentes Fernando, Suelen e Professor Sílio, comentei que havia encontrado Mestre Naldo na noite anterior e reproduzi o que ele havia dito sobre os convites de Fernando para que conhecesse a prática desenvolvida na Clínica. Professor Sílio imediatamente respondeu que Mestre Naldo não havia ido ao espaço porque seu Mestre [Mestre Escravo] não lhe permitia: “*O Cavalo [ou Mestre Naldo] ainda não veio treinar aqui porque o Mestre dele, o Mestre Escravo, não deixa*”. Para Professor Sílio, esse tipo de obrigação/limitação é característica de alguns “grupos”: “*Grupo de Capoeira tem essas coisas que você tem que seguir, é toda uma hierarquia*”.

A fala de Professor Sílio sobre Mestre Naldo corrobora minha ideia de que, senão todos, ao menos alguns “grupos” de Capoeira da cena teresinense interpretam a prática instaurada na Clínica como um segmento da Capoeira na cidade (neste caso um tipo de Capoeira terapêutica), ainda

que o próprio idealizador Fernando tenha estabelecido as diferenças. Assim como Mestre Naldo, os membros do GCAZ também são aconselhados a não frequentarem a Clínica nem os treinos em outros “grupos” da cidade, o que indica que mesmo sendo abertos, os “coletivos” são circunscritos por pessoas unidas e/ou separadas por um conjunto de valores gerais. Quer dizer, mesmo o pertencimento sendo contextual e situacional, existem condicionantes que limitam a formação desses “coletivos” e, em alguns casos, o “sistema de linhagem” é um deles.

O uso de técnicas fisioterapêuticas no decorrer dos treinos/sessões promovidos no espaço privado constitui um valor central e distintivo da prática instaurada por Fernando. O encontro do dia 15 de março de 2019 pode servir como parâmetro para reforçar a relação entre a Capoeira Angola e o uso de técnicas de conhecimento biomédico na construção da prática do “coletivo” de Capoeira terapêutica. O treino/sessão do dia em questão seguiu a mesma dinâmica de encontros anteriores e contou com a presença de Osvaldo¹⁰¹, Suelen e Bárbara. No decorrer da prática, observei que um objeto denominado *Thera Band* (espécie de fita elástica terapêutica)

101 Um fato interessante observado em alguns treinos/sessões e no grupo Método FB está relacionado à forma como alguns interlocutores, sobretudo Contramestre Sabiá, dirige a palavra a Osvaldo, referindo-se a ele como mestre. Contudo, sabe-se que ele não possui o título de mestre. Tudo indica que esse tipo de comportamento parece mais uma forma de reforçar os vínculos entre os interlocutores do que propriamente legitimar Osvaldo como mestre.

foi utilizado durante um exercício de parada de mão. A dinâmica ocorreu da seguinte forma: cada integrante executou tal movimento, que consiste em manter-se de cabeça para baixo apoiando as mãos no chão e o quadril inclinado; durante sua realização utilizamos a parede como apoio (o que é muito comum em treinos nesse espaço), enquanto Suelen colocava a fita ao redor do tórax dos participantes (um de cada vez) e a esticava, com o propósito de expandir essa região do corpo. Tal procedimento evidencia claramente a interferência ou a associação entre uma técnica fisioterapêutica e um movimento típico da Capoeira.

Alguns dos movimentos incorporados à dinâmica corporal dos integrantes do “coletivo” que participam dos encontros na VC são, por exemplo: a ginga, a negativa alongada/fechada, a ponte/rolê de banco, a parada de mão, o caranguejo, a queda de rins, o rabo de arraia e a aranha-agachado. Sobreposição similar à situação descrita anteriormente pôde ser observada após um dos treinos do GCAZ no qual Felipe participou e em que ele aplicou agulhas da técnica de acupuntura em alguns dos integrantes desse “grupo” que se queixavam de dores físicas. A descrição desse evento em particular é útil aqui apenas no sentido de demonstrar ao leitor a importância de Felipe na criação e no desenvolvimento do método que foi legado a Fernando e instaurado por este como parte da prática do “coletivo” de Capoeira terapêutica que se formou após o falecimento do angoleiro.

A segunda parte do treino/sessão é ambientada com música eletrônica oriunda de uma pequena caixa de som conectada a um celular com internet (fato também observado durante alguns treinos promovidos por Felipe no espaço público¹⁰² e na maioria dos “grupos” de Capoeira). Na VC, não há rodas de Capoeira, isto é, com instrumentos, cantos e jogos. No decorrer de todo trabalho de campo realizado nesse espaço nunca observei aproximação ou contato dos participantes com instrumentos musicais que compõem a bateria da CA, como atabaque, berimbau, pandeiro, agogô e reco-reco¹⁰³, o que distancia esse ambiente dos valores fundamentais de qualquer “grupo” de Capoeira. A musicalidade não é explorada aqui, pois o foco está centrado na movimentação da CA e em alongamentos específicos baseados em técnicas terapêuticas, o que distancia o “coletivo” terapêutico do “coletivo” de musicalidade.

102 Outra similaridade diz respeito a um costume de Felipe que Fernando manteve em sua prática: o hábito institucionalizado de tirar uma foto ao final de cada treino na qual os participantes posam geralmente executando uma parada de mão ou uma queda de rins.

103 Soube que Fernando possui instrumentos de Capoeira através de fotos.



Felipe (a direita), ao seu lado Osvaldo, Fernando e outros seguidores executando parada de mão após o treino. Viva Clínica Fisioterapia (2018). Fotografia de Felipe Esdras.

Apesar da ausência de jogos, houve dias em que alguns capoeiristas realizaram jogos de Capoeira como ação independente dos treinos/sessões. Nessas situações observei também que outros integrantes do “coletivo”, sobretudo os funcionários e os amigos de Fernando, dificilmente se arriscaram a participar de tais jogos, uma vez que sua prática está restrita ao espaço da Clínica, onde a roda de capoeira, característica da Capoeira fundamental – que inclusive é o que a torna patrimônio cultural do Brasil e da humanidade¹⁰⁴ – é totalmente negligenciada.

104 Conforme o artigo 2º do decreto 3551/2000, o então presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) Luiz Fernando de Almeida instaurou procedimento de abertura do processo de registro da Capoeira no Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) vinculado ao referido órgão. Através do parecer nº 31/08 relativo ao processo 01450.002863/2006-80, a antropóloga Maria Paula Adinolfi deu

Como vimos, a prática instaurada por Fernando reúne pessoas de diferentes contextos que partilham diferentes valores, formando um tipo de “coletivo” fundamentado na sobreposição dos saberes biomédico e capoeirístico. Alguns fatores são determinantes no processo de atribuição de sentidos a essa prática, entre eles é possível destacar o espaço ocupado pelos participantes e a sistematização do Método FB/FBC, que será objeto do próximo tópico. Portanto, o sentido atribuído pelos membros do “coletivo” de Capoeira terapêutica ao seu fazer neste local tem, naturalmente, maior relação com aspectos biomédicos do que com aspectos associados ao saber tradicional, pois o principal intuito dos treinos/sessões é adquirir maior qualidade de vida e/ou cura considerando, sobretudo, fenômenos fisiológicos. Surge, assim, a dimensão comercial de compra e venda de um serviço cujo resultado é de natureza fisiológica.

direcionamento ao processo de instrução e registro da Capoeira como patrimônio cultural junto ao DPI. Em 15 de julho de 2008, foi votado o registro da prática de Capoeira como Patrimônio Imaterial Brasileiro pelo conselho consultivo do IPHAN, que estabeleceu a patrimonialização da Capoeira em duas dimensões, isto é, inscreveu-se a “roda de Capoeira” no “livro de expressões” e o “ofício dos mestres” no “livro dos saberes” (BRAGA; SALDANHA, 2014). De acordo com Mascarello (2013), o inventário para o registro da prática da Capoeira como patrimônio nacional foi realizado entre os anos de 2006 e 2007 seguindo três eixos: pesquisa histórica, trabalho de campo e reflexões realizadas em torno do aprendizado e da descrição de rodas de Capoeira. “Em 2014, a Roda de Capoeira também foi contemplada com o título de Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)” (ALENCAR, 2017, p. 8).

O Método FB/FBC

O uso de técnicas terapêuticas como Pilates¹⁰⁵, RPG¹⁰⁶ e Osteopatia¹⁰⁷, sobrepostas à movimentação da Capoeira Angola, contribuiu para a criação de um método na Clínica de Fisioterapia que possui duas finalidades distintas: a) treinos/sessões de Capoeira Angola; b) oferta ao mercado terapêutico. O Método FB/FBC consiste num tripé que envolve práticas corporais distintas e é referido por Fernando como um método científico. A discussão dos três pilares que

105 “Chamado primeiramente de ‘contrologia’, o Pilates é um tipo de atividade física que busca o controle dos músculos do corpo, fortalecendo a musculatura e melhorando seu tônus, além de conferir maior flexibilidade ao corpo. Hoje, alguns médicos a consideram uma forma de terapia, por ser um exercício individualizado. A técnica é mais próxima a um exercício de força e é conhecida por melhora do contorno corporal, além de trazer mais força, ajustar a postura e melhorar a musculatura do centro do corpo, chamada de core” (AYRES, c2006, on-line).

106 Técnica fisioterapêutica cujo propósito é a promoção do equilíbrio dos músculos responsáveis pela postura. O método consiste na execução de posturas direcionadas que alongam séries inteiras de músculos cujo objetivo é reorganizar os segmentos do corpo. É utilizado no tratamento de dores e problemas na coluna (lombalgia, hérnia de disco, escoliose), retração muscular e doenças neurológicas que provocam rigidez muscular e patologias respiratórias) (SALES, c2016).

107 “Especialidade da fisioterapia que trabalha as articulações para uma reeducação que alivia e previne dores. [...] A técnica é considerada uma terapia natural, mas não deve ser confundida com tratamento esotérico. A Osteopatia é baseada em um detalhado exame clínico e um diagnóstico aprofundado e através de técnicas manuais reestabelece a mobilidade perdida e dá equilíbrio ao sistema musculoesquelético, sacro-cranial e visceral. Desta forma mantém a elasticidade do tecido conjuntivo em todos os seus sistemas” (VIVA, [2019], on-line).

o compõem será realizada em subtópicos para facilitar a compreensão do leitor, classificados de forma decrescente em termos de legitimidade científica.

O primeiro pilar é constituído de atividades físicas que compreendem sessões de alongamento e treinos de CA associados às técnicas citadas anteriormente. Logo, mesmo sendo uma ferramenta inovadora, o Método FB/FBC é baseado, de acordo com Fernando, em uma abordagem científica (Fisioterapia). O segundo pilar consiste em adotar hábitos alimentares, entretanto, aqui o caráter científico proposto fica diminuído, posto que Fernando não é nutricionista tampouco conta com nutricionistas em sua equipe. Dessa forma, não apresenta referências claras sobre esse pilar e recorre a métodos polêmicos como “alimentação paleolítica” de Dr. Rey¹⁰⁸. O terceiro pilar tem como foco as relações pessoais e sociais dos integrantes do “coletivo”, contudo, trata-se do pilar mais frágil do ponto de vista científico, pois assim como o anterior, não conta com profissionais capacitados que possam referendar as ideias propostas por Fernando. Ele explica:

108 No livro escrito por Dr. Rey e Charlie Fusco, o médico cirurgião descreve de forma simples algumas técnicas: “Como ficar em forma sem cirurgia; Por que os alimentos engordam; Programa pessoal para um corpo perfeito; Como malhar sem transpirar a qualquer hora, em qualquer lugar”. A dieta sugerida na obra promete rejuvenescimento e pode ser praticada por homens e mulheres. O que se pode comer nesta dieta: carnes (não processadas), peixes, mariscos, ovos, sementes oleaginosas, alimentos crus e frutos abundantes. Na Dieta do Paleolítico é proibido: leguminosas, incluindo, feijão, soja e lentilhas; açúcar; leite [...] (CANTELLI, 2016).

Falando um pouco sobre o tripé do Método FB. Os exercícios físicos habituais e sistemáticos baseados na Capoeira de Angola é o primeiro ponto do tripé; o segundo ponto, alimentação saudável e natural, porque com alimentação saudável e natural, o *Low Carb* ou algum estilo de vida natural que você tenha, você vai ter mais desempenho e; três a transformação pessoal, que significa entender como as nossas emoções e nossos conflitos geram os problemas na nossa vida e no nosso corpo. Tendo a união desses três pontos, estabelece-se um tripé para melhor qualidade de vida, para o desenvolvimento da autocura e da auto-performance (FERNANDO. Fala coletada no perfil da Viva Clínica Fisioterapia no *Facebook*, no dia 2 de novembro de 2019).

O Método FB/FBC passou a ser denominado assim somente após o falecimento de Felipe em agosto de 2018, como estratégia utilizada por Fernando para estabelecer distinção com a prática de seu antecessor e patentear a metodologia criada por eles, bem como associá-la à marca de sua empresa. A prática da CA alinhada ao uso de técnicas terapêuticas na Viva Clínica tornou-se não só a marca distintiva das relações sociais mantidas nesse ambiente, mas também um dos serviços exclusivos oferecidos pela empresa ao mercado local. Apesar disso, dois dos integrantes do “coletivo” nesse espaço atribuem a Felipe a criação do método. Contramestre Sabiá é um deles:

Muita coisa que o doutor [Fernando] usa na Clínica tem relação com nosso irmão [Felipe], ele sabe disso e até já falou publicamente é só perguntar pra ele. O Felipe desenvolveu os primeiros movimentos, ele fez isso com frequência no Parque [da Cidade] eu acompanhei todo o estudo que ele fez sobre o método. Hoje o Fernando tem explorado ele aqui [na Clínica], desenvolveu novos movimentos e formas de alongar muito eficientes. Eu só chamo de método porque era assim que a gente chamava antes com o Felipe (Contramestre SABIÁ. Fala concedida ao autor após um dos treinos realizados na Viva Clínica Fisioterapia em setembro de 2019).

A atribuição de uma nova nomenclatura ao método após o falecimento de Felipe não tem se configurado como um empecilho para aceitação da prática desenvolvida no espaço privado, uma vez que Fernando também reconhece a autenticidade da atribuição feita pelos capoeiristas que frequentam ou frequentaram os treinos/sessões em algum momento – como Contramestre Buscapé e o Instrutor Bahia – referindo-se a Felipe, por vezes, como seu Mestre. Fernando me contou que pretende homenagear o angoleiro na produção de um *e-book*, no qual “Dr. Felipe” será lembrado. Em um diálogo com Contramestre Sabiá após um dos treinos realizados na Clínica de Fisioterapia, Fernando afirmou:

Me sinto cada vez mais parecido com o Felipe na forma de viver a Capoeira no dia a dia, eu lembro que ele falava muito na teoria dos 4F: Força, Foco, Fineza e Funcionalidade, quatro itens importantes no desenvolvimento de um bom capoeirista que eu agreguei a minha rotina, reparou [dirigindo-se a Contramestre Sabiá] que estou cada vez mais fino e conseguindo realizar movimentos que não tinha controle depois que comecei seguir esses princípios do Mestre Felipe (FERNANDO. Fala concedida ao autor após o treino realizado no dia 17 de julho de 2019 no espaço Viva Clínica).

Há indícios de que Fernando institucionalizou e vai comercializar o Método FB/FBC, haja vista que além de criar uma logomarca e sigla própria, ele sistematizou as séries, manteve a prática regular na Clínica e criou um álbum fotográfico com o passo a passo dos alongamentos criados com base na relação entre a CA e a Fisioterapia.



Sequência fotográfica de um dos movimentos, a negativa alongada (re)criada para comercialização no/do Método FB/FBC. Viva Clínica Fisioterapia (2019). Fotografia de Fernando Boaventura.

Além disso, criou contas para divulgação do produto em plataformas digitais como *Youtube*¹⁰⁹ e *Instagram*¹¹⁰, e criou também um site¹¹¹ e um grupo no *WhatsApp*. Desde o início de 2020, ele vem fazendo transmissões ao vivo no *Instagram* e no *Youtube* de modo regular, contudo, as aulas aumentaram consideravelmente desde o fim de março por conta da política de isolamento social adotada pelas autoridades de saúde como principal estratégia de enfrentamento ao COVID-19. Tais transmissões são realizadas através do

109 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7YmqEABaro>. (Acesso em: 10 jun. 2020).

110 Ver em: <https://www.instagram.com/metodofbaovivo/?hl=pt-br>. (Acesso em: 15 mar. 2020).

111 Ver em: <http://www.drfernandoboaventura.com>. (Acesso em: 30 out. 2020).

perfil particular de Fernando nas duas redes sociais supracitadas e na conta associada ao Método FB/FBC no *Instagram*, geralmente às terças e quintas-feiras às 7h da manhã.

Acompanhando os treinos/sessões de forma intermitente na Clínica de Fisioterapia e seguindo as postagens de Fernando nas redes sociais, observei que o método consiste em um produto que vem sendo lançado gradualmente por sua equipe como o mais novo serviço oferecido pela Viva Clínica ao mercado terapêutico de Teresina e região. O serviço tem alcançado não somente pacientes/clientes, mas também profissionais da área de Fisioterapia em busca de aprimoramento, como mostra o depoimento de uma das fisioterapeutas que frequentou os treinos/sessões do “coletivo” no espaço privado em outros momentos:

Atuo na cidade de Lagoa Alegre-PI. O método criado pela Viva Clínica Fisioterapia foi muito importante, uma vez que me proporcionou conhecimentos e, claro, qualificação profissional, para que eu possa promover aos meus pacientes um atendimento mais completo e eficaz (MARIA PAIXÃO. Fala coletada no grupo Método FB em junho de 2019).

Ao que parece, o Método FB/FBC segue uma cartilha baseada em princípios biomédicos que define o modelo de comportamento adotado pelos integrantes do “coletivo” de Capoeira terapêutica, sobretudo durante as sessões de alongamento e os treinos baseados na movimentação da CA,

visando romper o “ciclo da dor” daqueles participantes acometidos por alguma tensão acumulada. Segundo Fernando:

Retemos tensões que nada mais são do que energias acumuladas nos músculos. Quando falo em energia não quero parecer esotérico e sim cartesiano, ou seja, já que temos diariamente tensões acumuladas e são estas mesmas que nos bloqueiam, temos que aprender a liberar e nada melhor do que os alongamentos e as liberações miofasciais¹¹² dinâmicas do método [...] (FERNANDO. Fala coletada no perfil da Viva Clínica Fisioterapia no *Facebook* no dia 3 de novembro de 2019).

Na verdade, não se trata de uma invenção sem precedentes. De acordo com Russo (2002), as terapias corporais surgiram na década de 1960 e 1970 na Europa durante a onda contracultural como alternativa às clássicas terapias psicologizantes e chegaram ao Brasil com maior intensidade nas décadas posteriores, sobretudo na década de 1980. O uso de expressões como “liberação miofascial” e “ciclo da dor”, inerentes ao discurso de Fernando, faz referência às estratégias criadas por ele e pelo método cuja intenção é fazer circular pelo corpo a energia essencial para seu bom funcionamento.

Nesse contexto, tais termos parecem possuir aqui alguma relação, mesmo que distante, com o léxico da terapia

112 Técnica de relaxamento muscular recomendada por fisioterapeutas e massoterapeutas a quem pratica alguma atividade física, aplicada ao paciente antes ou após a realização desses exercícios.

corporal de Wilhelm Reich, responsável por discutir a importância do corpo dentro da perspectiva terapêutica e criticar o conservadorismo da psicanálise freudiana. A Somaterapia, prática terapêutica criada por Roberto Freire na década de 1970, baseia-se nos princípios de Reich e tem como propósito servir “para o *desbloqueio das couraças musculares* e da *energia vital dos neuróticos em geral, passando a utilizar os exercícios em grupos de terapia*” (FERRAZ, 2018, p. 62, grifo do autor). A Somaterapia também faz uso da CA para atingir o “rompimento das couraças” e a desobstrução “bioenergética” da energia que circula pelo corpo (BRITO, 2015). Outra prática terapêutica que se pode destacar é a Capoterapia, observada acidentalmente em campo. Desde então soube que é uma prática muito utilizada pelos capoeiristas de Teresina e uma das maiores fontes de renda de muitos deles, pelo fato de estar inserida em políticas de saúde da prefeitura¹¹³. O “grupo” Alforria Capoeira de Mestre Ulisses, por exemplo, mantém trabalhos com essa abordagem.

A Somaterapia tornou-se uma atividade de custo relativamente alto disseminada entre jovens universitários de muitas capitais do Brasil, mas não chegou até Teresina. A

113 “Terapia alternativa onde se utiliza elementos da capoeira adaptada para pessoas sem hábito de atividade física ou esportiva, respeitando a condição física, as potencialidades, os limites e as características psicológicas individuais do praticante [...] As sessões de Capoterapia são acompanhadas de músicas, palmas e movimentos ritmados, onde praticantes, coordenados pelo instrutor criam um ambiente descontraído e motivador do movimento numa atmosfera lúdica” (CAPOTERAPIA, 2020, on-line).

Capoterapia, por sua vez, atende predominantemente idosos das camadas menos abastadas de muitos bairros periféricos da capital piauiense há anos. Tudo leva a crer que o Método FB/FBC visa ocupar um espaço no mercado local similar ao que a Somaterapia ocupou em outras localidades, atendendo a um público jovem “alternativo” e de classe média.

Contudo, diferentemente da ênfase de teóricos da Somaterapia (e de sua fonte maior, a Terapia Corporal de Reich), que nasceu justamente para negar a eficácia do discurso corrente da Ciência, o Método FB/FBC extrai legitimidade da relação que mantém com o saber científico biomédico, com pitadas de cultura alternativa mercadológica, e com a Capoeira Angola. Esse conjunto apresentaria, segundo seu criador, resultados práticos em termos de performance pessoal, caracterizando-se como uma espécie de autoajuda biologicizada. Nas palavras de Fernando:

O Método FB é um método para o alcance da autoperformance e da autocura, o objetivo principal é o aumento da performance pessoal, do desempenho pessoal e a descoberta da felicidade plena na movimentação corporal, melhor qualidade de vida, alimentação natural, transformação pessoal, gratidão e autoconhecimento para lidar com problemas contemporâneos e uma educação para cultivar e conquistar boa saúde. O Método Fernando Boaventura surgiu para melhorar a vida dos seus praticantes, mas se mostra extremamente eficaz em todos os esportes e gestos para alcançar uma melhor relação somatofísica emocional, é a sinestesia prática, ou seja, é o tratamento pelo movimento (FERNANDO. Fala coletada no perfil da Viva Clínica Fisioterapia no *Facebook* no dia 3 de novembro de 2019).

Com relação ao trabalho implicado no processo de cura, Tavares (2012) entende que o esforço do terapeuta durante o tratamento fica comprometido se não há o envolvimento do paciente em seguir as diretrizes indicadas pelo médico. Isso significa que dependendo do tipo de terapia utilizada durante o tratamento, a cura pode ser alcançada de forma ambígua pelo paciente, ou seja, pode ser vivenciada ora como conquista ora como dádiva. Apesar de Fernando “não querer parecer esotérico e sim cartesiano”, na tentativa de atribuir legitimidade científica a sua prática, seu método apresenta elementos passíveis de serem classificados como de um terapeuta “não médico” nos procedimentos que conduziriam à cura e que são de difícil explicação puramente científica. Continua Tavares:

Diferentemente dos médicos, que não podem incorporar ao tratamento um resultado de cura inexplicável, entre os terapeutas não médicos há sempre um significado que preenche esse espaço do que é inexplicável para a Medicina. Mas esse espaço é sempre mediado pela técnica, o que também os distingue dos curandeiros. A maior ou menor mediação da técnica na articulação dessa justificação variará segundo a menor ou maior aproximação do terapeuta com a dimensão espiritualizante (de fundo holístico implicada no trabalho). Nesse sentido, a eficácia pela técnica redefine a dádiva, ao inscrevê-la em outro código, o do empenho pessoal do paciente no trabalho de cura (TAVARES, 2012, p. 68).

Desse ponto de vista, o empenho do paciente deve ser exercido em sua plenitude, ou seja, não apenas com foco em atacar o desequilíbrio orgânico, mas, sobretudo, na harmonização das relações sociais e do estado de bem-estar. A autora entende que:

Enfatiza-se constantemente a relação entre o processo de cura e a necessidade de uma melhora na qualidade de vida, envolvendo um conjunto de orientações de ordem ecológica, que do ponto de vista analítico, pode ser subdividida em: uma “ecologia pessoal” (que compreende hábitos alimentares e higiênicos, vestimentas, terapias utilizadas etc.) e uma “ecologia humana” (nas relações com o outro e o meio ambiente) (TAVARES, 2012, p. 67-68).

Para além da eficácia da cura ou da sua explicação, práticas corporais como a Capoeira, em sua pluralidade de modos de expressões, demarcam a relevância das relações entre o corpo, o indivíduo e o meio, na medida em que influenciam diretamente a configuração de novos arranjos identitários:

A corporeidade se constitui em suma, como um fato social através das diversas formas de uso do corpo, que podem ser comprovadas nas representações sociais cotidianas e ao longo da trajetória histórica da capoeira. Ela se constitui como ação estruturada, e geradora de condições objetivas da possibilidade da vida social. Aqui se admite também o corpo como sujeito humano, por onde se insere no mundo perceptivamente e o objetifica na medida em que interage com outros sujeitos e objetos. O corpo concebido como sujeito da cultura, como premissa metodológica traz consigo grandes implicações, especialmente no âmbito dos processos identitários (ANDRADE; BONFIM; GUEDES, 2018, p. 77).

Treinos/sessões de Capoeira Angola

O treino é dividido em dois momentos distintos, porém, interligados à prática como um todo. A primeira parte é realizada em um dos Consultórios de Pilates (localizado no segundo pavimento do prédio). Antes de entrar nesse espaço deve-se obedecer a algumas regras básicas: tirar os calçados (sapato ou chinelos¹¹⁴); realizar as séries de alongamentos descalços; fechar a porta de entrada, uma vez que o ambiente é climatizado; otimizar o espaço ocupado, pois se trata de um local pequeno e composto por muitos aparelhos; e seguir as orientações do/a profissional fisioterapeuta que acompanha esta etapa. Os alongamentos duram cerca de vinte minutos e são realizados utilizando aparelhos de Pilates como auxílio na execução de séries voltadas especificamente para ganho de força e visando a segunda parte do treino (movimentação).

Uma das fisioterapeutas da Clínica (Suelen ou Bárbara) sempre está presente nessa etapa, orientando os participantes a utilizar os equipamentos, explicando suas funções e os benefícios terapêuticos associados à prática da Capoeira. Em uma das sessões observei que Suelen orientava os integrantes do “coletivo” na realização de uma ponte/rolê de banco executada como um tipo de “flexão de braço” invertida (três séries de dez). Já em outras ocasiões, Bárbara orientava os participantes a utilizar corretamente algum dos aparelhos/

114 Importante lembrar que um dos fundamentos mais conhecidos entre os adeptos de Capoeira Angola é o uso de calçados durante a prática.

objetos como *Reformer*, *Reformer Torre*, *Prancha de molas*, *Thera Band*, entre outros.

Percebi que nem todos que frequentam os treinos/sessões fazem uso¹¹⁵ desse espaço, sendo os mais regulares o próprio Fernando, Professor Sílio, Osvaldo e Renata, além de uma das duas fisioterapeutas mencionadas. Antes de se dirigir ao local onde é realizado o treino de Capoeira, Fernando sempre assina uma ficha de presença e entrega para Suelen ou Bárbara. Tudo indica que apesar de proprietário do espaço e detentor do conhecimento fisioterapêutico, ele tem se colocado nesses momentos como um paciente que é orientado através da técnica, pois, como ele mesmo me relatou, sofre de um problema crônico na coluna e por isso começou a treinar.

Concluída essa parte, todos os participantes se dirigem ao Consultório de RPG e Osteopatia onde é realizado o treino de Capoeira Angola. Este espaço é o único que possibilita a realização de tais treinos, algo que seria inviável no Consultório de Pilates, em função não só das dimensões do recinto, mas, sobretudo, devido à grande quantidade de aparelhos distribuídos no local, como já foi dito. Contudo, ainda que este não seja considerado um espaço com tamanho ideal para prática da CA, pode ser considerado satisfatório, uma vez que o número de pessoas que participam

115 A grande maioria concentra sua atenção na segunda parte das vivências, que é especificamente o treino de Capoeira Angola, contudo, isso pode ser explicado devido ao horário que são realizados os encontros.

dessa parte do treino costuma variar durante os dias da semana (em média entre cinco e seis pessoas, o que pode variar em um ou dois para mais ou para menos de acordo com a assiduidade dos participantes).

No horário do treino de Capoeira, dois equipamentos denominados “Mesa de Tração” (utilizados para o atendimento em horário comercial) são afastados e colocados pelos integrantes do “coletivo” um sobre o outro, com o propósito de otimizar o espaço para que possam ter maior liberdade no decorrer da movimentação liderada por Fernando. Diferentemente da sessão de alongamentos onde os integrantes do “coletivo” devem necessariamente desfazer-se de seus calçados para poderem participar, durante esta etapa Fernando não exige um padrão específico quanto ao uso de sapatos, portanto, no decorrer da movimentação alguns fazem uso e outros praticam descalços.



Fernando conduzindo treino de Capoeira Angola no consultório de RPG/Osteopatia. Viva Clínica Fisioterapia (2018). Fotografia de Felipe Esdras.

A sobreposição de diferentes técnicas corporais como estratégia de operacionalização da prática no espaço privado, entre elas técnicas terapêuticas¹¹⁶ sobrepostas à movimentação da Capoeira Angola, dá origem, portanto, ao primeiro pilar do Método FB/FBC. Nesse caso, aplicar a visão da CA à Fisioterapia parece especificamente possuir relação com a negação da existência de um “grupo” de Capoeira formalmente organizado na Clínica, ou seja, constituído por certos aspectos já discutidos, como jogo, ritual, música, ancestralidade e um mestre. Tudo leva a crer que a movimentação dessa vertente é o principal aspecto apropriado por Fernando na operacionalização desse pilar, mas parece que nada ou

116 “A legitimação terapêutica apresenta um referencial centrado na eficácia da técnica utilizada como critério de objetividade, na administração de um tratamento, buscando aproximação com a abordagem científica desses procedimentos” (TAVARES, 2012, p. 80-81).

pouco do que constitui a Capoeira para além disso é aproveitado no Método FB/FBC¹¹⁷.

Fernando defende em seu discurso a possibilidade de interlocução equilibrada entre o saber capoeirístico e o saber biomédico. Na verdade, ele não só argumenta frequentemente a favor dessa ideia, como também afirma ser seu método uma forma de equilíbrio entre tais saberes. É interessante observar que seu discurso e ação durante os encontros *in loco* ou nas redes sociais visam atingir também o universo da Capoeira como nicho de potenciais clientes, uma vez que ele tem boa relação com membros de alguns “grupos” da cidade. Segundo ele, a forma como a movimentação da Capoeira Angola é executada no método proporciona uma complementaridade com o conhecimento fisioterapêutico, haja vista que permite observar e, sobretudo, intervir na dinâmica corporal a partir de técnicas e estímulos específicos caros à Fisioterapia.

Em sua concepção, os capoeiristas de maneira geral devem ser conscientizados acerca da importância do Método FB/FBC, não apenas do ponto de vista da prevenção de lesões, mas, sobretudo, em função da possibilidade de cura

117 “Partindo da ideia de corpo como primeira ferramenta, Mauss (2003) percebe que através do uso do corpo surge o desenvolvimento de técnicas aprendidas conforme valores e as regras sociais, pois o conhecimento das técnicas de como utilizar este “instrumento” facilitaria a vida cotidiana [...] Na capoeira, o corpo é continuamente munido de elementos simbólicos que o capacitam a estar no mundo, a agir nas estruturas sociais, e quando relacionado a associações grupais, reproduzir sociabilidades, espaços de ação, símbolos próprios” (ANDRADE; BONFIM; GUEDES, 2018, p. 76-77).

total que ele propicia. Em um dos treinos/sessões em que participei, Fernando pediu para que eu o ajudasse na demonstração de uma ponte/rolê de banco com a intenção de auxiliar um dos integrantes do “coletivo” que não era capoeirista e tentava realizar o exercício pela primeira vez. Algo que me chamou atenção enquanto o ajudava foi sua explicação (técnica) pautada, segundo ele, em referenciais científicos:

Ao executar esse movimento a gente explora várias regiões como a lombar, o quadril, a cervical, uma série de partes importantes do nosso corpo, então se eu faço o movimento da **forma correta**, com certeza vou ter maior facilidade de repetir o mesmo movimento na próxima vez, é uma possibilidade cientificamente comprovada. Isso não é uma coisa difícil de se pegar, somente com a prática regular no método e os treinos no dia a dia a gente desenvolve essa consciência. Tudo que a gente faz aqui na Clínica é ciência, os movimentos de Capoeira, os alongamentos tudo com base na Fisioterapia, nas técnicas que utilizamos no nosso dia a dia (FERNANDO. Fala concedida ao autor durante treino realizado em setembro de 2019 no espaço Viva Clínica).

A partir de sua fala, percebe-se que realizar esse movimento em particular consiste em mais do que um desafio, trata-se antes de tudo de um ato de “liberação da cadeia miofascial” impulsionado por um saber pautado no conhecimento de velhos mestres de Capoeira, porém

modificado de acordo com o conhecimento científico e adequado terapeuticamente à prática instaurada na Clínica de Fisioterapia. Sobre os benefícios e contraindicações desse movimento, Fernando diz:

O movimento da ponte é um movimento muito desafiador, ele não deve ser feito em quem está com processo agudo de dor, somente em quem está conseguindo se movimentar normalmente. É um movimento que a gente consegue ultrapassar barreiras superando desafios para que a gente alongue toda cadeia anterior do corpo, seja na cervical, no tórax ou nos membros. Dessa forma, fazendo a ponte de forma gradual e progressiva a gente vai conseguir a liberação de todas as estruturas que muitas vezes prendem e amarram a nossa postura no dia a dia (FERNANDO. Fala coletada no perfil da Viva Clínica Fisioterapia no *Facebook* no dia 16 de outubro de 2019).

Ao utilizar em muitos momentos o termo “forma correta” para se referir à forma biomecanicamente sancionada seguindo os princípios instituídos pelo saber fisioterapêutico, percebe-se a reprodução de uma hierarquia que subordina o saber tradicional dos capoeiristas “não doutores” (no sentido corriqueiro relativo aos profissionais da saúde). É evidente que se convencionou realizar os movimentos de CA seguindo uma racionalidade pragmática desvinculada da ludicidade do jogo de Capoeira ou da potencialidade bélica da arte marcial afro-brasileira, ou

de qualquer outro elemento descrito no dossiê do IPHAN sobre o notório “saber dos mestres de Capoeira”¹¹⁸.

Outros termos presentes em seu discurso como “saúde”, “qualidade de vida”, “sinesterapia prática” e “tratamento pelo movimento” são invocados para marcar e reforçar continuamente a sobreposição hierárquica do conhecimento biomédico em relação ao saber capoeirístico. Entre os exercícios e alongamentos trabalhados com maior ênfase durante os treinos/sessões do Método FB/FBC, e que podem ser relacionados de algum modo com a movimentação da CA, apesar de renomeados, estão: o alongamento da parte posterior do corpo, que consiste num movimento de “liberação da cadeia miofascial posterior”; a “aranha agachado à frente”, que serve para controlar a dor na região da coluna cervical e lombar; a “liberação dos ombros”, que é um exercício de aquecimento e articulação dos membros superiores (braços); o “alongamento da posterior cadeia fechada”, cuja finalidade é a liberação plena dos membros inferiores (pernas); o “alongamento da negativa”, que consiste num exercício de “liberação miofascial” da musculatura; e o “caranguejo”, movimento eficaz no chamado “estágio de reabilitação I da

118 “[...] Entende-se que o saber do mestre não possui equivalente no aprendizado formal do profissional de Educação Física, mas sim se estabelece como acervo da cultura popular brasileira [...]” (IPHAN, 2007, p. 94). Nesse sentido, diria que para o caso aqui estudado o saber oriundo dos mestres de Capoeira também não encontra valor equivalente no aprendizado do profissional de outras áreas da saúde, em especial, de fisioterapeutas, terapeutas e/ou massoterapeutas.

dor”. Entretanto, mesmo deslocado da ludicidade característica da prática ritualística da Capoeira, o método é visto por alguns dos participantes como divertido e desafiador. Segundo um dos fisioterapeutas, essa ferramenta modificou sua vida profissional, pessoal e familiar:

Falar do método é muito fácil pra mim, acompanho a evolução dele desde o início. Vem na minha cabeça Fernando, Felipe e eu fazendo o treino no terraço da casa de Fernando. Era nosso momento de diversão, de desafiar o nosso corpo a fazer movimentos até então impensáveis, cada um dentro de sua limitação. Com um detalhe, o Felipe parecia não ter nenhuma dificuldade, parecia ser feito de outro material. Com o tempo percebemos a necessidade de algo a mais com relação à qualidade de vida além do treino. Foi onde entrou dois outros itens importantes: alimentação e a parte emocional. Hoje percebo o quanto esses três pilares melhoram o meu desempenho profissional, pessoal e familiar. Obrigado Fernando e Felipe Esdras pela oportunidade de estar vivenciando essa transformação (ANTÔNIO. Fala coletada no grupo Método FB em setembro de 2019).

Enquanto a ludicidade do jogo da Capoeira envolve harmonia e equilíbrio de complementaridade entre diversos atores dentro do ritual da roda de capoeira (FRIGERIO, 1989), a ludicidade do método parece enfatizar o individualismo, o desafio consigo mesmo, caracterizando o que Fernando chamou de “autoperformance”.

Alimentação

Para Andrade, Bonfim e Guedes (2018), tanto a Capoeira quanto as terapias holísticas que se baseiam em hábitos alimentares, como a alimentação naturalista e/ou vegetariana¹¹⁹, podem ser consideradas modalidades de práticas corporais que se ligam através de diferentes usos e sentidos atribuídos ao corpo, levando à constituição de arranjos identitários distintos. No primeiro caso, trata-se de uma técnica corporal de defesa vinculada à ideia de jogo/esporte e expressão cultural de origem afro-brasileira, enquanto no segundo caso temos práticas corporais de cuidado com o corpo cujo foco é a alimentação “saudável” e a “boa saúde”.

Como técnicas de cuidado que mantêm implicações diretas na configuração de novos traços identitários entre os sujeitos na sociedade contemporânea, muitas dessas dietas se realizam em oposição ao consumo demasiado de carne em diferentes grupos e culturas:

119 “Dieta baseada em vegetais, livre de todos os alimentos de origem animal, como: carne, laticínios, ovos e mel, bem como produtos como o couro e qualquer produto testado em animais” (SEJA, [2020], on-line).

Há o confronto entre duas ordens de discursos médicos: a que se associa ao modelo biomédico que reconhece a importância do aporte de proteína de origem animal para a saúde humana; e a do discurso baseado no conceito holístico de saúde, que se baseia na dieta naturalista ou vegetariana composta de alimentos naturais (não industrializados), adotando um conceito de saúde integral do ser (ANDRADE; BONFIM; GUEDES, 2018, p. 81).

A cura alcançada no processo terapêutico através da adoção de dietas alimentares ocorre, segundo os autores, a partir do momento que o indivíduo torna-se capacitado a modificar seus próprios hábitos, o que, de certa forma, parece possuir alguma relação com o processo descrito por Tavares (2012) em que a cura é alcançada através da conquista e não deve ser encarada como dádiva. Para Fernando, a relevância da incorporação de hábitos alimentares saudáveis ao Método FB/FBC exige a compreensão de duas questões importantes relacionadas à dieta adotada pelos seus praticantes: resistência à insulina e síndrome metabólica. Ainda que não seja nutricionista, ele explica isso segundo padrões de cientificidade:

A resistência à insulina pode ser definida como resposta diminuída às ações biológicas da insulina, anormalidade que ocorre principalmente em razão de ação inadequada da insulina nos tecidos periféricos, como tecido adiposo muscular e está relacionada ao excesso de ingestão de carboidratos ruins e o excesso de gordura corporal e alterações metabólicas, como diabetes, obesidade, perda do gerenciamento do peso, hipertensão arterial, que, em conjunto, constituem a síndrome metabólica (FERNANDO. Fala coletada no perfil da Viva Clínica Fisioterapia no *Facebook* no dia 23 de agosto de 2019).

Fernando definiu o *Low Carb* como modelo de dieta a ser seguido no Método FB/FBC, contudo, ele não cobra a adoção obrigatória desta dieta por parte dos integrantes do “coletivo”. Isso se justifica pelo fato de o interlocutor não contar com a presença de nutricionistas em sua equipe, o que acaba evidenciando uma contradição com o princípio da legitimidade científica adotada no primeiro pilar, que invoca o saber biomédico da Fisioterapia como valor central de sua prática. Nesse sentido, ele se mantém aberto à incorporação de novas dietas, como o estilo de

alimentação mediterrânea¹²⁰ e o estilo paleolítico¹²¹.

O *Low Carb* consiste basicamente em um tipo de alimentação natural cujo propósito é reduzir o consumo de carboidratos pelo organismo e assim obter supostos benefícios, como a diminuição de insulina nas vias sanguíneas, a redução da massa corpórea (peso), a melhora no nível do colesterol, a perda de fome e o controle da

120 “A dieta mediterrânea é um plano alimentar baseado nos hábitos dos países banhados pelo Mar Mediterrâneo (principalmente Sul da Itália, Grécia e Sul da Espanha). Apesar de suas culturas diferentes, eles compartilham uma alimentação em comum, principalmente devido ao solo e ao clima da região que resultam em uma fauna e flora típicas. [...] A dieta mediterrânea não tem uma proporção exata entre o consumo dos macronutrientes (gorduras, carboidratos e proteínas), mas traz no seu dia a dia alguns alimentos e grupos alimentares típicos, que são os pilares desse método” (AYRES, [2020a], on-line). Alguns dos alimentos utilizados nessa dieta são: peixes, frutas, legumes, grãos integrais, leite, queijos etc.; entre os alimentos evitados estão a carne vermelha e produtos industrializados. Esse tipo de alimentação ajuda a prevenir várias doenças como diabetes e problemas cardiovasculares.

121 “A dieta paleolítica, ou também paleo dieta, está sendo adotada por muitas pessoas com promessas de emagrecimento e também de um estilo de vida mais saudável e considerado naturalista. O atrativo principal está justamente em seu lado mais inusitado, ao pregar jejum prolongado, o consumo de carne à vontade e a restrição de carboidratos no estilo homem das cavernas. A dieta paleo propõe a volta da alimentação de nossos ancestrais - que se alimentavam de carne, frutos e sementes, com a justificativa que essa é a alimentação para a qual nosso organismo foi moldado por milhões de anos. A dieta paleolítica foi construída com a premissa de que doenças comuns nos dias de hoje (diabetes, distúrbios metabólicos, problemas do coração, obesidade), são respostas do corpo ao excesso de carboidrato, açúcar e alimentos processados impostos pela dieta contemporânea. Apesar de soar radical, a maior parte dos seguidores defende uma dieta paleolítica adaptada às características de cada um” (AYRES, [2020b], on-line).

pressão sanguínea. Essa dieta enquanto um dos pilares do Método FB/FBC tem relação direta, para Fernando, com os ganhos que podem ser atribuídos ao que ele denomina de “autoperformance”, “autocura” e “qualidade de vida” através da movimentação da CA. Ele elenca em seu discurso doze itens sobre a alimentação *Low Carb* dispostos numa espécie de cartilha a ser seguida:

Vou listar doze verdades sobre o estilo de vida *Low Carb*! 1) açúcar vicia igual à heroína; 2) tapioca tem índice glicêmico maior que o pão; 3) jejum intermitente não causa hipoglicemia; 4) gordura no fígado ou esteatose hepática é causada por carboidratos; 5) o que causa acúmulo de gorduras no corpo é também excesso de carboidratos; 6) *Low Carb* é um estilo de alimentação natural; 7) a grande maior parte dos sucos naturais fazem mal à saúde com exceção de frutas *Low Carb* [abacate, acerola, figo, caju, coco, framboesa, amora e açaí]; 8) chá não emagrece; 9) comer ovos todos os dias; 10) farinhas integrais fazem mais mal e engordam mais; 11) coma quando tiver fome; 12) não comer de três em três horas (FERNANDO. Fala coletada no perfil da Viva Clínica Fisioterapia no *Facebook* no dia 1 de outubro de 2019).

Um dado sobre a alimentação de alguns integrantes do “coletivo” pôde ser observado em alguns encontros realizados na Viva Clínica Fisioterapia. Em um deles, Fernando relatou estar conduzindo os treinos/sessões em jejum alimentar de mais de 24h; em outras ocasiões, durante as sessões

de alongamentos, Suelen questionou o Professor Sílio se ele estava se alimentando “corretamente”, dando a entender que ela também segue ao menos uma das dietas sugeridas por Fernando e que elas não são apenas um pilar importante do método, mas também influenciam diretamente o desempenho dos participantes durante a segunda parte do treino (movimentação). Conversando com alguns dos praticantes frequentadores dos treinos/sessões da Clínica, percebi que a maioria mostra preocupação em manter uma alimentação saudável, mas, infelizmente, não pude averiguar o quanto isso representa em termos de efetivação da dieta.

Relações pessoais e sociais

O último pilar do Método FB/FBC, o mais frágil do ponto de vista científico, é denominado por Fernando de esfera da “transformação pessoal” ou “reconstrução íntima”, isto é, esfera da mudança de atitude e do comportamento em relação a si e ao mundo. Segundo ele, esse pilar consiste basicamente em “ter gratidão todos os dias” para estar em paz consigo e com o ambiente social em que está inserido. Na sua concepção, o “autoconhecimento” é um dos gatilhos para o indivíduo aprender a lidar com problemas oriundos da vida social que se refletem na estrutura “musculoesquelética”.

É interessante observar que os termos “autoconhecimento” e “autocura”, enfatizados por Fernando durante o trabalho de campo, parecem estar relacionados com a ideia da aquisição de um tipo de aprendizado corporal através da Fisioterapia e da Capoeira Angola, potencializado pelo esforço do indivíduo, ou seja, seria a cura pela via da “conquista”, como foi descrito por Tavares (2012). De acordo com ele, o aspecto biomédico de sua prática estabelece uma distinção com o que chama de “terapias esotéricas” das quais procura se afastar ao menos discursivamente. Todavia, trata-se de uma contradição velada entre o que o interlocutor diz e faz, haja vista que não apresenta referências que possam embasar esse pilar aos olhos da ciência.

Seguindo a ideia de analisar os três pilares do Método FB/FBC conforme maior ou menor justificação científica, parece-me correspondente que quanto menos justificado cientificamente, menos ele exige dos membros do “coletivo” de Capoeira terapêutica ou usa como técnica de explicação da cura, o que corrobora a citação de Tavares (2012) sobre os terapeutas médicos e os não médicos. Nesse sentido, Fernando parece ser bem mais flexível com relação à obrigação dos integrantes do referido “coletivo” em adotar integralmente hábitos alimentares e incorporar relações pessoais e sociais consistentes a sua prática, devido à fragilidade científica que torna, de certa forma, o Método FB/FBC um tipo de terapia contraditória.

Portanto, a resposta para a flexibilização direcionada ao segundo e ao terceiro pilar parece residir justamente em tal fragilidade provocada pela ausência de profissionais capacitados que possam atuar nessas esferas do conhecimento, já que ele não possui o domínio desses saberes e tampouco conta com o suporte de nutricionistas, psicólogos, antropólogos ou sociólogos em sua equipe de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados discutidos até aqui, podemos concluir que a desarticulação do “coletivo” Domingos de Angola após o falecimento de Felipe Esdras deu origem a duas práticas distintas entre si e em relação a outras práticas no universo da Capoeira local: o “Coletivo de Capoeira Terapêutica”, no espaço Viva Clínica, e o “Coletivo de Musicabilidade”, no Parque da Cidade. Alguns eventos são de suma importância para compreendermos a configuração de tais arranjos ao longo do tempo.

Em 2010, Felipe rompe com o “grupo” Oscapoeira e passa a seguir os fundamentos da Capoeira Angola tendo como uma das principais referências Mestre Ananias. Em 2014, ele conhece Fernando e a Clínica de Fisioterapia através da mediação de Osvaldo e passa a desenvolver um trabalho em conjunto com o primeiro, que mescla Capoeira e Fisioterapia. O resultado desse trabalho é a criação de um método terapêutico que tem como propósito fornecer qualidade de vida, melhora das performances esportivas individuais e, sobretudo, cura. Com o falecimento prematuro de Felipe em 2018, observou-se que muitos integrantes do “coletivo” Domingos de Angola acabaram dispersando-se em outros “grupos” da cidade – Romeu, por exemplo, ingressou no “grupo” Recriart Capoeira. Outros capoeiristas passaram a treinar sozinhos, como é o caso de Rua, que seguia Felipe desde os onze anos de idade e hoje encontra-se bastante

próximo ao Contramestre Sabiá e ao “coletivo” de musicalidade. Além disso, existem aqueles/as que se afastaram da prática, como Gaby, e aqueles que já eram vinculados a outros “grupos”, como Contramestre Buscapé e Professor Sílio, que mantiveram o pertencimento aos seus “grupos” de origem.

Fernando e Contramestre Sabiá são os ex-seguidores de Felipe que buscam dar continuidade ao legado do capoeirista a partir dos treinos/sessões realizados no espaço Viva Clínica e das oficinas promovidas no Parque da Cidade. Contramestre Sabiá mantém o interesse pela musicalidade e Fernando pela Fisioterapia, contudo, ambos atribuem sentidos distintos as suas respectivas práticas: em um caso é definida a partir do saber tradicional de velhos mestres, e em outro, a partir do saber biomédico da Fisioterapia.

Apesar de Contramestre Sabiá reforçar o desejo de assumir o interesse pela musicalidade, diferentemente de Felipe ele não se restringe à musicalidade da Capoeira Angola, inserindo a musicalidade da vertente denominada por Mestre Oscar de Capoeira “Anglo-Regional” como parte de sua prática (valor que obviamente estabelece distinção com a prática do “coletivo” instaurado por Felipe, uma vez que ele priorizava a musicalidade da CA). Por sua vez, Fernando mantém a relação com a Fisioterapia como um valor distintivo em relação a outras práticas de Capoeira instauradas na cidade. Contudo, diferentemente de Felipe que era considerado um exímio capoeirista, além de fisioterapeuta, Fernando passa a ter sua prática legitimada com base apenas no conhecimento

biomédico que detém. A gratuidade nos treinos/sessões e nas oficinas promovidas por ambos e a não obrigatoriedade de estabelecer vínculos de pertencimentos rígidos com relação a quem participa desses encontros atestam uma semelhança entre os dois “coletivos” e com a prática instaurada no “coletivo” Domingos, onde tudo começou.

O uso da categoria nativa “coletivo” em detrimento de “grupo” faz-se necessário para definir as relações que dão origem às práticas desses “coletivos”, no sentido de que estas são produzidas a partir de relações mantidas contextual e situacionalmente, nas quais os agentes assumem configurações identitárias provisórias. Contramestre Sabiá, por exemplo, encontra-se vinculado ao “grupo” Oscapoeira, mas, ao contrário de capoeiristas ligados a outros “grupos”, parece ter total liberdade e a permissão de Mestre Oscar para participar dos treinos/sessões realizados por Fernando na Clínica, sem que haja a negação do vínculo com seu “grupo” de origem, assim como ocorria na época em que mantinha relações com Felipe e o Domingos de Angola. Na realidade, a relação entre os capoeiristas com seus “grupos” é valorizada positivamente tanto por Contramestre Sabiá quanto por Fernando, uma vez que significa a ampliação de redes através das quais podem divulgar seus conhecimentos, produzidos nos “coletivos”, e angariar maiores seguidores e mesmo clientes em potencial.

Se por um lado não há como negar a influência do “coletivo” Domingos de Angola para a constituição e para o desenvolvimento atual dos dois “coletivos” aqui

apresentados, por outro, deve-se ter em mente que eles são, sobretudo, produtos do interesse e da trajetória particular de Fernando e de Contramestre Sabiá. Portanto, os trabalhos de ambos são distintos do trabalho de Felipe e apresentam-se de formas muito diferentes um do outro. Como vimos, o “coletivo” Domingos de Angola constituiu-se a partir da relação estabelecida entre Felipe e capoeiristas de diferentes “grupos”, dentre os quais os mais relevantes para nossa análise podem ser representados pelos “grupos” Oscanoeira, Alforria Capoeira, Escravos Brancos e Cordão de Ouro. Já os usos atribuídos à prática na Viva Clínica estão associados à esfera do mercado terapêutico de Teresina, uma vez que o Método FB/FBC é tratado como um tipo de serviço oferecido pela empresa de Fernando. Por sua vez, Contramestre Sabiá agrega um novo valor à prática no espaço público representado pela afirmação de uma vertente inusitada, a Capoeira “Anglo-Regional”.

No decorrer do trabalho de campo observei que tanto nos encontros organizados na Clínica de Fisioterapia quanto no Parque da Cidade não existe intenção de condicionar ou vincular tais práticas (treinos/sessões e oficinas de musicalidade) a um “grupo” X ou Y, ainda que muitos capoeiristas compareçam aos encontros em ambos os espaços com os trajes dos “grupos” aos quais mantêm pertencimentos rígidos. Os dois “coletivos” compõem arranjos autênticos e bastantes peculiares, especialmente quando comparados com outros segmentos do universo capoeirístico teresinense ou da Capoeira de outros estados.

Como já foi dito, essas práticas podem ser consideradas produtos da desarticulação do “coletivo” Domingos de Angola em virtude do falecimento repentino de Felipe, que se constituíram por meio da aliança e dos distanciamentos entre diferentes agentes, mantendo atributos e particularidades que operam como marcadores de sua identidade social. É esse “jogo” de identificações transitórias, postas em prática por meio do contato entre diferentes agentes, “grupos” e valores em contextos distintos, o responsável pela constituição de uma teia de relações sociais que dá origem ao “coletivo” de Capoeira terapêutica no espaço privado e ao “coletivo” de musicalidade no espaço público.

No entanto, algumas diferenças de cunho sociológico foram observadas entre os dois “coletivos”. Uma delas é pautada basicamente na qualidade das relações sociais e em seus respectivos valores. Ao passo que o “coletivo de musicalidade” constitui-se por laços afetivos entre os sujeitos que os aproximam de um modelo de relações comunitárias e coletivas, como é possível ver no gesto de dividir o almoço e de valorizar as vivências na rua através de metáforas familiares, o “coletivo terapêutico” é baseado em um propósito individualista e pragmático direcionado por uma lógica neoliberal, uma vez que tem seu foco no mercado terapêutico.

Outro ponto que merece nossa atenção diz respeito ao estabelecimento de um tipo de relação social não-recíproca entre Contramestre Sabiá e Fernando, explicada aqui sob o prisma de relações de poder entre os dois atores, no

sentido de que o primeiro atribui valor e procura o conhecimento biomédico que emerge da prática estabelecida pelo segundo, ao passo que o inverso não é verdadeiro. É como se a própria relação entre os “coletivos” representasse duas classes de oposição ideologicamente hierarquizadas e sobrepostas (fornecedores e fornecidos): uma delas de cunho socioeconômico (classe abastada, espaço privado X classe popular, espaço público) e outra de cunho epistemológico (saber tradicional X saber erudito).

Por outro lado, ambos os “coletivos” podem ser discutidos a partir de aspectos relativos a movimentos de ruptura, continuidade e reprodução cultural, uma vez que a cultura é encarada aqui enquanto algo dinâmico e/ou processual, ou seja, ao mesmo tempo em que mantém certos aspectos, é capaz de proceder a transformações. Nesse sentido, entende-se que a mudança cultural pode ser alcançada mediante ação individual ou coletiva e potencializada em contextos específicos, como em situações de crises/conflitos ou “dramas sociais”. O falecimento repentino de Felipe configurou-se como um tipo de “drama social” que provocou o rompimento, a continuidade e a reprodução cultural de certos valores instituídos no “coletivo” Domingos de Angola. Rompimento no sentido de que após sua morte os encontros nos parques cessaram, todavia, observou-se não só a continuidade de muitas ideias difundidas pelo referido capoeirista e levadas a cabo por Fernando, na VC Fisioterapia, e por Contramestre Sabiá, no Parque da

Cidade (cada qual ao seu modo), como também a reprodução cultural de alguns dos valores eleitos por Felipe.

Deste modo, o “coletivo” de musicalidade pode ser considerado uma espécie de continuidade da ideia de família, de comunidade e, sobretudo, de política enquanto ocupação do espaço público. Uma situação que representa bem a incorporação de valores afetivos pôde ser observada na ação simbólica em que a família de Felipe doou todos os instrumentos de sua bateria para Contramestre Sabiá. No caso do “coletivo” de Capoeira terapêutica, é possível dizer que o principal aspecto da continuidade está na valorização do indivíduo e do saber fisioterapêutico que é associado ao interesse econômico pautado por relações empregatícias entre patrão e empregado/funcionário, que caracterizava também a relação entre Felipe e Fernando.

Por fim, faz-se necessário ressaltar a possibilidade de realização de estudos futuros, sobretudo no que diz respeito à abordagem da Capoterapia, prática amplamente disseminada por muitos “grupos” de Capoeira da cidade de Teresina, que ainda não foi escopo da atenção de antropólogos na esfera local, mas que, devido a sua grande incidência, merece ser averiguada em obras ulteriores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. O. de; BONFIM, E. E; GUEDES, F. L. A. Práticas corporais, identidade e formação de habitus entre grupos e praticantes da capoeira e da dieta naturalista. **Vivência 51 Revista de Antropologia**. Natal, n. 51, p. 73-87, 2018.

ALENCAR R. R. B. de. (coord.). **Salvaguarda da roda de capoeira e do ofício dos mestres de capoeira**. Brasília: IPHAN, 2017.

AUETU! A Capoeira no Fio da Navalha. Direção: André Silvério. Produção: Zé Pedro. Snato André: Cândência Filmes, 2014. 1 vídeo (59 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DcqTrD5hUUo>. Acesso em: 22 abr. 2020.

AYRES, N. Pilates: o que é, para que serve, exercícios e benefícios. **Minha Vida**, c2006. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/fitness/tudo-sobre/31653-pilates>. Acesso em: 19 jul. 2019.

AYRES, N. Dieta mediterrânea: o que é, como fazer, cardápio e benefícios. **Minha Vida**, [2020a]. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/alimentacao/tudo-sobre/22966-dieta-mediterranea>. Acesso em: 10 abr. 2020.

AYRES, N. Dieta paleolítica: o que é, o que comer e como começar. **Minha Vida**, [2020b]. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/alimentacao/>

[tudo-sobre/16359-dieta-paleolitica](#). Acesso em: 10 abr. 2020.

BRAGA, J. de C. F; SALDANHA, B. de S. Capoeira: da criminalização no código penal de 1890 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada. *In*: CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, 23., 2014, João Pessoa. [Anais...]. João Pessoa: UFPB, 2014. p. 1-26.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm. Acesso em: 5 maio. 2019.

BRASIL, Ministério da Cultura/IPHAN. **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Dossiê. 2007. p. 94. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossiê_capoeira.pdf. Acesso em: 16 agos. 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo país. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 5 maio. 2020.

BRITO, C. de. **A roda do mundo: a capoeira angola em tempos de globalização**. Curitiba: Appris, 2017.

BRITO, C. de. **A transnacionalização da capoeira angolana**: uma etnografia sobre a geoeconomia nativa. 2015. 315 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BRITO, C. de. La mandinga? c'est dur, mais ça m'échappe!: exercício antropológico sobre concepções de franceses e brasileiros acerca da mandinga na Capoeira Angola. *In*: ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES SOBRE CUERPOS Y CORPORALIDADES, 1., 2012, Buenos Aires. **Actas [...]**. Buenos Aires: UNR, 2012. p.1-16.

CALDAS, A. **Valentia e Linhagem**: uma história da capoeira. Curitiba: Appris, 2018. p. 47.

CANTELLI, S. Dieta paleolítica – Dr. Rey. **Sobre Mulher**, 12 out. 2016. Disponível em: <https://sobremulher.wordpress.com/2016/10/12/dieta-paleolitica-dr-rey/>. Acesso em: 10 maio 2020.

CAPOTERAPIA. Que é capoterapia. 2020. Disponível em: <https://capoterapia.com.br/portal/index.php/about-joomla/capoterapia-sua-hist%C3%B3ria/sobre-capoterapia.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CRESSONI, F. E. de G. **A Capoeira contemporânea**: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências da Universidade

Estadual Paulista (UNIP), Rio Claro, 2013. p. 22-23, 76-79.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAS, V; POOLE, D. El estado y sus márgenes: etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, Santa Fé, n. 27, p. 19-52, 2008.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** V. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

FERRAZ, G. S. **Somaterapia e contracultura: criação e desenvolvimento de uma técnica terapêutica no Brasil dos anos 1970.** 2018. 214 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2018.

FERREIRA, N. da V. Corpo e performance na capoeira angola. *In: JORNADAS SANTIAGO WALLACE DE INVESTIGACIÓN EN ANTROPOLOGÍA SOCIAL*, 7., 2013, Buenos Aires. [Actas...]. Buenos Aires: UBA, 2013. p. 1-18.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAVET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de campo**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 1-14, 2005. p. 159.

FRIGERIO, A. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 1-20, 1989.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GLUCKMAN, M. Parte III: A história na análise e reconstrução de processos sociais. *In*: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **A antropologia das sociedades contemporâneas:**

métodos. São Paulo: Global, 1987. p. 227-344.

GOLDMAN, M. Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de Ilhéus. *Mana*, Rio de Janeiro, p. 57-93, 2001.

GOLDMAN, M. Tambores dos mortos e tambores dos vivos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 445-476, 2003.

GUERRA, M. “Capoeira na rua”. **Revista Capoeira**. São Paulo, n. 13, p. 1-3, 1998.

LEFISC. **Associações sem fins lucrativos - Código Civil**. [2007]. Disponível em: <http://www.lefisc.com.br/materias/2007/122007societarios.htm#quatro>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares da na Manguetown. **Revista**

Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 116-134, 2002.

LIMA, R. K; LIMA, M. A. Capoeira e cidadania: negritude e identidade no Brasil Republicano. **Revista de Antropologia/USP**, São Paulo, n. 34. p. 143-182, 1991.

MALINOWSKI, B. Os argonautas do pacífico ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MASCARELLO, M. L. **Capoeira no Brasil: crime ou identidade nacional?** *In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARTICIPAÇÃO, DEMOCRACIA E POLÍTICAS PÚBLICAS: aproximando agendas e agentes*, Araraquara, 2013. [**Anais...**]. Araraquara: UNESP, 2013. p. 1-25.

MONTEIRO SILVA, I.; NASCIMENTO, R. Capoeira, cidade e cultura: notas etnográficas sobre ocupações criativas em Fortaleza-CE. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 29, p. 55-71, 2017.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

OLIVEIRA, R. C. O ofício do antropólogo ou como desvendar evidências simbólicas. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, p. 9-30, 2006.

REIS, L. V. de S. O jogo de identidades na roda de Capoeira paulistana. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 13, p. 1-11, 2013.

RUSSO, J. **O mundo psi no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SALES, J. O que é RPG e para que serve? **Médico Responde**, c2016. Disponível em: <https://medicoresponde.com.br/o-que-e-rpg-e-para-que-serve/>. Acesso em: 19 jul. 2019.

SEJA Vegano. **O que é veganismo?** [2020]. Disponível em: <https://www.sejavegano.com.br/#oqueveganismo>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SILVA, R. C. da. **As narrativas dos mestres e a história da capoeira em Teresina /PI: do pé do berimbau aos espaços escolares**. 2012. 308 f. Tese (Doutorado em História da Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2012.

SILVA, Childer N. P.; BRITO, Celso de. Da política nativa à política formal: a capoeira angola teresinense e o valor da ocupação do espaço público. **Revista FSA**, Teresina, v. 17, nº 8, art. 3, p. 48-68, ago. 2020.

SOUSA NETO, M. de. “Entrando na roda”: História e memória da capoeira em Teresina – PI (1970-1990). **Vozes, Pretérito & Devir**, Teresina, v. 1, n. 1, p. 92-106, 2013.

TAVARES, F. **Alquimistas da cura: a rede terapêutica alternativa em contextos urbanos**. Salvador: Edufba, 2012.

VASSALO, S. P. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira “autêntica”. **Estudos Históricos**,

Rio de Janeiro, n. 32, p. 106-124, 2003.

VIVA CLÍNICA. **Serviços**. [2019]. Disponível em: <https://vivafisioterapia.com.br/index.php?pg=servicos&idServi-co=5>. Acesso em: 19 jul. 2019.

WAGNER, R. Existem grupo sociais nas terras altas da Nova Guiné. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 19, p. 237-257, 2010. p. 244.

ZONZON, C. N. Capoeira angola: africana, baiana, internacional. *In*: MOURA, M. **A larga barra da baía**: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 130-165. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wnm5w/pdf/moura-9788523212094-05.pdf>. Acesso em: 30 nov. de 2018.

O livro "Coletivo Domingos de Angola: a capoeira teresinense entre o público e o privado" trata de uma das questões caras à Antropologia: a formação de "tradições" mediante processos que envolvem continuidades e rupturas históricas e suas consequentes relações de poder [...] Através de uma etnografia de considerável fôlego, o autor nos mostra a complexa tessitura envolvendo uma arte afro-brasileira, tradicionalmente agregada a um conjunto definido como "saberes tradicionais e/ou marginais", ambientado e performatizado tradicionalmente na "rua" (espaços públicos), e um "saber biomédico" majoritariamente dominado por sujeitos de classes mais abastadas e praticado em clínicas (no caso tratado aqui, em espaços privados) [...].

Prof. Dr. Celso de Brito
(PPGAnt/UFPI).



Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduado em Ciências Sociais pela mesma instituição onde realizou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) abordando a temática da violência no cinema, é membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Política (GAP) desde 2018 sob a coordenação do Professor Celso de Brito no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt-UFPI). Produtor cultural e co-fundador do Grupo de Tambor de Crioula Mangacrioula de Teresina-PI, integrante do Núcleo de Capoeira Angola Zimba-Teresina e colaborador do Centro de Folclore e Arte Popular/Museu Folclórico Dinâmico da cidade de Caxias-MA (CEFOL).



A capoeira, em sua complexidade, apresenta-se como uma “chave de leitura” do mundo social, em seus percursos históricos e também em seus contornos atuais. A pesquisa de Childer Silva - mobilizada a partir de uma robusta etnografia, explorando as possibilidades de seu “duplo vínculo” - é um excelente exemplo do exposto ao tematizar a dinâmica constitutiva do próprio campo da capoeira, com suas tensões, negociações e disputas identitárias, articulada a um “fazer-cidade”, à consideração dos espaços urbanos como palcos e, igualmente, matérias para expressões plurais de capoeira. Assim, temos aqui mais um importante contributo para pensarmos tal arte “para além das pernadas”.

Prof. Dr. Igor Monteiro Silva (UNILAB).

A dissertação agora publicada já havia se tornado, desde a sua defesa, leitura indispensável. Guiado pela escrita ágil e clara, o leitor vai conhecer a potência da capoeira de Teresina, pois o estudo revela a persistência de certas preocupações, em uma consistência que se ancora num engajamento com a consideração da dimensão do poder do diálogo entre os saberes capoeirísticos e biomédicos. Essas páginas nos põem frente a frente com movimentos e agenciamentos dos “coletivos” de capoeira que se constituem na cidade e a etnografia realizada atesta seu vigor, assim, fica o convite para que os leitores dela se apropriem.

Prof. Dr^a. Marcia Leila de Castro Pereira (PPGAnt/UFPI)

